



REQUALIFICAÇÃO DA ÁREA DA USINA BOM JESUS
RIO DAS PEDRAS-SP

ALESSANDRA MERLOTTO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

ALESSANDRA MERLOTTO

REQUALIFICAÇÃO DA ÁREA DA USINA BOM JESUS EM RIO DAS PEDRAS- SP

Trabalho apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Graduação II, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências e Tecnologia- UNESP- Campus de Presidente Prudente.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Hirao.

Coorientador (a): Aline Anhesim.

PRESIDENTE PRUDENTE

2016

RESUMO

Este trabalho propõe um projeto de requalificação para a área da Usina Bom Jesus, na cidade de Rio das Pedras-SP. A área tem localização privilegiada na malha urbana e encontra-se desativada, apresentando em seu interior toda a estrutura de uma usina sucroalcooleira. A arquitetura industrial dos seus edifícios, datados da década de 1950, remetem ao histórico de desenvolvimento econômico, urbano e social da cidade.

Dessa forma, a partir das análises da área e de seu entorno, do estudo das teorias de restauro, das referências projetuais e da legislação incidente foi desenvolvido um novo projeto de intervenção, tanto para os edifícios quanto para os espaços abertos do local. Neste projeto as antigas estruturas passam a embasar as novas intervenções, abrigando programas especiais que visam desenvolver o uso e suprir as necessidades da população, principalmente nas áreas educacionais e de lazer.

Dessa maneira o espaço trará novas opções à cidade, preservando seus suportes materiais de memória.

Palavras- chave: arquitetura industrial, patrimônio, requalificação.

SUMÁRIO

RESUMO.....	01
1 INTRODUÇÃO.....	04
2 FUNDAMENTAÇÃO.....	08
2.1 As Teorias da Restauração.....	09
2.2 O Restauro do Patrimônio Industrial	16
3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	19
3.1 A Cidade de Rio das Pedras.....	20
3.2 Usina Bom Jesus S/A.....	23
4 O RECORTE ESPACIAL.....	25
4.1 A Evolução Urbana.....	26
4.2 Análise do Entorno.....	28
4.3 A Cultura e o Lazer em Rio das Pedras.....	38
5 A ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	44
5.1 Percepções visuais da Área.....	45
5.2 Inventário.....	50
6 REFERÊNCIAS.....	62
6.1 Sesc Pompéia.....	63
6.2 Conjunto KKKK.....	69
6.3 Landschaftspark Duisburg Nord.....	76
7 DIRETRIZES LEGAIS.....	81
8. O PROJETO.....	87

8.1 O Parque	88
8.2 O Centro de Formação Técnica.....	93
8.3 As Ruínas	102
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	109

1. INTRODUÇÃO

Introdução

O presente trabalho desenvolve a partir de estudos conceituais e práticos um panorama da área da Usina Bom Jesus, localizada na cidade de Rio das Pedras-SP. Este é a base para ações projetuais de requalificação que serão desenvolvidas ao longo deste trabalho.

O projeto objetiva principalmente o reestabelecimento do uso, tal como aparece na Carta de Nizhny Tagil, que afirma ser esta a maneira mais efetiva de conservação do patrimônio. Neste trabalho são criadas ações que visam atender a necessidade de preservação do patrimônio industrial (suas estruturas, representatividade histórica e as etapas do processo de fabricação), com o suprimento dos setores de atividades carentes do cotidiano rio-pedrense. Busca-se portanto, introduzir o bem histórico na vivência das pessoas, gerando sentimentos de pertencimento, assim como a conscientização da importância da preservação do bem para as futuras gerações

A Usina, implantada na década de 1950 estende-se por aproximadamente 100.000 m², apresentando cenários privilegiados que mesclam o construído com o natural, sendo este fortemente consolidado a partir do encerramento das atividades industriais, no final da década de 1980. Assim, o projeto busca a preservação desta ambiência, enfatizando a arquitetura industrial através da criação de caminhos e percursos, de novos e diversos usos, além de ressaltá-la através do contraste com as novas estruturas propostas. As atividades que serão oferecidas foram pensadas para atender diversos públicos, ampliando assim as relações existentes entre a área e a cidade.

Seguindo as disposições legais, novos usos institucionais foram instalados em conjunto com os preexistentes, criando rotinas diferentes de apropriação da área.

Para elaboração de tais propostas, o estudo sobre diversas perspectivas mostrou-se necessário, para que uma visão completa fosse obtida, com seus problemas, necessidades e potencialidades.

Diante disso, este trabalho se desenvolve a partir da revisão bibliográfica da teoria do restauro, buscando discutir sua evolução com base no pensamento dos diversos teóricos e das recomendações das cartas patrimoniais. Tais estudos focam-se no restauro voltado ao patrimônio industrial e buscam assinalar as concepções aceitas neste campo de estudos.

Após esta etapa, parte-se para o entendimento da área do projeto e de seu entorno. Assim, foram elaborados levantamentos históricos da cidade de Rio das Pedras e da formação da Usina, baseados em fotos, estudos, e relatos escritos. Foi possível, fundamentando-se nesses, levantar o panorama da evolução da cidade a partir da implantação do bem. Após o entendimento da conformação urbana a partir da atividade industrial instalada, foram desenvolvidos estudos da situação do entorno da Usina, analisando como este se conforma após o encerramento das atividades. Tais análises desenvolveram-se através de imagens de satélite, onde foi mensurado o grau de adensamento das edificações e da vegetação, além da classificação dos usos e do gabarito do entorno imediato. Percepções foram elaboradas a partir da visão do pedestre, onde os fluxos, percursos e acessos puderam ser analisados. Nesta etapa, foram levantadas também, as principais necessidades e os desejos da população, as quais posteriormente foram contempladas em projeto.

Entendidas as condições do entorno, foram feitas análises da área de intervenção deste projeto. Para isso, análises fotográficas e de percepção foram desenvolvidas a partir de visitas de campo que permitiram inventariar os edifícios implantados e seu estado de conservação.

Baseando-se nesses dados, portanto, inicia-se a atividade projetual. Dessa forma este projeto propõe o desenvolvimento de um parque dentro das dependências da Usina. Foi necessário, a partir das conclusões dos estudos anteriores, determinar quais estruturas poderiam receber novas intervenções e usos, e a partir dessa avaliação alguns edifícios tiveram de ser removidos. Uma nova disposição do parque é formada, onde este é setorizado a partir das atividades instaladas. Dessa maneira o parque passa a oferecer um novo sistema de atividades, que garantem um regime de uso diversificado, permitindo uma ocupação de maior efetividade.

O novo sistema se divide nas seguintes propostas: a permanência da empresa de soldagens que já atua na área, agora em um espaço delimitado; a instalação de um Centro de Formação Técnica nos antigos barracões de depósito de açúcar ; e o novo Parque, projetado com novos caminhos , elementos e diretrizes de ocupação que garantam ao visitante explorar todos os elementos da área.

Detalha-se nesse trabalho, portanto, alguns desses elementos, com foco principalmente no desenvolvimento dos espaços e nas futuras diretrizes para o parque; no projeto do Centro de Formação Técnica e na intervenção sobre os edifícios em ruínas, com a implantação de passarelas e observatórios.

As ações citadas aqui, têm, portanto, o objetivo de devolver o uso à área, no intuito de conservar o bem histórico, colocando-o em evidência nas ações projetuais, valorizando-o e proporcionando novos olhares sobre esse.

2. FUNDAMENTAÇÃO

2.1 As Teorias da Restauração

Há algum tempo, os prédios e sítios históricos começaram a receber maiores atenções devido à importância de preservar e transmitir para o futuro, os valores históricos e culturais intrínsecos à obra. Dessa preocupação, surgem linhas de pensamento que desenvolveram diferentes teorias de tratamento, preservação e restauração.

O campo de estudos do restauro começa no Renascimento, quando se toma especial interesse pelas obras da Antiguidade; evoluindo e consolidando-se especialmente no final do século XVIII, início do século XIX. Antes disso, no século XVII, conceitos iluministas passaram a valorizar a visão histórica do passado, ampliando a importância da preservação dessas obras para com o futuro.

No final do século XIX, países europeus começaram a ter seu patrimônio ameaçado, como reflexo principalmente da Revolução Industrial- esta provocou drásticas transformações no cenário urbano, visto que este evoluía rápida e descontroladamente. Assim, o tratamento que os prédios sofriam, antes apenas como correções ou adaptações, passa a ser pensado de forma sistematizada, evoluindo, até chegar ao pensamento atual.

A Itália sempre figurou como uma das pioneiras no campo da restauração. Suas primeiras ações começam ainda no período renascentista, com o interesse pela antiguidade clássica. Já no século XVII, durante o período napoleônico, aflora-se o interesse em Roma e na arquitetura românica. Nesta época desenvolve-se o chamado “restauro arqueológico”, onde escavações arqueológicas eram feitas de forma sistêmica, e algumas ações de consolidação começam a ser elaboradas para edifícios antigos.

Já na França, ações efetivas começam a ser tomadas no final do século XVIII, onde o Estado começa a legislar sobre a preservação das obras de arte e arquitetura que vinham sendo ameaçadas pela Revolução Francesa. É na evolução deste contexto que surge no país, em meados do século XIX um dos primeiros e mais importantes teóricos da restauração: Emmanuël Viollet –le- Duc. Sua teoria, apesar de ter sido criticada no decorrer do tempo, teve especial importância por ser pioneira no campo do restauro. Para Le-Duc, restaurar um edifício não seria fazer

sua manutenção ou reparo, mas sim restabelecê-lo em um estado completo, ou seja, escolhendo um tempo e um estado ideal e conformando todo o edifício neste, podendo, desta forma, o resultado da modificação nunca ter existido. Destacava a necessidade do estudo detalhado do edifício, e dava diretrizes para os materiais a serem empregados nas novas modificações, que deveriam ser de qualidade superior. As características estruturais originais deveriam ser mantidas, sendo cada caso avaliado individualmente. As hipóteses deveriam ser abolidas, devendo todo o trabalho ser embasado em dados concretos.

Sua teoria recebeu críticas também pela forma como foi adaptada por seus seguidores, que usaram da liberdade com que o documento histórico era tratado para tomar atitudes bastante radicais.

No mesmo período em que se desenvolviam essas ideias, surge na Inglaterra um movimento contrário. Este tem como principal representante John Ruskin, e defende a preservação da matéria original levando em conta todas as modificações e ampliações do monumento. Praticava-se o respeito absoluto pela edificação, onde podia-se verificar uma atitude quase de repulsa por qualquer tipo de intervenção. A postura era, portanto, de contemplação, mesmo que isso representasse a perda do edifício. A ideologia de Ruskin também voltou os olhares para um escala mais abrangente de preservação, criticando a destruição dos conjuntos urbanos e ocupando-se, também da arquitetura vernacular.

Em meio às díspares opiniões de Viollet-le- Duc e Ruskin surgem, no século XIX, ideias mais conciliadoras, de autoria do italiano Camillo Boito. Este concebia o monumento como um documento, que deveria ter suas adições e modificações do decorrer do tempo preservadas, inclusive salvaguardando-se as marcas da própria passagem do tempo (pátina).

Dizia que os monumentos deveriam ser preferencialmente consolidados a reparados, e reparados a restaurados. Todas as intervenções deveriam ser fundamentadas em documentos, arquivos, e na própria análise da construção. Estas intervenções deveriam ser feitas somente quando extremamente necessárias e de maneira a ser distinguíveis do material original, sem alterar o equilíbrio da composição. Deveriam ainda, ser devidamente documentadas para que no futuro

fosse facilitada a identificação das mudanças realizadas. Neste contexto, Camillo Boito ajuda a elaborar a Carta da Restauração da Itália de 1883, aplicando nela suas teorias.

No contexto do restauro o século XIX, cabe-nos dar atenção também à obra dos austríacos Camillo Sitte e de Alois Riegl. Sitte desenvolve suas teorias com foco na escala urbana, principalmente do tecido das cidades antigas, defendendo-os também como patrimônio que merecia ser preservado. Já Riegl, fundador da contemporânea historiografia da arte, aponta em sua obra os diferentes pontos de vista que se pode ter do monumento. Classifica-os em valores de “memoração”; subdividido em valor de “antiguidade”, “histórico” e de “memoração intencional”; e valores de “contemporaneidade”, dividido em “valor de uso” e “valor artístico”, dividindo este último em “valor de novidade” e “valor artístico relativo”. Estas teorias tiveram importância em evidenciar a não existência de apenas uma postura totalmente aceita quanto à conservação/ restauração, e sim várias soluções, visto que cada caso é um caso.

No século XX, após anos da elaboração das teorias de Boito, terão destaque a Carta de Restauração de Atenas de 1931 e os trabalhos de Giovannoni (estes inspiraram a Carta de Restauração Italiana de 1932).

Gustavo Giovannoni, no início da década de 1930, reelabora a teoria de Boito, chamado, hoje, de “restauro científico”. Dá, portanto, grande importância aos valores históricos e documentais do monumento, tendo esses maior importância que os elementos formais. Corrobora ainda os valores de salvaguarda do monumento, através da manutenção e da consolidação e aponta a reconstituição somente a casos estritamente necessários. Preocupa-se com a preservação de todas as épocas do edifício, e com a distinguibilidade das consolidações a serem feitas. Nos casos de adições completamente novas, sugere que estas sejam modernas, simples e de valor estilístico neutro, que não harmonize, nem contraste com o antigo. Em sua obra, classifica sistematicamente os casos de restauro, como: restauros de consolidação, restauros de recomposição (anastilose), restauros de liberação e restauros de completamento e renovação.

Já a Carta de Restauro de Atenas, contemporânea às teorias de Giovanonni, abre as perspectivas de conservação não só aos monumentos históricos, mas também à malha urbana e à preservação das perspectivas que incidem sobre o sítio histórico. Para os monumentos, reforça a necessidade do inventário e dita a importância do uso como fator primordial para sua manutenção e sobrevivência. A ideia de reconstituições integrais é abandonada e sugere-se que a conservação dos edifícios seja assegurada por manutenções regulares. O restauro, caso seja indispensável, deve obedecer ao respeito à obra histórica artística do passado, sem se esquecer de nenhuma época presente na edificação.

Em 1939 tem início a Segunda Guerra Mundial, a qual espalha um cenário de devastação por toda a Europa. As cidades precisaram ser reconstruídas, o que inviabilizou o método do restauro científico, que demandava muito tempo, material e recursos financeiros para executá-lo. Dessa forma, adota-se a postura de tentar salvar o máximo possível, somente abandonando um edifício em caso de destruição total. O valor histórico e documental do restauro científico são, portanto, postos à prova, passando a ter mais valor os aspectos artístico e estético desta, e a mensagem formal que por ela é transmitida. A partir deste momento, cada caso passa a ser analisado particularmente, de forma crítica, dando origem ao restauro crítico.

Este surge em meados da década de 1940 e tem como principais teóricos Cesare Brandi, Roberto Pane, Renato Bonelli e Pietro Gazzola. Bonelli explica que novo movimento tende a individualizar o valor do monumento, analisando de modo crítico, seu potencial artístico. As intervenções tem o objetivo de reintegrar e conservar o valor expressivo da obra, e somente quando as destruições forem expressivas, não é possível a recuperação do monumento, pois como obra de arte, não é possível de esta ser realizada duas vezes. Seus critérios de intervenção são: a necessidade de eliminar sobreposições e adições que lesem a unidade arquitetônico- figurativa; a proibição de reconstruir quando a obra já perdeu as características que a definia; e as reconstruções deveriam ser legítimas quanto à autenticidade.

Já Brandi, escreveu textos que influenciaram, e ainda influenciam as teorias de restauro atuais. Sua obra é precursora da Carta do Restauro Italiana de 1972, e

aborda, como ponto de destaque a restauração de produtos industriais. Estes deveriam ter a sua funcionalidade recuperada, diferentemente das restaurações de obras de arte (nesta devia-se considerar os aspectos estéticos e históricos, para a conservação da autenticidade material e para o reestabelecimento da unicidade da obra). Para Brandi (1977), o aspecto estético deveria ser sempre prioritário sobre o histórico. A obra de arte condicionaria a restauração e não o contrário. Elabora então, dois axiomas:

1º. “o restauro constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física, e na sua dupla polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão ao futuro”;

2º. “o restauro deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar qualquer traço da passagem da obra de arte no tempo”.

Assim, no restauro crítico, as escolhas de atuação do restaurador seriam feitas após uma detalhada análise crítica dos aspectos históricos e estéticos da obra. Neste contexto surge a Carta de Veneza em 1964, adotada pela ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios- em 1965. Desde a sua elaboração até os dias atuais, foi amplamente difundida, figurando ainda como referência. Apresenta uma síntese das teorias elaboradas até o momento, esclarecendo a terminologia e estabelecendo princípios válidos internacionalmente, mas que deixam margem para cada país empregá-la de acordo com a sua realidade cultural.

Em seus princípios, concorda com o restauro crítico, quando defende a preservação da obra de arte e do testemunho histórico durante o processo de restauro. Neste quadro, define a manutenção do monumento como ação constante, devendo este tornar-se útil a sociedade. O conceito de monumento histórico passa a ser estendido para os ambientes urbanos e rurais e para o entorno das obras, até das mais modestas, com especial importância cultural. Afirma também que o monumento é inseparável da sua história, e só pode ser removido de seu lugar original, se desta ação depender a preservação do bem, e somente em casos de grande interesse nacional e internacional.

A carta define a restauração como campo multidisciplinar, onde todos os ramos do conhecimento devem participar. Esta, no entanto, só deveria trabalhar com certezas, e “terminar onde começam as hipóteses”. As intervenções devem trazer a marca da sua época, com o uso de técnicas modernas, respeitando todas as contribuições dos tempos passados. A unidade de estilo, não é, neste caso, o objetivo da restauração. Para as ruínas, recomenda a anastilose, proibindo-se assim as reconstruções.

Em seu último artigo adverte que todos os trabalhos sejam feitos baseando-se seriamente nos documentos históricos e todo o processo a ser realizado seja da mesma forma documentado, para posteriormente ser disponibilizado à pesquisadores e aos órgãos públicos competentes.

Após a elaboração das diversas teorias, observou-se nos anos 1960 a ampliação do interesse pela preservação dos monumentos históricos, influenciando na elaboração de novas leis nos diversos países. Assim, nos dias atuais, reitera-se a importância de todo o ambiente urbano e rural, dando destaque ao tecido urbano, a arquitetura vernacular, ao patrimônio industrial e a herança do movimento moderno.

Tal abrangência acabou por aumentar, e muito, o número de preservações e ambientes que passaram a ser considerados como patrimônio histórico, gerando alguns entraves. A decisão de se preservar todo e qualquer edifício com algum tipo de valor (histórico ou estético) passou a ser repensada. Assim, no cenário atual, temos correntes a favor e contra o preceito do restauro crítico que dá preferência aos valores estéticos sobre os históricos, surgindo grupos, portanto, que dão preferência ao segundo caso.

Tais divergências não discordam, no entanto, que a preservação dos monumentos históricos, como ato de cultura, deve basear-se no respeito à materialidade das obras, levando como preceitos fundamentais do restauro a mínima intervenção, a reversibilidade e a distinguibilidade. O restauro é considerado ainda como ato crítico, que deve ser baseado na sua história. A preservação do patrimônio histórico assume valores sociais e econômicos no ambiente em que se insere proporcionando maior interesse de preservação desses bens pela sociedade,

que tem de lutar contra a ameaça da rápida evolução, principalmente, dos centros urbanos.

2.2 O Restauro do Patrimônio Industrial

A partir das teorias do restauro crítico e da elaboração da Carta de Veneza de 1964, a questão da preservação do patrimônio industrial entra em evidência. Segundo Kühl (1998), o patrimônio industrial costuma configurar-se em grandes áreas, incluindo estruturas hoje inativas, que correm risco eminente pela expansão urbana e pela ação da especulação imobiliária. Estes fatores de risco podem desaparecer não só com a materialidade arquitetônica das áreas como também com seus produtos, detalhes da produção e do trabalho humano, integrada a elas.

Podemos destacar a Inglaterra como pioneira no processo de restauro das estruturas industriais, fato este totalmente compreensível quando analisamos a importância da industrialização, devido a Revolução Industrial. É na Inglaterra, também, que surgem os primeiros órgãos de pesquisa e as primeiras associações de proteção do patrimônio industrial. Tais interesses se espalham pelos países, como os Estados Unidos, Suécia, Alemanha, Áustria, França, Itália, Portugal e Espanha; acontecendo as primeiras conferências internacionais do tema no início dos anos 1970. (KÜHL, 1998)

Hoje, após quatro décadas de discussões, conclui-se que o campo de estudo do patrimônio industrial engloba pesquisas multidisciplinares que devem analisar as edificações, suas tipologias, distribuições, materiais, documentos históricos e testemunhos orais sob a ótica de diversas ciências, como a história, a engenharia, a arquitetura e o urbanismo, a geografia, entre outras, onde estas devem dialogar e completar-se entre si. (KÜHL, 1998)

É documento de referência para a compreensão da abordagem contemporânea do patrimônio industrial a carta de Nizhny Tagil, elaborada em 2003 na Rússia, pelo TICCIH (Comitê Internacional para Conservação do Patrimônio Industrial). Esta enfatiza a importância do movimento industrial pela intensa mudança que provocou na história da humanidade, defendendo o estudo e conservação dos seus elementos. Como recorte espacial de estudo, delimita o período que vai de meados do século XVIII, o início da Revolução Industrial, até os dias atuais.

Aponta como alvo da preservação os edifícios e as estruturas, seus processos e utensílios, as localidades e paisagens a qual se inserem, assim como todas as outras manifestações tangíveis e intangíveis. Sua história deve ser estudada a fim de ser difundida ao grande público, e os exemplos mais significativos devem ser inventariados, protegidos e conservados, seguindo os preceitos da Carta de Veneza.

O termo *arqueologia industrial* é por ela definido como um método interdisciplinar que estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefatos, a estratigrafia e as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas, criadas para ou por processos industriais, devendo-se utilizar métodos de investigação adequados para a compreensão do passado e do presente industrial. Define ainda, o termo *patrimônio industrial* como aquele que compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico, devendo estes englobar os edifícios e a maquinaria; as oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refino, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte, e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, como habitações, locais de culto ou de educação. O patrimônio industrial deve, portanto, fazer parte do patrimônio cultural geral.

O inventário é estabelecido como medida inicial da preservação dos bens históricos industriais, devendo ser de fácil acesso pelo público, incluindo-se também os meios online na divulgação dos estudos. Estes devem conter descrições, desenhos, fotografias, registros em vídeo e memórias dos moradores, além da investigação arqueológica do sítio. O processo de documentação também deve continuar durante todas as etapas do projeto, devendo-se registrar todas as intervenções.

Ainda para a proteção, determina a implantação de medidas legais, administrativas e financeiras, assim como ressalta a importância da cooperação dos diversos setores da sociedade, desde as entidades que se relacionam no âmbito internacional, passando pelas autoridades nacionais, regionais e locais, chegando

até a comunidade local. Busca diminuir, assim, o risco corrente desses sítios, facilitando os projetos de restauro e reutilização.

No âmbito das intervenções nos bens do patrimônio industrial, entende-se que estas não devem comprometer a integridade histórica ou funcional do mesmo, sempre prezando pela valorização da autenticidade do bem. As adaptações e reutilizações deverão ser reconhecidas como instrumentos capazes de assegurar a conservação, desde que sejam elaborados de forma coerente, baseando-se no respeito ao material específico e os esquemas originais de circulação e de produção. Estas devem ser reversíveis e provocando um impacto mínimo no contexto de inserção. Recomenda-se ainda que a adaptação evoque, de alguma forma, a antiga atividade, e para a manutenção da autenticidade, a conservação *in situ* deve ser priorizada, com a preservação das máquinas e dos componentes essenciais no lugar original. Deve ser promovida a preservação dos registros documentais, arquivos empresariais, plantas de edifícios e exemplares dos produtos industriais, podendo esses ser organizados em museus técnicos e industriais.

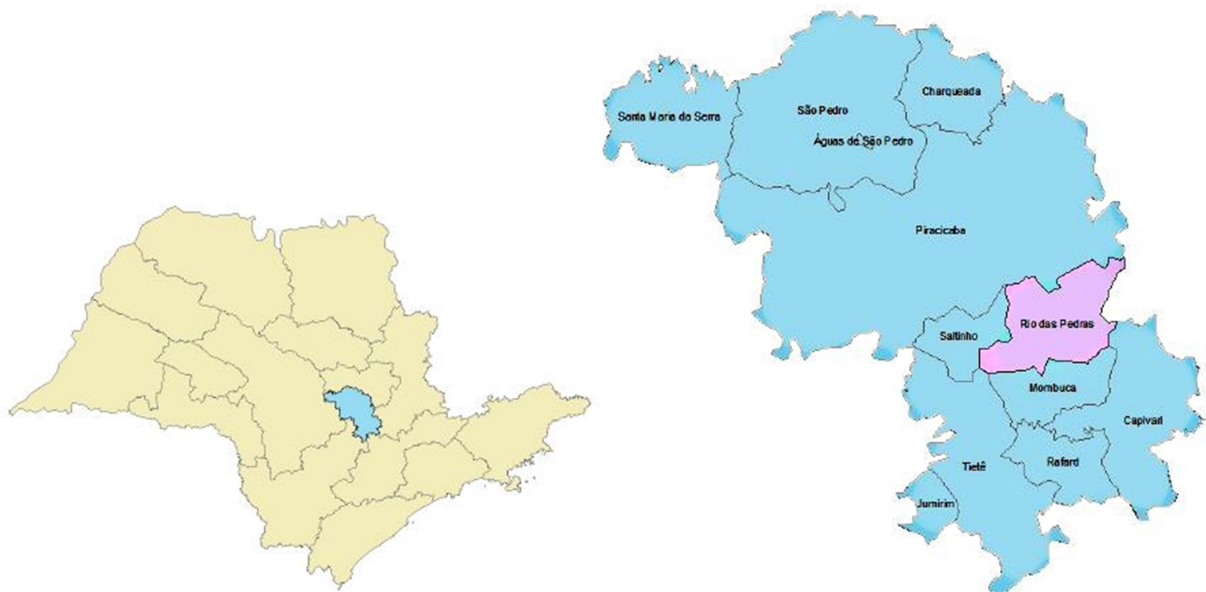
Desse modo, com a evolução dos estudos e do interesse pelo patrimônio industrial, cresce também o número de projetos de intervenções e restauro. Hoje em dia esses edifícios recebem diversos usos, como centros culturais, teatros, escolas, habitações, parques, e muitos outros. Dessa forma, passam a reintegrar o cenário e a vida cotidiana da comunidade, regenerando o sentimento de posse das comunidades, muitas vezes trazendo também, benefícios econômicos a essas regiões.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

3.1 A Cidade de Rio das Pedras

Localizada a centro-leste do estado de São Paulo, Rio das Pedras faz divisa com as cidades de Piracicaba (Oeste e Norte), Mombuca (Sul), Tietê (Oeste) e Santa Barbara D'Oeste (Leste). Em 227 km² de território abriga uma população estimada de 32.000 habitantes (IBGE, 2014) e pertence à região de governo de Piracicaba.

Figuras 1 e 2 – Localização da Região de Governo de Piracicaba no Estado de São Paulo e Rio das Pedras em destaque na região.



Fonte: UFSCAR- Plano Diretor Participativo de Rio das Pedras (2006).

Sua implantação tem início durante o século XVII, quando a Coroa Portuguesa passou a fazer concessões dos territórios inexplorados do país, para desenvolver novos povoados e atividades econômicas visando gerar rendimentos à monarquia. Tais porções de terra receberam o nome de Sesmaria. A região onde posteriormente se desenvolveria Rio das Pedras pertencia à sesmaria de Piracicaba, propriedade de Felipe Cardoso desde 1728. (UFSCAR, 2006)

Enquanto povoado, às margens do ribeirão que corta a cidade - o Tijuco Preto- funcionavam pousos aos tropeiros. Nasce de um desses pousos a lenda de nomeação da cidade: as filhas de Pedro (dono do pouso) passaram a ser chamadas de “Pêdras”, e o local passou a ser conhecido como Rio das Pêdras.

No ano de 1817 foi construído o primeiro engenho do local por Manoel Morato do Canto, avô de Francisco José da Conceição, o Barão de Serra Negra. Este foi nomeado barão por Dom Pedro II, em 1871 e destacou-se por sua ação na cafeicultura, onde foi um dos principais precursores de novas tecnologias no cultivo e beneficiamento do café, além de ser o responsável pela vinda da mão de obra estrangeira para a região (UFSCAR, 2006). Essas famílias estrangeiras (principalmente italianos e portugueses) acabaram por se estabelecer em sítios e depois, construíram as primeiras casas no “centro pioneiro”, figurando como famílias tradicionais rio-pedrenses até os dias atuais.

Entre 1870 e 1871, a Estrada de Ferro Ituana (depois Sorocabana) estendeu seus trilhos até Piracicaba, sendo construída uma estação em Rio das Pedras. Um dos empreiteiros da estrada, Antonio Garcia Prates, afeiçoou-se à região. Com suas terras fertilíssimas, suas imensas matas virgens, suas aguadas abundantes, seu clima agradável, Rio das Pedras acolhia Antonio Garcia Prates, Antonio Telles e outros, cheia de promessas e esperanças¹.

Nas terras pertencentes aos dois pioneiros, construiu-se a capela do Senhor Bom Jesus - santo padroeiro da cidade- dando início a Freguesia do Senhor Bom Jesus de Rio das Pedras. Em 4 de abril de 1889, foi criado o distrito de Rio das Pedras, sendo este elevado à categoria de município pela Lei Estadual nº 291, de 10 de julho de 1894 (UFSCAR, 2006).

Seu desenvolvimento econômico inicia-se com a cafeicultura, a qual entrou em decadência durante a década de 1930. Foi então, na plantação da cana-de-açúcar, que a cidade encontrou novos caminhos na agricultura. A produção era direcionada primeiramente para a produção de açúcar e aguardente em pequenos engenhos espalhados pela região, e após alguns anos, se tornou intensa, com a instalação de novas indústrias. A partir de 1952 foram implantadas as Usinas Bom

¹ Fonte: UFSCAR(2006) apud MONTEIRO.

Jesus, Santa Helena, São Jorge e São José, que produziam açúcar e a partir dos anos 1970 passaram a produzir também álcool (UFSCAR, 2006). Dentre essas, apenas a Usina Santa Helena continua ativa, as outras usinas foram desativadas ou estão em ruínas ou demolidas. Quando implantadas, as usinas tornaram o setor industrial predominante na economia rio-pedrense. A cidade foi, então, caracterizada como polo açucareiro, posteriormente recebendo novas indústrias como: Painco S/A, Caninha da Roça, Raízen- Unidade Santa Helena, Arcor do Brasil, IBC- Indústria Brasileira de Cacau. Hoje, o PIB municipal é composto em 6% pela agropecuária, 38% pela indústria e 56% pelos serviços (IBGE, 2013).

Assim, como o período cafeeicultor trouxe novos habitantes, essa necessidade de mão-de-obra para as indústrias, principalmente a sucroalcooleira, acabou por atrair milhares de migrantes das regiões norte e nordeste do país. Vemos, dessa forma, a atividade econômica da cidade mais uma vez moldando o seu perfil populacional.

3.2 Usina Bom Jesus S/A

O processo de produção açucareira da região, segundo Barrichelo (1983), se inicia nos anos 1930, quando o açúcar consumido tinha que ser trazido das usinas do Estado de Pernambuco e de Piracicaba. Após uma grande escassez do produto no mercado em 1932, decorrente da Revolução Constitucionalista, os engenhos que até então só produziam aguardente, passaram a produzir, também, um açúcar mais rústico, virado em tachos, sem refino. Ao açúcar de coloração escura davam o nome de açúcar batido e sua produção apresentava bons lucros a seus produtores, por este não ser, até então, um produto taxado pelo Estado. No ano de 1934, era possível encontrar mais de 60 pequenos produtores deste tipo de açúcar na região, sendo este até exportado através das ferrovias Sorocabana e Paulista. Em virtude da 2ª Guerra Mundial, houve nova escassez do bem, sendo o açúcar refinado (chamado de açúcar manipulado) preferência do mercado na época. Dessa maneira, o açúcar virado em tachos já não atendia toda a demanda necessária. Em 1945, com o fim da guerra, a falta do produto acentuou-se mais uma vez, fazendo com que o IAA (Instituto de Açúcar e Álcool), aumentasse a cota de produção das usinas brasileiras, também liberando incentivos para instalação de novas usinas.

Interessados com a oportunidade, os produtores de açúcar batido e plantadores de cana de Rio das Pedras entraram no processo de requerimento para aprovação da primeira usina da cidade, sendo este negado em 1948. No entanto, quando aberta nova resolução do IAA em 1951, os produtores da região conseguiram comprovar a viabilidade do projeto, aprovando-se em 12 de outubro de 1951 a instalação da Usina Bom Jesus S.A, Açúcar e Álcool.

Implantada nas terras da então Fazenda Nova Java, com área aproximada de 100.000 m², foi locada em terreno estratégico na malha urbana da cidade: em região ainda não loteada, na Avenida José Augusto da Fonseca, fazendo ligação com a saída para Rodovia do Açúcar (SP-308), principal eixo de escoamento da produção da região. Também conta com ligação direta para a Rodovia Nelson Caproni, - principal via de conexão com as cidades de Mombuca e de Capivari. Ao longo dessas rodovias, do mesmo modo, eram encontrados grande parte dos canaviais que abasteciam a usina.

Figura 3 – Foto aérea da Usina Bom Jesus na década de 50.



Fonte: <http://www.luiz.barrichelo.nom.br/familiabarrichello/registros/ubj.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

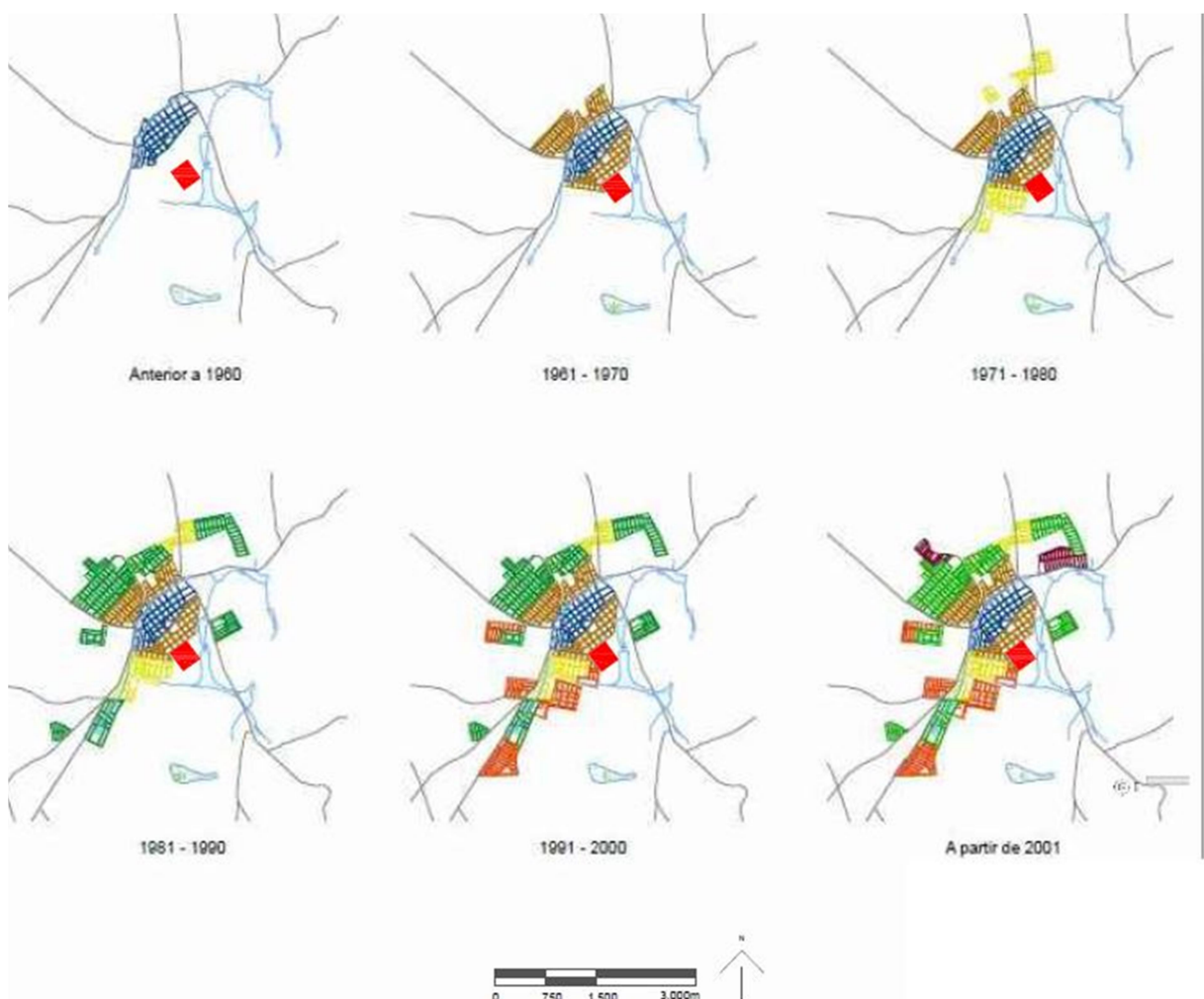
É possível visualizar em fotos da sua fundação, que a porção da cidade em que foi implantada ainda não era loteada, sendo a usina exclusiva na área. A malha urbana evoluiu durante as suas quatro décadas de atividade, ocupando todo o seu entorno. Assim, em meados dos anos 1980, esta se encontrava completamente inserida no contexto urbano. Seu nome remete ao padroeiro da cidade, Senhor Bom Jesus, e acabou por influenciar a denominação dos três bairros adjacentes: Bom Jesus I, Bom Jesus II e Bom Jesus III. A logística da usina passou a ser prejudicada com a aproximação do meio urbano e no ano de 1986 foi vendida para o grupo Cosan S/A, o qual, em 1991 encerrou suas atividades administrativas transferindo-as para a Usina Santa Helena Açúcar e Alcool, localizada na rodovia Cornélio Pires, fora da área urbana da cidade.

4. O RECORTE ESPACIAL

4.1 A Evolução Urbana

A cidade de Rio das Pedras se desenvolve a partir da criação da Igreja do Senhor Bom Jesus e da instalação do complexo ferroviário, formando neste eixo o centro histórico. Assim, com base na figura 4, podemos visualizar que até 1960 a cidade era formada somente pelo centro e a Usina, locada em sua área desde 1952. Novos loteamentos foram implantados de ambos lados da área central, fazendo com que ao Sul, a malha urbana passasse a ocupar o vazio existente entre a Usina e o Centro. Os loteamentos criados nesta época foram empreendimentos ligados sempre de alguma forma à Usina: o Jardim Bom Jesus I, de 1952, foi desenvolvido pelo grupo Raul Coury e Outros (uma das famílias sócio fundadoras da Usina Bom Jesus) e o Jardim São Cristóvão I, de 1967, foi empreendido da própria Usina Bom Jesus S/A.

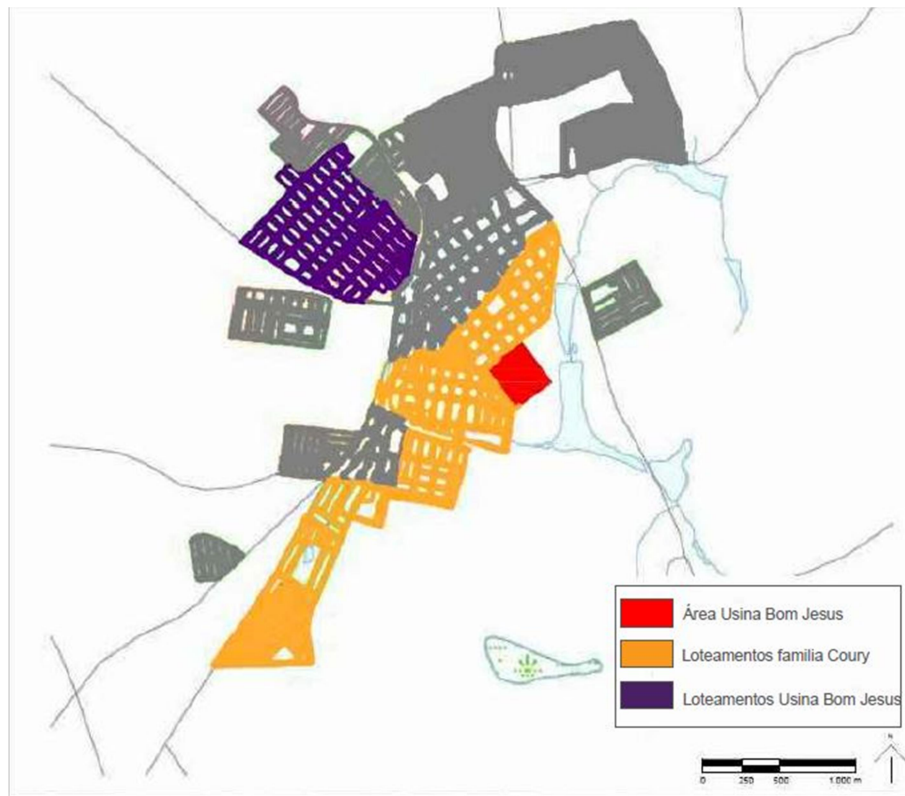
Figura 4 – Evolução da malha urbana com a área da Usina em destaque.



Fonte: UFSCAR - Plano Diretor de Rio das Pedras, adaptada pela autora (2015).

Como loteadora, a Usina Bom Jesus S/A foi responsável por mais um empreendimento: o Jardim São Cristóvão II (1981); e a família Coury por mais cinco: Jardim Bom Jesus II(1980), Jardim Bom Jesus III (1995), Jardim Dona Rosina (1986), Residencial Dr. Jorge Coury (2000) e Residencial Luis Massud Coury (2000). Assim, a Usina não foi apenas uma atividade industrial de destaque para a cidade, mas suas ações influenciaram também, a forma e evolução da malha urbana rio-pedrense.

Figura 5 – Porção da cidade loteada pela Usina e por seus proprietários.



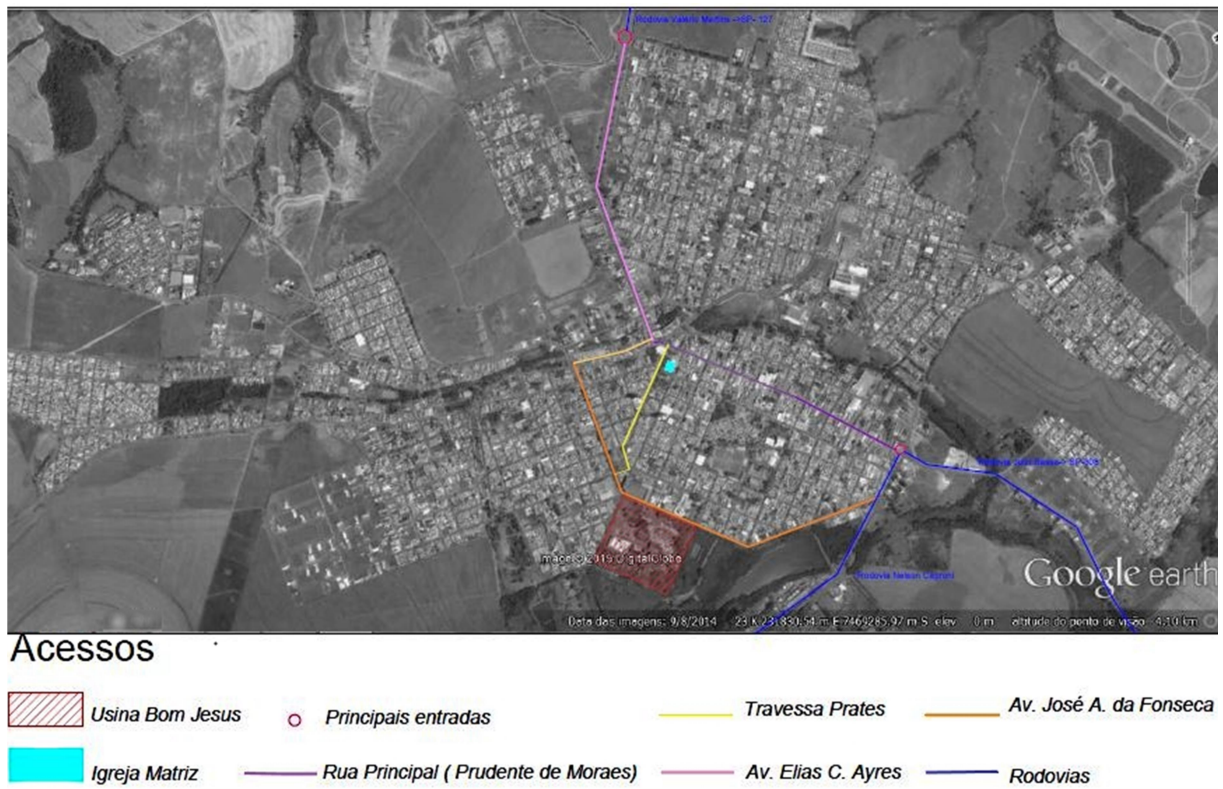
Fonte: UFSCAR - Plano Diretor de Rio das Pedras, com alterações da autora (2015).

Ao somar os dados dos empreendimentos, foram mais de 2.120.867 m² de parcelamento, disposto em 4.050 lotes, o que representava, até 2006 (data da elaboração do Plano Diretor) 40% do total da malha urbana de Rio das Pedras.

4.2 Análise do Entorno

A Usina desativada na década de 1990 possui a localização privilegiada. A Avenida José Augusto da Fonseca onde está implantada é ainda uma das principais da cidade e apresenta fácil acesso de qualquer ponto desta. Tem conexão direta com a rodovia Júlio Bassa (ligação Rio das Pedras às cidades de Piracicaba, Santa Barbara d'Oeste, Americana e outras, através do acesso à Rodovia o Açúcar/ SP-308), e com a rodovia Nelson Caproni ,que faz ligação com as cidades de Capivari, Mombuca e Rafard. Inicialmente existia também, uma ligação direta do interior da usina para a rodovia Nelson Caproni, hoje desativada.

Figura 6 – Localização da área da Usina, com seus principais acessos.



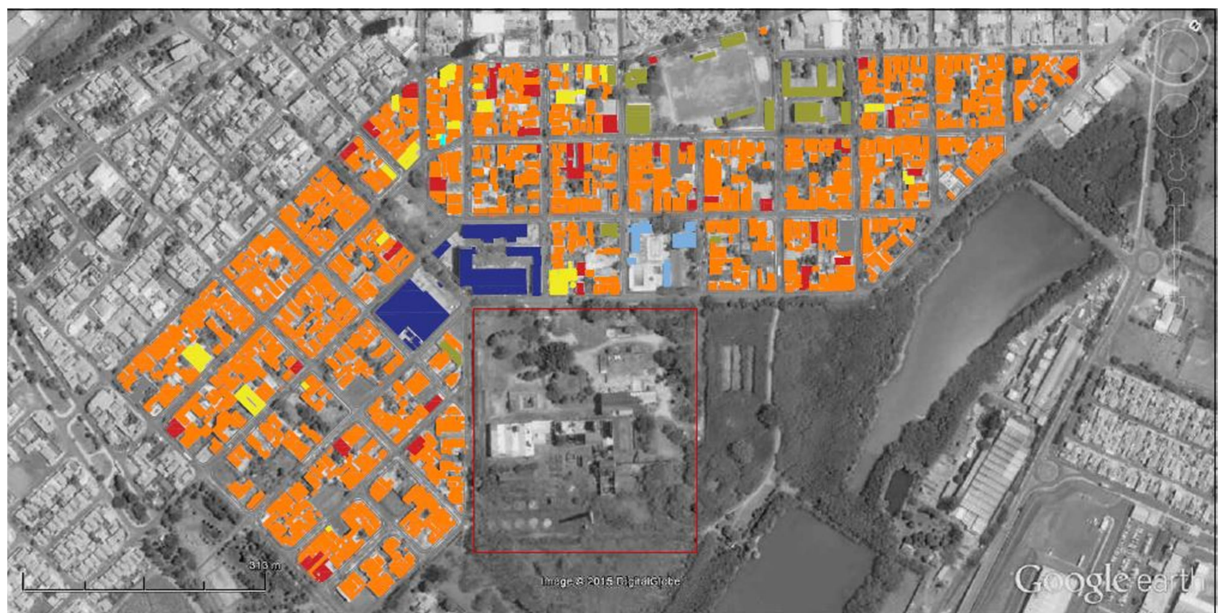
Fonte: Google Earth, com alterações da autora (2015).

Todas as entradas da cidade convergem na Rua Prudente de Moraes (principal via), onde ao se tomar qualquer rua a partir desta, no sentido sul, acaba

sempre por confluir na Av. José A. da Fonseca. A entrada da cidade pela Rodovia Cornélio Pires (SP-127), no lado oposto da cidade, tem ligação através da Avenida Elias C. Ayres à Rua Prudente de Moraes e conseqüentemente ao mesmo sistema de acesso das outras entradas.

Os bairros adjacentes à área, Jardim Bom Jesus I, Jardim Bom Jesus II e Jardim Bom Jesus III, segundo a data de suas aprovações, tem respectivamente, 63, 35 e 20 anos; representando, principalmente nos dois primeiros, bairros consolidados há bastante tempo. Assim em estudos desenvolvidos neste entorno podemos verificar sua ocupação como predominantemente residencial, com alguns serviços e comércios de bairro. À medida que se aproxima do centro e da rua principal, os usos comerciais e de serviços tendem a se acentuar.

Figura 7 – Análise de uso e ocupação do solo



Mapa Uso e Ocupação do solo



Fonte: Google Earth, com alterações da autora (2015).

Através de análises de visão serial, definidas por Gordon Cullen (1983) como a sucessão dos pontos de vista do observador ao caminhar de um extremo ao outro, buscamos identificar no percurso contrastes visuais que possam caracterizá-lo de maneira positiva ou não.

Assim, partindo da Rua Prudente de Moraes, e do interior dos bairros Jardim Bom Jesus II e III, é possível avaliar a evolução das mudanças de usos, gabaritos, fluxo viário e vegetação no decorrer dos percursos.

Figura 8 – Percursos da análise de visão serial.

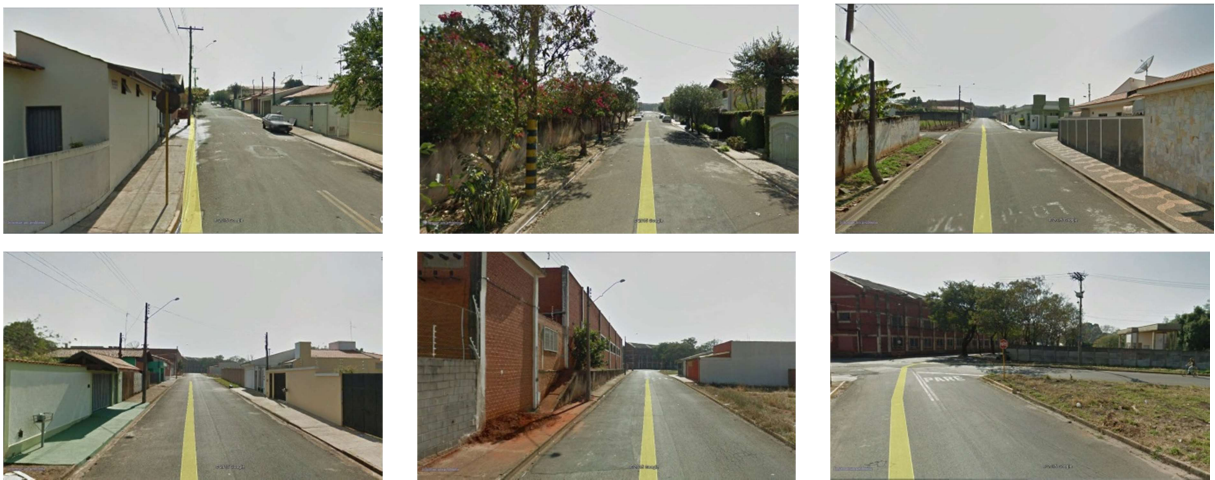


Fonte: Google Earth, com alterações da autora (2015).

Dessa maneira, nos percursos um e dois, realizados pelos bairros residenciais Jardim Bom Jesus II e III, podemos avaliar uma uniformidade de gabaritos, compostos basicamente de um pavimento, característica que não provoca entraves a visão do observador, criando uma perspectiva contínua, até o ponto onde encontramos a Usina. No percurso um, o perfil residencial começa a mudar quando nos aproximamos da área fabril, pois outras construções de mesmo perfil construtivo começam a figurar na paisagem. O percurso dois caracteriza-se em uma subida, onde se destaca no ponto mais alto, a chaminé da Usina como ponto

focal, marcando o final do caminho. Nestes dois, o perfil e fluxo das vias são bastante parecidos, sendo o percurso dois um pouco mais intenso, pela proximidade com o centro, enquanto que o percurso um, conta basicamente com o fluxo do bairro. A vegetação nestes é bastante dispersa, acentuando-se um pouco quando se aproxima da Usina. Figura em ambos também um uso majoritariamente residencial, com poucos locais de comércio e prestação de serviços. O comércio dessas áreas no geral tem suas atividades voltadas ao bairro.

Figuras 9, 10, 11, 12, 13 e 14 – Percurso 1.



Fonte: Google Street View (2015).

Figuras 15, 16, 17, 18, 19 e 20 - Percurso 2.



Fonte: Google Street View (2015).

Já os percursos três e quatro tem origem na Rua Prudente de Moraes, a principal rua de comércio da cidade. Assim nas duas análises, os usos iniciais figuram como basicamente comerciais e de prestação de serviços, e o número de edifícios de dois pavimentos é maior. Nas vias, o fluxo de carros tem maior intensidade, diminuindo gradualmente até chegar à Avenida José A. da Fonseca. No percurso três, após as quadras onde prevalecem os usos comerciais, passamos pela área onde se localizam as escolas municipais e estaduais, entre outros usos institucionais, representados na figura 21.

Figura 21 – Detalhamento das quadras com usos institucionais predominantes.



Fonte: A autora (2015).

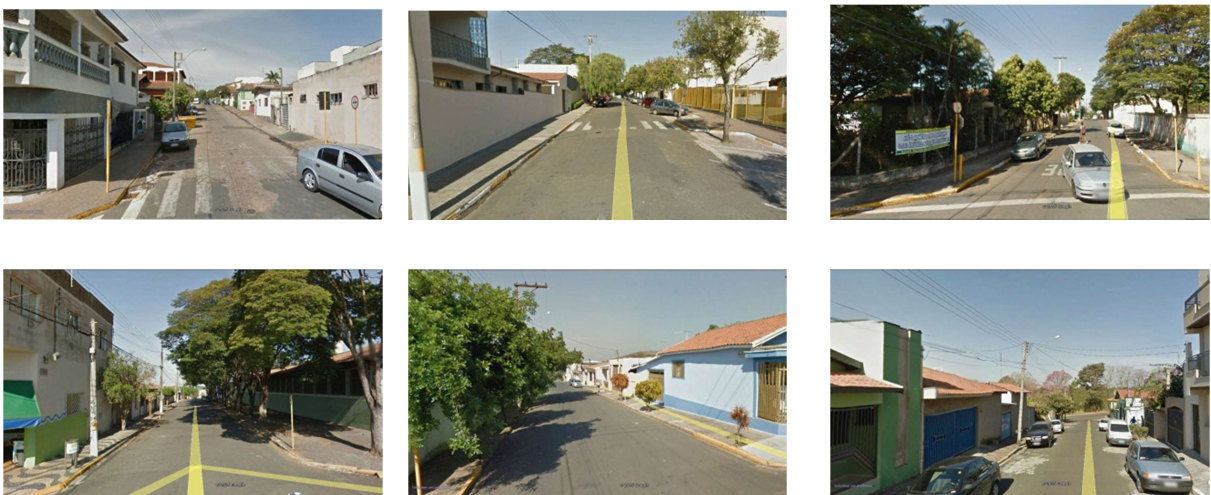
Este aglomerado de usos institucionais encontra-se localizado a duas quadras da área da Usina. Em cinco quadras, estão concentrados os prédios de uso público que atende à Prefeitura Municipal, o Estádio e o Ginásio Municipais, a Escola Estadual “Manoel da Costa Neves” de ensino fundamental e médio, as

Escolas Municipais “Bruna Maniassi Zeppelini” e “Comendador Waldomiro Domingos Justolin”- de respectivamente, educação infantil e ensino médio; a Biblioteca Municipal (fechada desde 2011),o CEAD- Centro Educacional de Assistência ao Deficiente, o Centro Pedagógico e Cultural , o Centro de Assistência Social e Técnico em Aprendizagem Municipal e também o Cemitério e Velório Municipal.

Após a área institucional , o uso torna-se predominantemente residencial, no Jardim Bom Jesus I, onde os gabaritos voltam a prevalecer em um único pavimento. A arborização das ruas começa a se tornar mais intensa a partir deste ponto, o que passa a remeter ao pedestre à proximidade com a Usina e os grandes lagos.

O percurso quatro transcorre da mesma forma: começa preponderantemente comercial ao passo que vai dando lugar as residências até se tornar basicamente residencial, com gabaritos baixos. O fluxo de carros vai se tornando menos intenso pelo percurso, assim como nos outros e ao aproximar-se da área de estudo deste trabalho , os visuais começam a se transformar e elementos fabris aparecem na paisagem, principalmente pelas construções que antes davam suporte à usina, localizadas em seu entorno.

Figuras 22, 23, 24, 25, 26 e 27 - Percurso 3.



Fonte: Google Street View (2015).

Figuras 28, 29, 30, 31, 32 e 33- Percurso 4.



Fonte: Google Street View (2015).

Após a análise no nível do pedestre, pode-se através de uma escala mais abrangente, melhor definir as condições do entorno imediato da área. Assim, através da figura 34 de levantamento da vegetação, conclui-se que o entorno é relativamente arborizado, não tanto quanto se mostra ideal a bairros a tanto consolidados. O número de árvores do entorno também é menor do que o indicado pela Lei de Parcelamento para Fins Urbanos, que sugere uma árvore de pequeno ou médio porte a cada lote, ou no mínimo a cada doze metros.

Figura 34 – Análise da vegetação do entorno.



Fonte: Google Earth, com alterações da autora (2015).

Na análise de adensamento do entorno levantado através da técnica de figura-fundo (figura 35), é possível ver que este se encontra totalmente ocupado e relativamente adensado, em consequência do seu uso residencial consolidado entre as décadas de 1960 e 1980, onde apresenta a maior parte dos lotes ocupados respeitando os recuos e taxas de permeabilidade, possibilitando um lugar adensado, mas não totalmente impermeável. Apresenta, portanto, fluidez entre os edifícios e a boa iluminação e ventilação entre eles. Na figura 36, podemos visualizar a predominância dos edifícios de apenas um pavimento, reiterando as características descritas acima.

Figura 35 – Análise do adensamento do entorno através do método de figura-fundo.



Fonte: Google Earth, com alterações da autora (2015).

Figura 36 – Análise dos gabaritos do entorno.

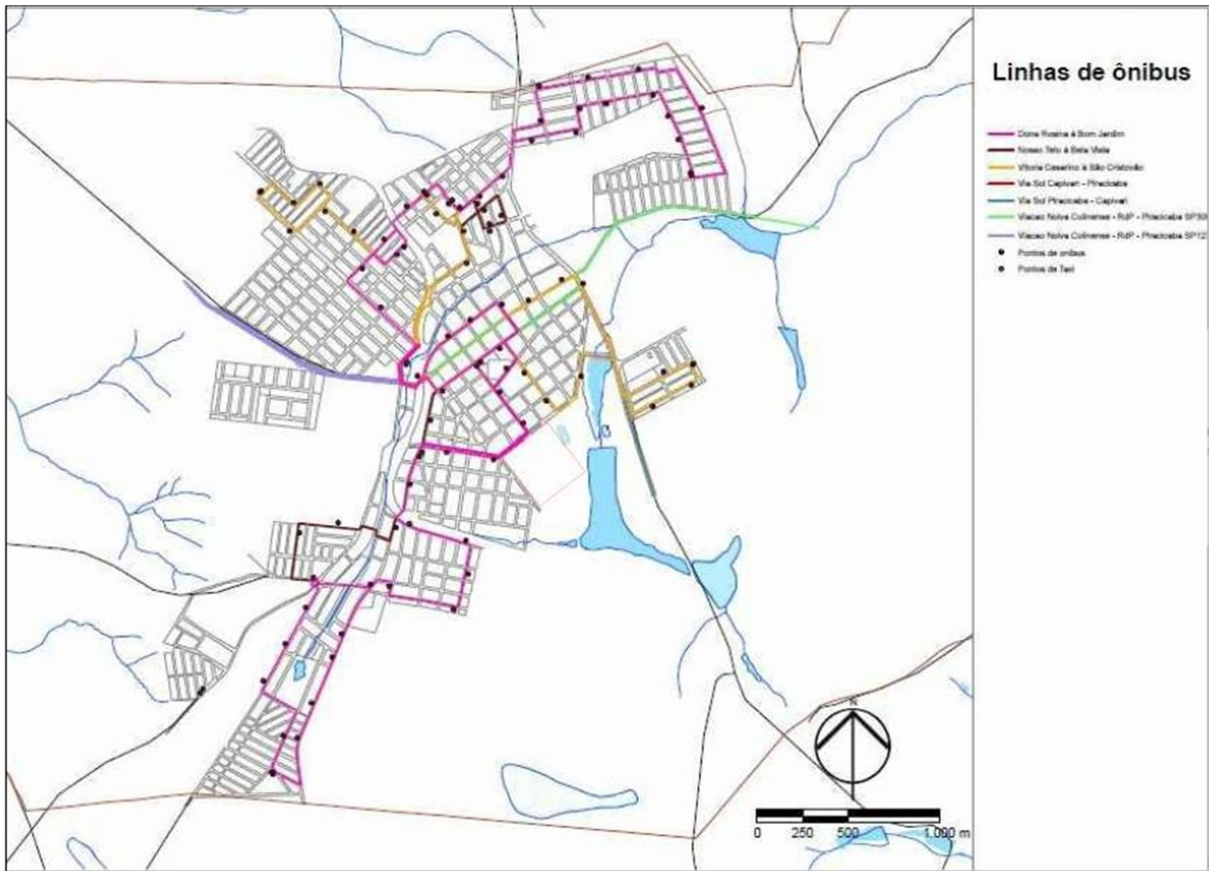


Fonte: Google Earth, com alterações da autora (2015).

Pode-se também, através das figuras, analisar o perfil das ruas locais: estas apresentam na sua maioria duplo sentido e um tráfego de média intensidade (considerando-se sempre que o estudo refere-se a uma cidade pequena). O sentido de circulação torna-se único quando se aproxima do Centro, devido ao maior fluxo de veículos. As ruas apresentam em média 10 metros de largura nas vias interiores aos bairros, apresentando poucas modificações no decorrer da malha urbana.

Para acesso do público à área, além dos carros e dos percursos para pedestres, analisou-se o atendimento do transporte público ao local. Observando a figura 37, vemos todas as linhas de ônibus e os pontos da cidade, e podemos identificar duas linhas de ônibus passando pelas proximidades, com quatro pontos na Avenida José Augusto da Fonseca .

Figura 37 – Linhas e Pontos de ônibus da cidade de Rio das Pedras



Fonte: UFSCAR - Plano Diretor de Rio das Pedras, com alterações da autora (2015).

É possível concluir dessa forma que a área de estudos deste trabalho conta com uma completa infraestrutura capaz de interligá-la efetivamente à cidade e aos seus visitantes.

4.3 A Cultura e o Lazer em Rio das Pedras

O novo programa de atividades a ser proposto para o projeto de requalificação da área da Usina Bom Jesus além de defender a preservação do patrimônio cultural e histórico da cidade, objetiva criar novos espaços a ser incorporados ao cotidiano das pessoas, buscando suprir suas necessidades atuais.

No levantamento de tais deficiências, foi aplicado um questionário investigando quais seriam as atividades desejadas pela população. Abordou também a identificação das atividades realizadas em outras cidades. Estes dados geraram a tabela 1, da qual pode-se tirar algumas conclusões.

Tabela 1– Questionário das atividades indisponíveis em Rio das Pedras e as desempenhadas em outras cidades.

Idade	Anos residindo em Rio das Pedras	Bairro que reside	Se sente fatal de outras atividades e quais	Atividades que desempenham em outras cidades
24	24	Santa Maria	Sim. Centro Poliesportivo	Compras, festas, lazer.
46	46	Bom Jesus	Sim	Compras, lazer
22	22	Vila Kennedy	Lazer	Trabalho e Estudo
22	22	Bom Jesus II	Sim	Lazer (shopping, cinema, restaurante, compras...).
22	22	São Cristóvão	Sim	Caminhadas
23	22	Centro	Sim	Trabalho, diversão
47	47	Centro	Sim	Jantar
23	23	Bom Jesus	Lazer	Faculdade, Lazer
23	12	Centro	Não	Lazer, cultura, compras.
25	25	Bom Jesus II	Lazer	Lazer

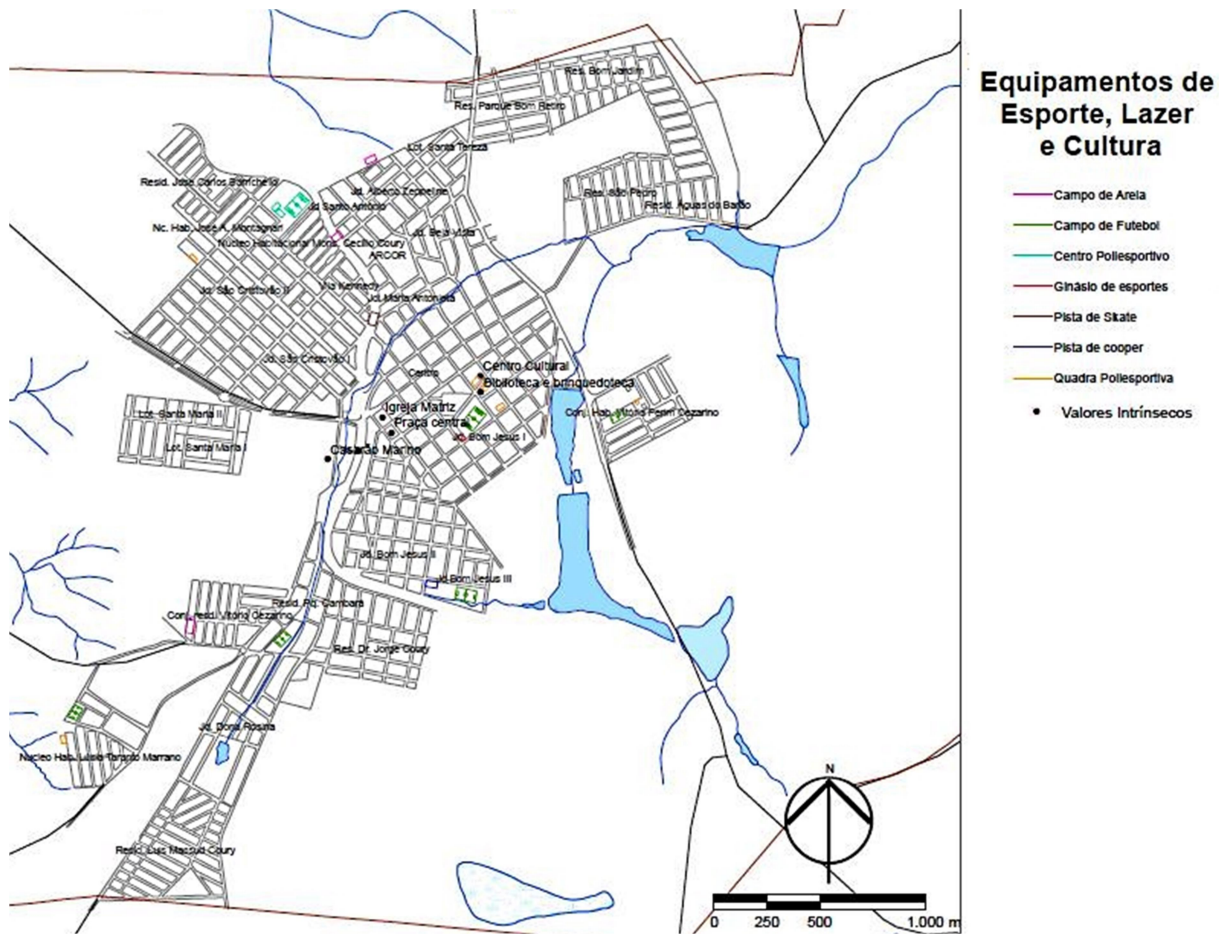
26	26	São Cristóvão II	Comércio com maior diversidade, restaurantes, bares, cinema.	Atividades relacionadas ao lazer, principalmente.
22	22	Santa Maria	Sim	Estudos
46	46	Centro	Área verde para caminhadas, passeios, prática de atividade física.	Passeios, compras, Cultura, lazer.
36	15	Fazenda São Jorge	Cinema	Férias na praia
25	25	São Cristóvão II	Áreas de recreação (limpas e conservadas)	Atividades de passeio
30	30	São Cristóvão	Lazer, cursos e faculdade.	Shopping, cinema, compras, estudos.
39	20	Vitório Cesarino	Não	Nenhuma
38	36	Bom Jesus II	Cinema	Lazer, trabalho
45	45	Cambará	Sim, falta muito lazer.	Passeios no shopping. Comer fora. Cinema
21	21	Cambará	Parques	Trabalho
24	14	São Cristóvão II	Cinema, locais para esporte, diversão noturna e praças com parques.	Atualmente moro em outra cidade
20	20	Bom Jesus	Sim, como lugares de entretenimento como bares e casas de show.	Trabalho, estudo, compras, tudo.
29	29	Bom Jesus II	Lazer	Todas
29	29	Bom Jesus I	Lazer. Bares, bons restaurantes.	Lazer
27	27	Cambara	Sim. Restaurantes.	Todas.
28	28	Bom Jesus	Não	Shopping, cinema, restaurante.

Fonte: Tabulado pela autora (2015).

É necessário ressaltar que grande parte dos moradores de Rio das Pedras trabalha ou estuda nas cidades vizinhas, caracterizando o município como cidade dormitório. Porém, mesmo em seus momentos de folga esses continuam a buscar programas culturais e de lazer em cidades da região, pois faltam opções em Rio das Pedras. Podemos ver tal anseio nas respostas dadas ao questionário, onde apontam a necessidade de lugares de lazer, de prática de esportes e atividades culturais.

Na figura 38, desenvolvida pela Prefeitura Municipal, estão destacados os equipamentos de esporte, cultura e lazer da cidade. Este pequeno número de equipamentos, na sua maioria, correspondem a quadras de areia, ou campos de futebol. Dessa forma são encontrados em todo o município: três campos de areia, cinco campos de futebol, um centro poliesportivo (desativado e abandonado), seis quadras poliesportivas (três delas no centro), um ginásio de esportes, uma pista de skate e duas pistas de caminhada (bastante utilizadas pela população, que se importa e cobra do poder público manutenções). A Prefeitura considera ainda como equipamentos culturais e de educação a Biblioteca, fechada desde 2011, quando um forte temporal destruiu seu acervo; o Centro Cultural e Pedagógico, utilizado para palestras, cursos, sessões de teatro sendo este também locado para outros órgãos, como o Detran, recebendo diversos usos em uma única sala, sem os requisitos de conforto necessários; e também a Brinquedoteca e o ACESSA São Paulo. Considera também as duas praças, da Igreja Matriz e da Concha Acústica como pontos culturais, pois são os únicos lugares disponíveis para receber shows, festas juninas e outras festas típicas.

Figura 38 – Equipamentos de Esporte, Lazer e Cultura, segundo a Prefeitura Municipal



Fonte: UFSCAR - Plano Diretor de Rio das Pedras, com alterações da autora (2015).

Em um levantamento das atividades culturais desenvolvidas na cidade durante o ano de 2014, elaborou-se a Tabela 2, onde é possível visualizar o número reduzido desses eventos. Foram dez ao longo do ano, sempre realizados na Praça da Concha Acústica (quando shows e festas externas), ou no Centro Cultural e Pedagógico (eventos fechados).

Tabela 2. Eventos culturais realizados em Rio das Pedras no ano de 2014.

Data	Evento	Tipo de atração	Local
09/maio	Circuito Sesc de Artes	Teatro, circo, literatura, artes visuais, dança e música	Praça da Concha Acústica
06,07 e 08/ junho	Arraial na Praça	Dança, música e culinária	Praça da Concha Acústica
27/junho	Coral Polifônico da União	Música	-----
11/julho	Show de Louvor a Deus	Música	Praça da Concha Acústica
09,10,11 e 12/julho	Show de Aniversário da Cidade	Música	Praça da Concha Acústica
26/julho	Asterios Polyp	Teatro	Centro Pedagógico
04/setembro	Peppa Pig World	Teatro	Centro Pedagógico
19/setembro	Mostra livre de cinema	Cinema	Centro Pedagógico
11/ dezembro	Frozen	Teatro	Centro Pedagógico
21/ dezembro	Natal na Praça	Música e dança	Praça da Concha Acústica

Fonte: Facebook da Secretaria de Cultura de Rio das Pedras. Tabulado pela autora.

Quanto a programas oferecidos pela prefeitura, foram levantados os seguintes:

Pela Secretaria de Esportes: treinamento em futebol e handebol para crianças, e alongamento para idosos.

Pela Secretaria de Educação: cursos de culinária, corte e costura, cabelereiro, assistente de cabelereiro, artesanato, tricô, inglês e informática; em um total de 160

vagas. Todos esses são realizados na Central de Cursos, de forma bastante improvisada.

Estes programas são voltados para faixas etárias bastante específicas, deixando de atender jovens e adultos (principalmente do sexo masculino) que procuram cursos de formação profissional. Neste contexto, a cidade não apresenta centros de formação, como Senai ou Senac, o que faz com que um número elevado de jovens, principalmente aqueles interessados em qualificar-se no setor industrial (predominante na região), busque esses cursos em outras cidades. O fluxo de estudantes entre Rio das Pedras e Piracicaba é elevado, procurando por formação profissional, ou por outros tipos de cursos, como idiomas, escolas de nível médio, superior, etc.

Assim, a requalificação da área precisa atentar a tais necessidades, para que os novos usos implantados sejam, de fato, efetivos na vida da população. Cabe aqui de novo a premissa de que a melhor maneira para a preservação de um bem é a sua utilização. Locais frequentados costumam gerar na população o sentimento de pertencimento, passando esta a atuar como principal agente de conservação do bem.

5. A ÁREA DE INTERVENÇÃO

5.1 Percepções Visuais da Área

Ao observador acostumado há anos com as escassas vistas possíveis através das cercas que limitam a área, o adentrar na área da Usina Bom Jesus tende a se mostrar uma experiência singular. É surpreendente o mesclar dos elementos construídos e naturais e a maneira como se complementam. A escala também surpreende: da área, das edificações, das árvores. O observador em seu percurso é acolhido pelo ambiente, em uma sucessão de espaços abertos e fechados, íntegros e em ruínas. Vamos a partir da figura 39, e das vistas sucessivas indicadas nessa e apresentadas mais adiante, desenvolver as perspectivas do visitante à área de estudo.

Figura 39 – Análise perceptiva da área de estudos



Fonte: Prefeitura de Rio das Pedras, com alterações da autora (2015).

Assim, em uma primeira análise, destaca-se o fato de que nos dias atuais uma empresa de soldagens desenvolve suas atividades em um os galpões da área, sobre contrato de locação, configurando assim três classificações distintas das edificações do local. Estas estão representadas por cores na figura: os edifícios em vermelho (a portaria e o galpão da empresa) estão em uso; os amarelos encontram-se desocupados, em situação intermediária de conservação e podem receber futuros usos sem precisar de grandes modificações; e os edifícios em marrom ruíram e deverão receber especial atenção nas diretrizes do projeto.

Ao se voltar a análise para o exterior da área, notamos que ao passar pela Avenida José Augusto na Fonseca a visão que se tem do interior do terreno é limitada, devido a uma densa massa vegetal formada no limiar deste, impossibilitando a perspectiva de grande parte do conjunto. A observação externa, portanto, não revela a riqueza de patrimônio e escala que a área apresenta.

O ingresso a ela é dado por uma única entrada, em uma guarita, e ao seu lado encontra-se um pequeno memorial de fundação da Usina do ano de 1952 (vista 1) sendo este o primeiro elemento a remeter-nos ao passado industrial da área. A partir da guarita, o caminho segue até uma enorme árvore (seringueira), que recepciona o visitante. Ela aparece em fotos do terreno ainda na década de 1950, representando possuir no mínimo 60 anos de idade.

Ao seu lado, encontramos o que antes era a piscina de resfriamento dos resíduos da produção. Apresenta forma oval com margens arborizadas e é impossível, ao observá-la, não se tem a alusão da presença da água naquele espaço (vista 2).

Figuras 40, 41 e 42- Vistas 1, 2 e 3.



Fonte: A autora (2015).

Ao chegar-se à área industrial, os caminhos possíveis ao pedestre se desenvolvem principalmente em dois percursos: à frente (vistas 3 e 4) e atrás dos galpões (vistas 6 e 7). Devemos notar que esses são os caminhos originais usados na logística da produção do açúcar e nesses o caminhar do visitante ganha mais comodidade, pois esses são formados por paralelepípedos.

Figuras 43, 44 e 45- Vistas 4, 5 e 6.



Fonte: A autora (2015).

Constituiu-se também por entre a antiga fábrica de açúcar (vista 5), hoje em ruínas, uma nova passagem que interliga os dois corredores principais. Nesta parte da fábrica o telhado foi todo ao chão, restando apenas as fachadas e as estruturas de pilares e vigas. Restou também, um grande equipamento da produção do açúcar, como em outras áreas, que ficaram ainda instaladas a esteira e caldeira, além de outras peças da produção. Pode-se ver em todos os edifícios sem uso, e principalmente nas ruínas, a vegetação crescendo por entre e pelas paredes, formando-se até árvores, em cenários eu misturam muito bem o natural e construído (vistas 6 e 7).

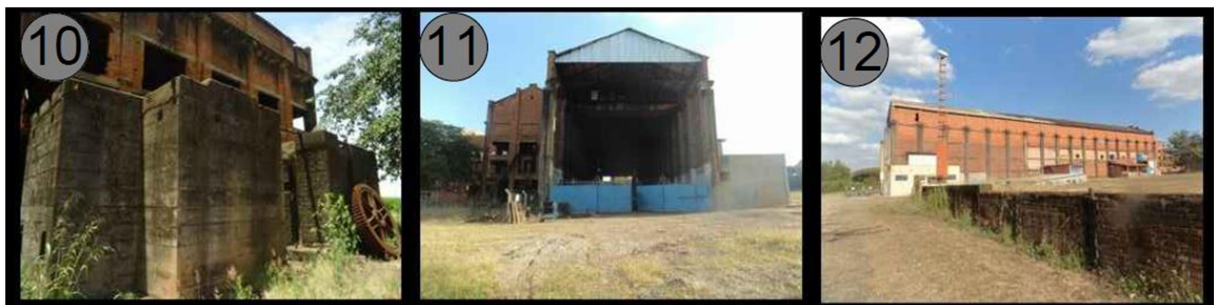
Figuras 46, 47 e 48- Vistas 7, 8 e 9.



Fonte: A autora (2015).

Restam também edificadas estruturas em concreto que serviam como base às caldeiras e outras peças grandes da produção. Pode-se observá-las nas vistas 9 e 10 deste estudo.

Figuras 49, 50 e 51- Vistas 10, 11 e 12.



Fonte: A autora (2015).

Na vista 11, no lado mais interior no terreno, observa-se o edifício onde hoje funciona a empresa de soldagem, caracterizado, assim como grande parte da área de produção, por seu pé direito alto, e pelas tesouras de madeira originais da época de construção. As tesouras podem ser vistas com maior detalhe na vista 8, fotografia tirada de dentro dos armazéns de açúcar. Nestes armazéns, como em grande parte dos edifícios desativados, pode-se ver partes deterioradas, seja no telhado, ou infiltrações e rachaduras.

Ao lado do galpão utilizado pela empresa de soldagem encontramos um pátio, antes utilizado para estocar a cana. Neste espaço o observador se encontra em um grande espaço aberto, característica que se repete em outras partes da Usina, como se pode ver nas vistas 13 e 14. Assim, a área se caracteriza, em uma visão mais geral por uma parte mais adensada, onde está o complexo onde eram produzidos o açúcar e o álcool; e por amplos espaços abertos ao redor dele. De maneira periférica a este se encontram também edifícios menores, com pé direito mais baixo, utilizados nas atividades administrativas. Podemos visualiza-los nas vistas 13, 14 e 15, onde consecutivamente aparecem os edifícios do escritório, oficinas e almoxarifado.

Figuras 52, 53 e 54- Vistas 13, 14 e 15.



Fonte: A autora (2015).

A vegetação torna-se mais abundante ao se aproximar dos limites do terreno, com árvores maiores e adensadas. No entanto, a empresa utiliza apenas uma pequena parte do terreno, grande parte deste encontra-se com o mato muito alto. No mato alto e nos galpões vazios é possível encontrar vários tipos de animais, com urubus, lagartos, ratos, gatos, corujas, ratos e possivelmente muitos outros.

Assim, o tempo e natureza tomam conta de todas as estruturas, e se estas não receberem os devidos cuidados, sucumbirão a eles, perdendo-se elementos materiais muito importantes da história da indústria e da cidade de Rio das Pedras. No entanto estes cuidados devem também atentar para a proteção do patrimônio natural existente.

5.2 Inventário

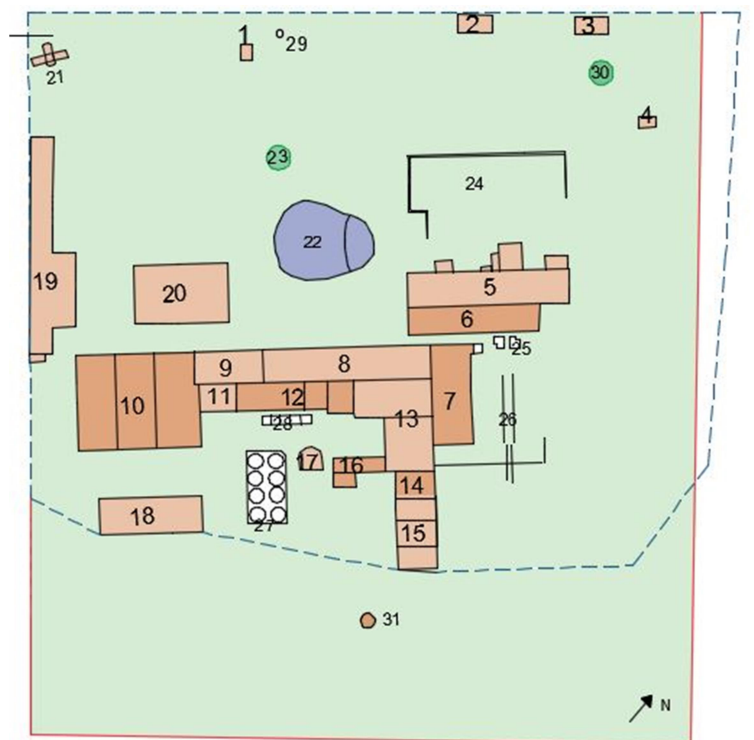
A elaboração do inventário é de extrema importância, sendo este recomendado desde os primeiros estudos dos pensadores das teorias da restauração.

Para que a área de estudo possa ser devidamente analisada e entendida, faz-se necessário a elaboração de um inventário de todos os componentes, avaliando suas principais características, materiais, elementos e estado de conservação.

É, portanto, necessário fazer uma avaliação de toda a área, de como os processos históricos incidiram sobre esta e identificar o valor artístico ou histórico/cultural dos prédios determinando-se posteriormente, quais serão conservados, demolidos e modificados no projeto de intervenções a ser proposto.


Para a área de estudo, foram elaboradas fichas para cada edifício, sendo que para compreensão destas faz-se necessário o cruzamento de informações com a numeração proposta na figura 55.

Figura 55- Modelo esquemático da área com os edifícios numerados.





Fonte: Elaborado pela autora (2015)

EDIFÍCIO 1	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="354 622 772 878"> <i>Uso anterior:</i> Antiga portaria. <i>Uso atual:</i> Portaria da DTM (empresa que hoje funciona no local). <i>Possível data de construção:</i> Não foi possível determinar com exatidão. Aparece em plantas a partir de 1973 (as mais antigas disponíveis). </p>	Alvenaria	Em tijolos aparentes, em perfeitas condições.
	Revestimentos	Externamente não conta com revestimentos, internamente estão em perfeitas condições.
	Telhado	Telhas de fibrocimento, em perfeitas condições.
	Piso	Cerâmico, em boas condições com apenas algumas partes externas quebradas.
	Caixilhos	Em bom estado
	Observações	Um banheiro em uso


EDIFÍCIO 2	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="354 1534 772 1736"> <i>Uso anterior:</i> Borracharia e almoxarifado. <i>Uso atual:</i> Sem uso. <i>Possível data de construção:</i> Não foi possível determinar. Não aparece nas fotos da fundação da Usina. </p>	Alvenaria	Em bom estado, sem infiltrações.
	Revestimentos	Na parte externa recebe pintura branca e azul, na parte interna, reboco e pintura, ambos um pouco deteriorados.
	Telhado	Cobertura que se projeta na parte frontal em más condições, faltando telhas. Telhamento da parte de alvenaria completo, sendo tomado por vegetação.
	Piso	Em más condições na parte da antiga borracharia, em situação adequada no restante da edificação.
	Caixilhos	Caixilharias externas e as em madeira estão mais deterioradas.
	Observações	Balcões em mal estado no interior do edifício


EDIFÍCIO 3	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p><i>Uso anterior:</i> Laboratório de Análise de Sacarose.</p> <p><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p><i>Possível data de construção:</i> Não foi possível.</p>	Alvenaria	Bastante debilitada, apresenta rachaduras e em alguns pontos buracos e desabamentos.
	Revestimentos	Na parte externa, apresenta apenas pintura, que está deteriorada. Na parte interna é rebocada e pintada, porém apresenta um número elevado de rachaduras.
	Telhado	A vegetação toma todo o telhado e em uma parte este foi derrubado por um galho de árvore
	Piso	Bastante prejudicado, está elevado em várias partes do edifício.
	Caixilhos	As janelas estão com todos os vidros quebrados, e as portas estão em condições razoáveis de conservação.
	Observações	O edifício apresenta muitos problemas estruturais.


EDIFÍCIO 4	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p><i>Uso anterior:</i> Balança.</p> <p><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p><i>Possível data de construção:</i> Não foi possível. Aparece em plantas a partir de 1973 (as mais antigas disponíveis).</p>	Alvenaria	Em bom estado, sem infiltrações.
	Revestimentos	Na parte externa recebe pintura branca e azul, na parte interna, reboco e pintura, ambos um pouco deteriorados.
	Telhado	Telhas de fibrocimento, sem infiltrações.
	Piso	Em concreto, em boas condições.
	Caixilhos	Em condições regulares, faltam alguns vidros.
	Observações	O edifício está rodeado por um formigueiro muito grande, o que pode no futuro prejudicar sua estrutura.


EDIFÍCIO 5	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="354 497 785 528"><i>Uso anterior:</i> Depósito de cana.</p> <p data-bbox="354 551 785 613"><i>Uso atual:</i> Barracão de solda, DTM Engenharia de Soldagem.</p> <p data-bbox="354 636 785 667"><i>Possível data de construção:</i> 1952.</p>	Alvenaria	Em bom estado, sem buracos ou rachaduras.
	Revestimentos	Não há.
	Telhado	Em bom estado, constituído de telhas metálicas. Provavelmente passou por reformas quando a empresa se instalou.
	Piso	Em concreto, apresenta boas condições.
	Caixilhos	Apresenta apenas um portão, colocado posteriormente pela empresa aí instalada.
	Observações	A empresa ainda usa máquinas e estruturas da antiga usina, como os guinchos. Há dentro do barracão uma estrutura de banheiros em funcionamento para os funcionários.

EDIFÍCIO 6	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="354 1646 785 1677"><i>Uso anterior:</i> Depósito de cana.</p> <p data-bbox="354 1700 785 1731"><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p data-bbox="354 1753 785 1785"><i>Possível data de construção:</i> 1952.</p>	Alvenaria	Em boa condição, com alguns pontos de desgaste e falta de tijolos.
	Revestimentos	Não há.
	Telhado	Em condição razoável, falta uma telha.
	Piso	Em boas condições, apresenta desníveis antes usados como base das moendas.
	Caixilhos	Não há.
	Observações	Apresenta estrutura de guinchos desativados.

EDIFÍCIO 7	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="365 607 772 734"> <i>Uso anterior:</i> Moendas. <i>Uso atual:</i> Sem uso. <i>Possível data de construção:</i> 1952. </p>	Alvenaria	Alvenaria externa e interna em boas condições.
	Revestimentos	Externamente não apresenta revestimentos, internamente apresenta reboco e pintura, deteriorados e com infiltrações.
	Telhado	Em telhas metálicas e treliças de madeira, apresenta boas condições.
	Piso	Em tijolos com capa de concreto, apresenta está em más condições, onde em algumas partes, há vegetação crescendo.
	Caixilhos	Em más condições, quase não sobram vidros, e a parte metálica está se deteriorando com o tempo.

EDIFÍCIO 8	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="365 1359 772 1487"> <i>Uso anterior:</i> Fabricação de açúcar. <i>Uso atual:</i> Sem uso. <i>Possível data de construção:</i> 1952. </p>	Alvenaria	Pela falta de amarração do telhado, as alvenarias superiores começaram a cair. Apresentam grande desgaste na parte externa e na parte interna restaram, em grande parte, os pilares e as vigas.
	Revestimentos	A alvenaria é aparente na parte externa e na interna os rebocos estão bastante comprometidos.
	Telhado	Não resta mais telhado no edifício, apenas algumas treliças no topo e algumas caídas no chão.
	Piso	A vegetação e o entulho tomou o piso, se tornando impossível de avaliar sua situação. Apresenta características interessantes.
	Caixilhos	Em más condições, quase não sobram vidros, e a parte metálica está se deteriorando com o tempo. As portas já não existem mais.
	Observações	Este edifício vem sendo considerado como ruínas pela autora deste projeto.


EDIFÍCIO 9	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="355 667 790 728"><i>Uso anterior:</i> Ensaque e Armazém de Açúcar.</p> <p data-bbox="355 750 790 784"><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p data-bbox="355 801 790 835"><i>Possível data de construção:</i> 1952</p>	Alvenaria	Alvenaria externa em boas condições. Internamente foram construídas divisórias em blocos de concreto, que não chegaram a ter uso.
	Revestimentos	Externamente não apresenta revestimentos, enquanto internamente o reboque está em más condições, apresentando infiltrações.
	Telhado	Em telhas metálicas de estado regular, apresenta algumas falhas e infiltrações.
	Piso	Em concreto, apresenta boas condições.
	Caixilhos	Em más condições, quase não sobram vidros, e a parte metálica está se deteriorando com o tempo. As portas externas estão em condições ruins, enquanto as internas apresentam boas condições.

EDIFÍCIO 10	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="362 1839 790 1872"><i>Uso anterior:</i> Armazéns de açúcar.</p> <p data-bbox="362 1895 790 1928"><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p data-bbox="362 1946 790 1980"><i>Possível data de construção:</i> 1952.</p>	Alvenaria	Alvenaria externa e interna em boas condições.
	Revestimentos	Externamente não apresenta revestimentos, internamente apresenta reboco e pintura, um pouco deteriorados.
	Telhado	Em telhas metálicas, apresenta grandes falhas, porém as treliças em madeira estão perfeitas.
	Piso	Em tijolos com capa de concreto, apresenta condições regulares, onde, em algumas partes, há vegetação crescendo.
	Caixilhos	Em más condições, quase não sobram vidros, e a parte metálica está se deteriorando com o tempo.


EDIFÍCIO 11	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="349 618 770 645"><i>Uso anterior:</i> Fermentação (indústria).</p> <p data-bbox="349 669 770 696"><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p data-bbox="349 721 770 748"><i>Possível data de construção:</i> 1952.</p>	Alvenaria	Em boas condições.
	Revestimentos	Localizados internamente, apresentam péssimas condições.
	Telhado	Telhamento metálico, apresentando uma boa parte faltante.
	Piso	De tijolo com capa em concreto, apresenta más condições de conservação.
	Caixilhos	Más condições de preservação.

EDIFÍCIO 12	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="349 1413 770 1440"><i>Uso anterior:</i> Fermentação</p> <p data-bbox="349 1464 770 1491"><i>Uso atual:</i> Sem uso</p> <p data-bbox="349 1516 770 1543"><i>Possível data de construção:</i> 1952.</p>	Alvenaria	Em mal estado de conservação, encontra-se ruindo e com rachaduras.
	Revestimentos	Não há.
	Telhado	Não há.
	Piso	Tomado pela vegetação, não pode ser avaliado com clareza.
	Caixilhos	Não há.
	Observações	Dentro deste recinto existe uma árvore, formando um espaço interessante de consolidação entre natureza e ruínas.

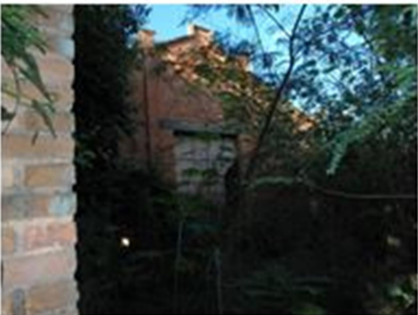
EDIFÍCIO 13	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="349 667 788 696"><i>Uso anterior:</i> Pré-fabricação (indústria).</p> <p data-bbox="349 719 571 748"><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p data-bbox="349 770 730 799"><i>Possível data de construção:</i> 1952.</p>	Alvenaria	Alvenarias em estado regular de conservação.
	Revestimentos	Não há.
	Telhado	Em telhas metálicas sustentadas por treliças de madeira, apresenta condições regulares.
	Piso	De tijolo com capa em concreto, apresenta condições regulares de conservação, com vegetação rasteira crescendo.
	Caixilhos	Em más condições, quase não sobram vidros, e a parte metálica está se deteriorando com o tempo.

EDIFÍCIO 14	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="349 1447 788 1476"><i>Uso anterior:</i> Pré-fabricação (indústria).</p> <p data-bbox="349 1498 571 1527"><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p data-bbox="349 1550 730 1579"><i>Possível data de construção:</i> 1952.</p>	Alvenaria	Alvenarias ruindo assim como o edifício de produção de açúcar. É considerado também como parte das ruínas.
	Revestimentos	Não há.
	Telhado	Inexistente, apresenta uma trama metálica que posteriormente servia para apoio do maquinário.
	Piso	De tijolo com capa em concreto, está bastante deteriorado, com vegetação presente.
	Caixilhos	Não há.
	Observações	No piso, há um desnível onde se encontra uma caldeira.


EDIFÍCIO 15	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="354 613 587 640"><i>Uso anterior:</i> Oficina.</p> <p data-bbox="354 667 571 694"><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p data-bbox="354 721 730 748"><i>Possível data de construção:</i> 1952.</p>	Alvenaria	Alvenarias ruindo. É considerado também como parte das ruínas.
	Revestimentos	Não há.
	Telhado	Inexistente.
	Piso	De tijolo com capa em concreto, está bastante deteriorado, e com bastante vegetação presente.
	Caixilhos	Em péssimas condições, não apresentam mais vidros.

EDIFÍCIO 16	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="354 1375 638 1402"><i>Uso anterior:</i> Sala técnica.</p> <p data-bbox="354 1429 571 1456"><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p data-bbox="354 1482 730 1509"><i>Possível data de construção:</i> 1952.</p>	Alvenaria	Alvenaria em condições regulares, porém apresentando algumas rachaduras.
	Revestimentos	Interno, apresenta péssimas condições, com infiltrações em muitas paredes. O teto apresenta um rebaixamento metálico com sinais e ferrugem e seu forro está completamente destruído.
	Telhado	Telhado em fibrocimento, com alguns pontos de infiltração.
	Piso	Cerâmico, em boas condições.
	Caixilhos	Relativamente apresenta boas condições, porém estão de deteriorando como tempo.
	Observações	Contém armários de madeira deteriorados que guardam uma grande quantidade de plantas e informações técnicas da Usina. O prédio continha banheiros, hoje inutilizáveis.


EDIFÍCIO 17	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="355 611 777 741"> <i>Uso anterior:</i> Laboratório. <i>Uso atual:</i> Sem uso. <i>Possível data de construção:</i> 1952. </p>	Alvenaria	Alvenaria em péssimas condições.
	Revestimentos	Não apresenta revestimentos.
	Telhado	Não resta telhado.
	Piso	A vegetação e o entulho tomam conta. Não foi possível visualizar a condição do piso.
	Caixilhos	Apresentam péssimas condições.
	Observações	Estrutura remanescente a ser tratada como ruína

EDIFÍCIO 18	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="351 1384 770 1552"> <i>Uso anterior:</i> Armazém de açúcar. <i>Uso atual:</i> Sem uso. <i>Possível data de construção:</i> Não foi possível determinar. </p>	Alvenaria	Em boas condições.
	Revestimentos	A pintura que o prédio recebeu inicialmente hoje é quase inexistente, restando a alvenaria em tijolos aparentes.
	Telhado	Telhado em fibrocimento, com uma boa parte faltante, causando grandes infiltrações nas paredes.
	Piso	Em concreto, apresenta condições regulares, com vegetação crescendo em alguns pontos.
	Caixilhos	Boas condições de conservação.
	Observações	Portão de madeira conservado

EDIFÍCIO 19	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p><i>Uso anterior:</i> Oficinas mecânica e elétrica.</p> <p><i>Uso atual:</i> Sem uso</p> <p><i>Possível data de construção:</i> 1952.</p>	Alvenaria	Alvenaria em condições regulares, porém com algumas rachaduras significativas.
	Revestimentos	Em péssimo estado, tanto internamente quanto externamente.
	Telhado	Telhado em fibrocimento, com alguns pontos faltantes e apresentando infiltração.
	Piso	Em concreto, apresenta condições regulares, com vegetação crescendo em alguns pontos.
	Caixilhos	Condições regulares de preservação. Estão um pouco deteriorados principalmente por estarem diretamente voltados para a rua externa.
	Observações	Treliças em madeira muito bem preservadas.

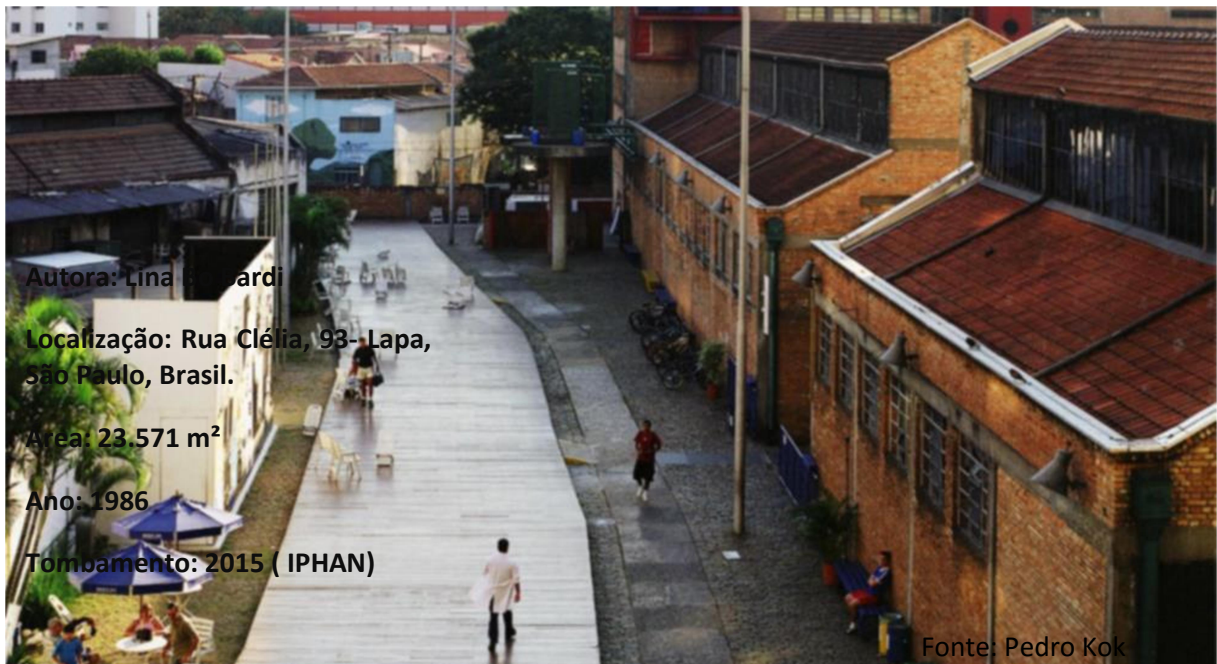
EDIFÍCIO 20	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p><i>Uso anterior:</i> Diretoria, almoxarifado e administração.</p> <p><i>Uso atual:</i> Sem uso</p> <p><i>Possível data de construção:</i> 1952</p>	Alvenaria	Interna e externa em boas condições.
	Revestimentos	Externamente estão deteriorados. Internamente apresentam pontos bastante danificados, com infiltrações e descascados em quase todas as salas.
	Telhado	Composto de telhas cerâmicas sobre estrutura de madeira apresenta boas condições, com algumas falhas e infiltrações. Em algumas salas apresenta forro de madeira bastante deteriorado.
	Piso	Nas salas do almoxarifado, é composto por ladrilhos cerâmicos, que apresenta boas condições, com algumas escuridões. Nas salas da diretoria e administração, onde o piso é composto de tacos de madeira, as condições estão péssimas, com muitas partes faltantes.
	Caixilhos	Tanto a caixilharia quanto as portas de madeira apresentam boas condições
	Observações	As salas da diretoria foram elaboradas com paredes de vidro que dão visão para um jardim interno.

EDIFÍCIO 21	SITUAÇÃO DE CONSERVAÇÃO	
 <p data-bbox="347 667 670 694"><i>Uso anterior:</i> Nova portaria.</p> <p data-bbox="347 716 590 743"><i>Uso atual:</i> Sem uso.</p> <p data-bbox="347 766 782 828"><i>Possível data de construção:</i> Década de 1980.</p>	Alvenaria	Alvenaria externa e interna em boas condições.
	Revestimentos	Em bom estado, apenas apresentam as marcas do tempo.
	Telhado	Laje em concreto aparente em boas condições
	Piso	Cerâmico, está um pouco deteriorado, apresentando escorificações.
	Caixilhos	Em más condições, quase não sobram vidros, e a parte metálica está se deteriorando.
	Observações	Esta estrutura, depois de pronta, foi usada por muito pouco tempo.

ELEMENTOS IMPORTANTES DA PAISAGEM		
ELEMENTO 22: Tanque de resfriamento	ELEMENTO 23: Arvore da entrada	ELEMENTO 24: Pátio de cana
		
ELEMENTO 25: Bases da esteira.	ELEMENTO 26: Esteira	ELEMENTO 27: Bases dos tanques de álcool
		

6. REFERENCIAS PROJETAIS

6.1 Sesc Pompéia



Do ano de 1986, o projeto elaborado pela arquiteta Lina Bo Bardi apresenta a incorporação de novos edifícios à área onde funcionava a antiga fábrica de tambores da Pompéia. Assim, no espaço existem edifícios históricos e edifícios novos, cada qual com sua materialidade distinta.

Seguindo a vertente do restauro crítico o projeto foi baseado no respeito ao caráter da composição fabril, em um processo de mediação entre os valores históricos e culturais. Assim, em uma intervenção onde o olhar crítico vem ponderar as modificações, a arquiteta atuou de forma a evidenciar aspectos da estrutura em concreto - uma das pioneiras do século XX - através do tratamento das superfícies, as quais tiveram todo o revestimento retirado. Estas estruturas passaram a ser valorizadas pelas intervenções recebidas, num processo de criação não só arquitetônica como também artística. Os elementos acrescentados ao complexo foram elaborados em formas e materiais que divergem visualmente dos outros períodos, coexistindo de forma harmoniosa.

O projeto desenvolveu-se juntamente com o programa, indissociáveis, num espaço onde já ocorriam algumas atividades de forma improvisada (presente

histórico- a partir da apropriação existente estruturou-se a concepção do projeto de intervenções). Seu programa mostra-se interessante para análise, pois apresenta atividades tanto de âmbito cultural quanto de lazer, com programação abrangente e inclusiva. O espaço apresenta um grande conjunto esportivo com piscina, ginásio e quadras; além de lanchonetes, vestiários, salas de ginástica, lutas e danças; ateliers de cerâmica, pintura, marcenaria, tapeçaria, gravura; laboratório fotográfico e estúdio musical; teatro, restaurante, espaços de estar, biblioteca, entre outros usos.

Os novos edifícios concebidos pela arquiteta são caracterizados pela materialidade em concreto aparente e por suas formas brutas, que remetem aos silos industriais. A implantação dessas, e do espaço externo em geral, foi pensada principalmente em respeito às necessidades de preservação ambiental e ao córrego que passa pelo terreno. Nesse espaço, portanto, podemos ver a flexibilidade de uso e a diversidade de atividades que os galpões industriais podem abranger, de acordo com cada necessidade.

Figura 56– Estudo do programa e da planta baixa do SESC Pompéia.

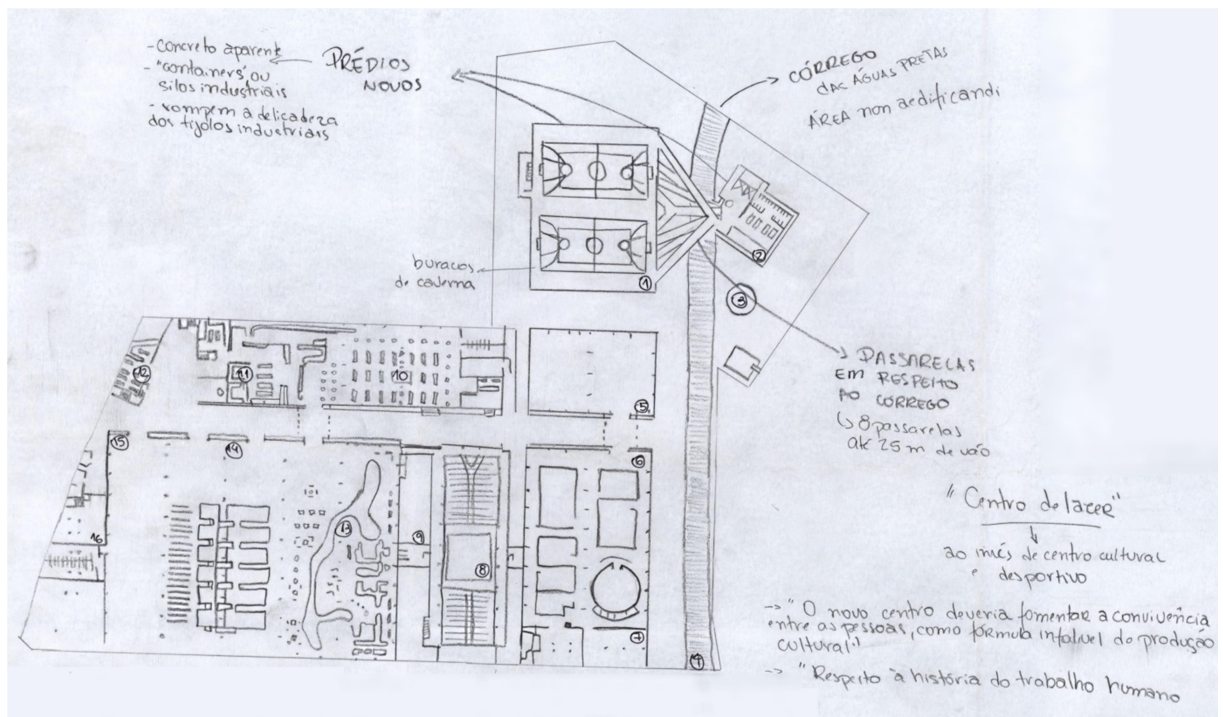









Tabela 3– Matriz síntese do Sesc Pompéia.

ANTIGO	NOVO
IMPLANTAÇÃO	
 <p data-bbox="384 757 620 786">Fonte: Peter Sheier</p>	 <p data-bbox="987 757 1305 786">Fonte: Google Earth, 2015</p>
FACHADAS	
 <p data-bbox="357 1182 600 1211">Fonte: Peter Sheier</p>	 <p data-bbox="956 1193 1347 1223">Fonte: Google Street View, 2015</p>
 <p data-bbox="320 1621 651 1650">Fonte: Paquito/ Divulgação</p>	 <p data-bbox="1038 1621 1198 1650">Fonte: Pedro</p>
 <p data-bbox="389 2018 549 2047">Fonte: Peter</p>	 <p data-bbox="1023 2018 1235 2047">Fonte: Pedro Kok</p>

USOS



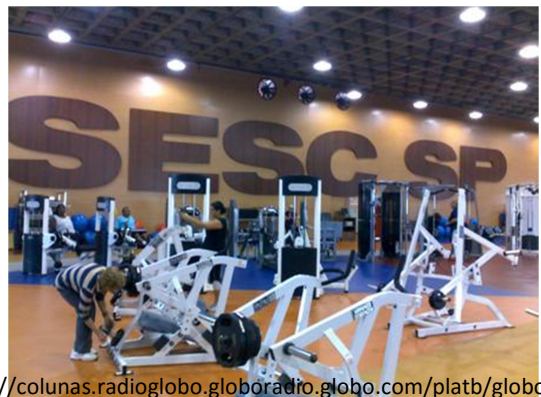
Fonte: Peter Sheier



Fonte: Pedro Kok



Fonte: Julio Roberto Katinsky



<http://colunas.radioglobo.globoradio.globo.com/platb/globomov/elsp/tag/sesc-pompeia/>

INTERVENÇÃO ANTIGO/ NOVO



Fonte: Pedro Kok

DISTINGUIBILIDADE

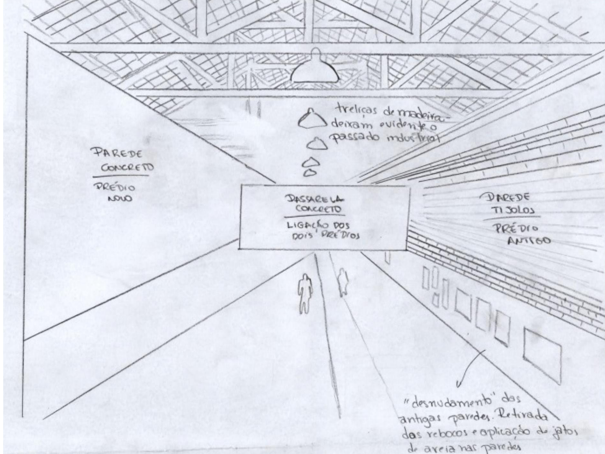


Fonte: Pedro Kok

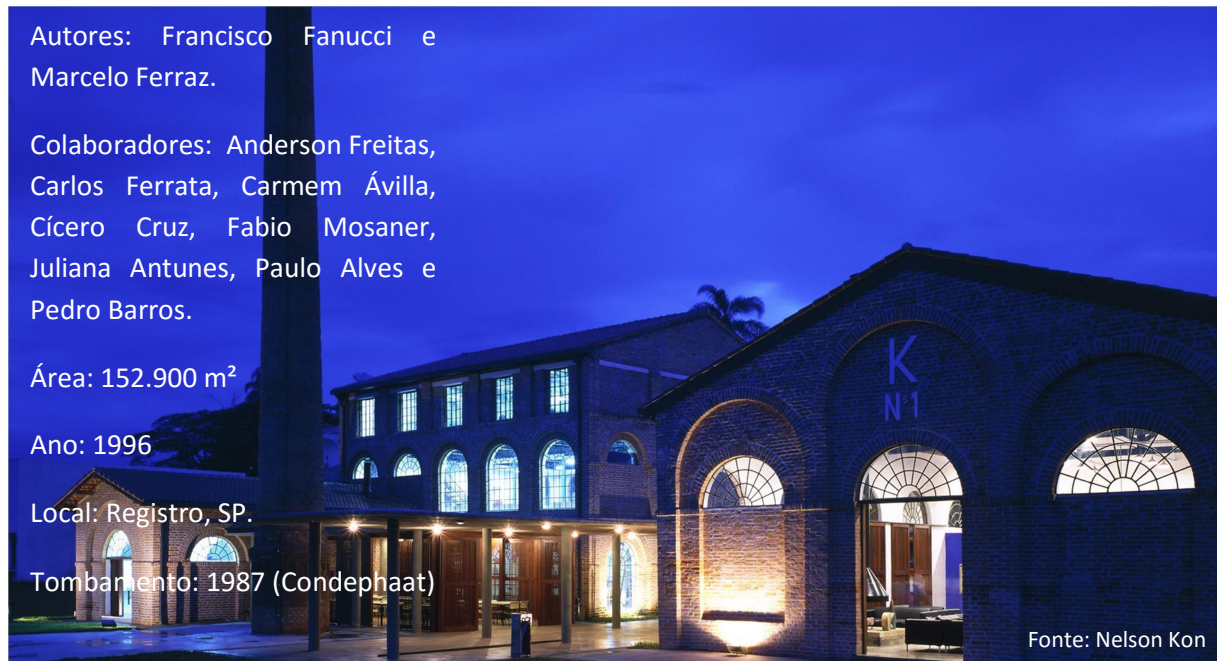
REVERSIBILIDADE



Fonte: Pedro Kok

<p>TRATAMENTO DAS SUPERFÍCIES</p>	<p>Jateamentos de areia, para remoção do reboco. Construção de novos edifícios, em concreto armado, para diferenciar dos antigos prédios.</p>
<p>PROGRAMA</p>	<p>Conjunto esportivo com piscina, ginásio e quadras. Lanchonete, vestiários, sala de ginástica, lutas e danças. Torre da caixa d'água. Deck com espelho d'água. Almoxarifado e oficinas de manutenção. Ateliers. Laboratório fotográfico, estúdio musical, sala e danças. Teatro. Restaurante. Cozinha Industrial. Vestiários e Refeitórios dos funcionários. Espaço de estar, jogos de salão, espetáculos e mostras expositivas. Lareira. Biblioteca e videoteca. Administração geral.</p>
<p>VALOR HISTÓRICO/ ARTÍSTICO</p>	<p>É revelado que sua estrutura é uma das pioneiras moldadas em concreto armado. Tem seu valor intínseco ao uso, que mesmo em situação de abandonado, as famílias a ocupavam. Tombado pelo IPHAN em 2015.</p>
<p>ESTUDOS GRÁFICOS</p>	
	

6.2 Conjunto KKKK



Autores: Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz.

Colaboradores: Anderson Freitas, Carlos Ferrata, Carmem Ávilla, Cícero Cruz, Fabio Mosaner, Juliana Antunes, Paulo Alves e Pedro Barros.

Área: 152.900 m²

Ano: 1996

Local: Registro, SP.

Tombarimento: 1987 (Condephaat)

Fonte: Nelson Kon

O complexo de galpões localizados à beira do rio Ribeira de Iguape recebeu de seus idealizadores, Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci argumentos projetuais capazes de valorizar a importância da arquitetura e história da colônia japonesa presente na região.

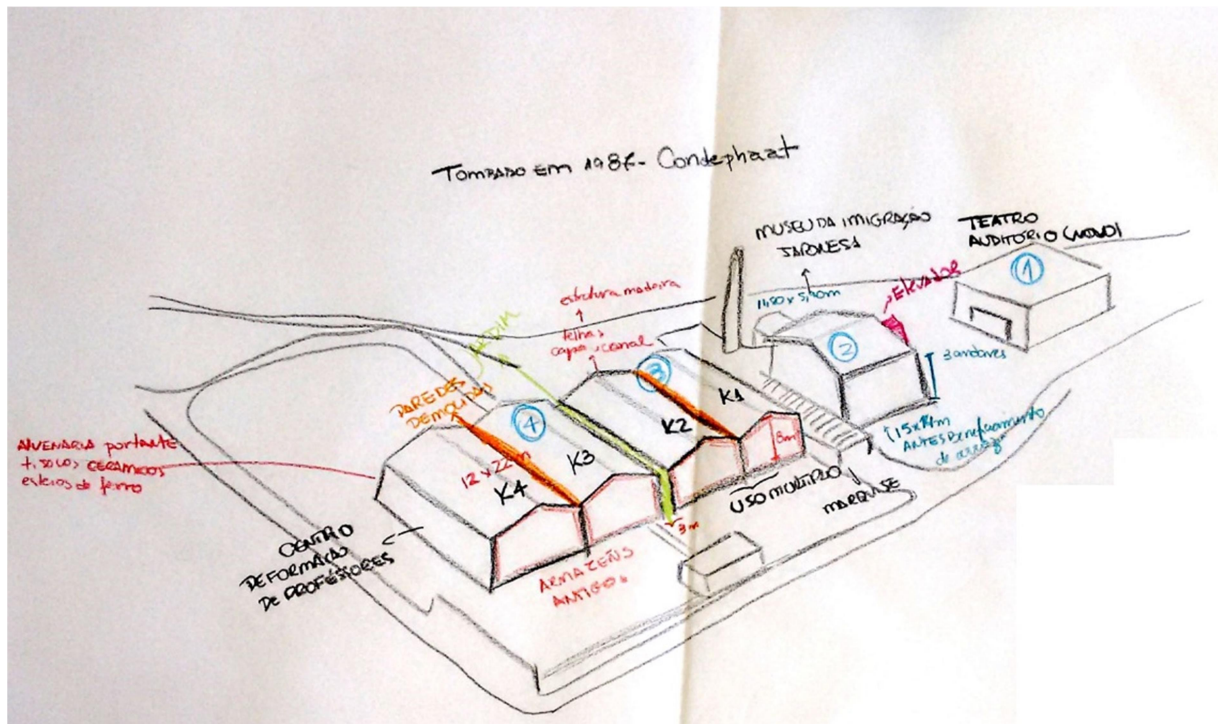
O local fora construído para abrigar um engenho de beneficiamento de arroz, subsidiando a atividade agrícola desenvolvida pelos colonos, que se instalaram no Vale do Ribeira a partir do início de século XX. Seu programa era dividido em quatro armazéns para estocagem do produto e mais um para abrigar a máquina de beneficiamento. Sua localização privilegiada ao lado do porto de Registro favorecia o escoamento da produção.

Para o projeto de restauro das estruturas importadas da década de 1920, os arquitetos partiram da premissa do saneamento ambiental, ou seja, algumas estruturas foram demolidas visando a valorização do conjunto local e facilitando a circulação pelo parque. A intenção do projeto era recuperar as relações da cidade para com o rio, desde que essas foram prejudicadas pelas inundações, o que fez com que a expansão urbana se voltasse para o lado oposto. Os barracões idênticos são geminados dois a dois, e foram identificados como K1- K2 e K3- K4.

Nas ações de restauro optou-se por remover o reboco e a caiação deixando as superfícies com a aparência original. As paredes internas que dividiam os barracões geminados foram demolidas, e as estruturas do telhado e a cobertura de telhas de cerâmica foram renovadas, recebendo ainda, em uma faixa de telhas do conjunto K3+K4, exemplares de vidro transparente de forma a melhorar a iluminação natural. Todo o piso foi executado em argamassa de alta resistência e os assoalhos de madeira foram recompostos. As esquadrias foram refeitas conforme o desenho original. Novas estruturas tiveram de ser criadas para suportar as adições, de mezaninos, elevadores e marquises, e para que estas não agredissem o conjunto, optou-se por não deixá-las evidentes.

O programa original foi elaborado para que os galpões K1 e K2 funcionassem como local de convivência e uso múltiplo; e os galpões K3 e K4 fossem readequados para receber o Centro de Formação e Gestão de Professores da rede estadual de ensino de São Paulo. O prédio do antigo engenho foi transformado então para receber o Memorial da Imigração Japonesa.

Figura 57– Estudo do Complexo KKKK.









Fonte: Autora, Julho 2015.

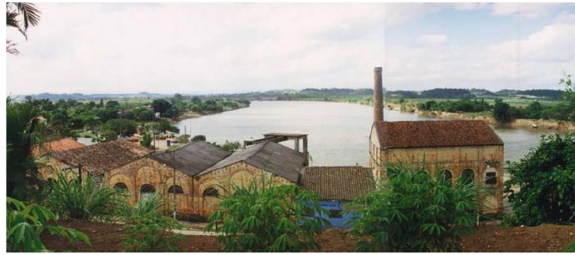
Para adaptar os galpões aos novos usos foram criadas paredes divisórias compostas em materiais e cores diferentes, que distinguissem do original. Essas divisórias foram propostas seguindo a modulação das arcadas existentes e com uma altura mais baixa que o pé direito original. Quando instaladas permitiram a implantação de áreas molhadas e a criação de novas áreas e salas- necessárias a funcionalidade dos novos usos.

Novos elementos foram criados: entre os galpões, K1-K2 e K3-K4 foi implantado um jardim, fechado por muxarabis de madeira, que ofereceram novamente a diferenciação da materialidade entre o novo e o antigo. Estes muxarabis foram também executados no novo prédio idealizado para receber o teatro auditório, o qual foi construído em estrutura de concreto e fechamento em alvenaria, em um prédio bastante simples, na cor branca.

Seu uso foi modificado algumas vezes desde sua restauração, o que vem causando problemas, pois a readaptação a novos programas exige soluções espaciais diferentes das utilizadas pelos arquitetos, quando elaboraram o projeto conforme as exigências da então Prefeitura Municipal e do FDE. Assim, o projeto de restauro do conjunto KKKK mostra-nos o sucesso de um projeto quanto elaborado seguindo as premissas de respeito ao material e valor histórico do lugar, mas também apresenta as dificuldades pelas quais passa a adaptação do projeto no decorrer das décadas.

Tabela 4– Matriz síntese do Conjunto KKKK.

ANTIGO	NOVO
IMPLANTAÇÃO	
 <p data-bbox="491 651 751 680">Fonte: SEGAWA, 2002</p>	 <p data-bbox="1222 651 1442 680">Fonte: Nelson Kon</p>
 <p data-bbox="472 1032 746 1061">Fonte: SEGAWA, 2002.</p>	 <p data-bbox="807 1061 1374 1128">http://www.ovaledoribeira.com.br/2012/12/a-historia-do-kkkk-em-registro-sp.html</p>
FACHADAS	
 <p data-bbox="240 1525 756 1554">Fonte: Acervo Escritório Brasil Arquitetura</p>	 <p data-bbox="935 1525 1315 1554">Fonte: Patricia Viceconti Nahas</p>
 <p data-bbox="225 2007 735 2036">Fonte: Acervo Escritório Brasil Arquitetura</p>	 <p data-bbox="927 2007 1310 2036">Fonte: Patricia Viceconti Nahas</p>



Fonte: Acervo Escritório Brasil Arquitetura



Fonte: Patricia Viceconti Nahas

USOS



Fonte: SEGAWA, 2002



Fonte: <http://car.educacaoadventista.org.br/fotos/9/passeios-excursos/28/excursao-3-b-museu-kkkk>



Fonte: SEGAWA, 2002



Fonte: www.ovaledoribeira.com.br



Fonte: SEGAWA, 2002



Fonte: <http://regionaljornal.blogspot.com.br/2010/11/exposicao-de-kenichi-kaneko-e-yukio.html>

INTERVENÇÃO ANTIGO/ NOVO

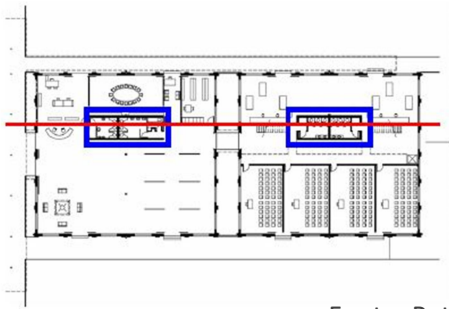


Fonte: Nelson Kon



Fonte: Patricia Viceconti Nahas

DISTINGUIBILIDADE



Fonte: Patricia Viceconti Nahas

REVERSIBILIDADE



Fonte: Patricia Viceconti Nahas

<p>TRATAMENTO DAS SUPERFÍCIES</p>	<p>Retirada do reboco e do caiamento.</p> <p>Retirada das paredes que dividiam os salões geminados.</p> <p>Novas estruturas de telhado e novas telhas.</p> <p>Paredes divisórias criadas, mais baixas que as aberturas.</p> <p>Mezanino criado em laje de concreto.</p> <p>Piso dos galpões reexecutado em argamassa de alta resistência.</p> <p>Telhas de vidro.</p> <p>Tijolos tratados com hidrofúgico a base de silicone.</p>
<p>PROGRAMA</p>	<p>K1 e K2- local de convivência e uso múltiplo.</p> <p>K3 e K4- Centro de Formação dos professores.</p> <p>Restaurante, museu, refeitório, cozinha, exposições, biblioteca, coordenadoria de eventos, reuniões, estar, exposições temporárias, jardim, sala de aula, aula prática, informática, multimídia, reuniões.</p>
<p>VALOR HISTÓRICO/ ARTÍSTICO</p>	<p>Data do ano de 1989, é tombado pelo CONDEPHAAT. Apresenta uma típica estrutura industrial inglesa, do início do século XX.</p> <p>Tem valor histórico por ter sido construído para a vinda da colônia japonesa para a região do Vale do Ribeira.</p>

6.3 Landschaftspark Duisburg Nord

Autor: Peter Latz and Partner.

Área: 2.300.000 m²

Local: Duisburg, Alemanha.

Ano: 1990.



A cidade de Duisburg na Alemanha, no início do século XX se destacava economicamente pela produção siderúrgica. No ano de 1901, é instalada a companhia Thyssen Ironworks em seu território, edificando um complexo de altos-fornos, empregados na produção de ferro-gusa. Durante uma crise do mercado europeu nos anos 80, sua produção teve de ser reduzida, gradualmente, até que em 1985 acabou por ser desativada, deixando um território de 200 hectares abandonados. Em 1988 a área é adquirida pelo estado, que abre concurso, saindo deste, vencedor o arquiteto Peter Latz.

O projeto tem como objetivo principal evidenciar uma nova paisagem, onde interagem o natural e as estruturas criadas pelo homem. Nesta época o parque industrial encontrava-se desconectado da malha urbana, propondo-se assim a sua interligação com várias outras áreas industriais desativadas, criando um circuito que tem como principal elemento conector a linha férrea. Apresenta como particularidade projetual, a transformação do antigo canal do rio que cortava o parque, em canal artificial que permite por toda a sua extensão a aproximação do público, através de pontes.





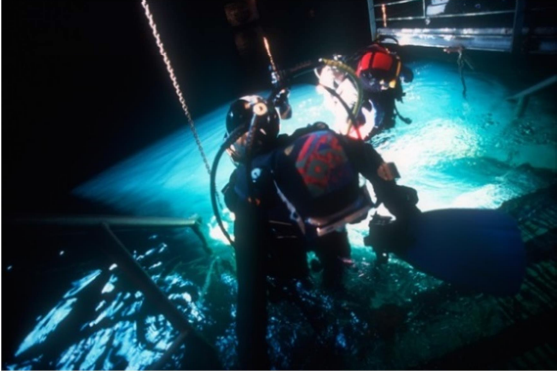
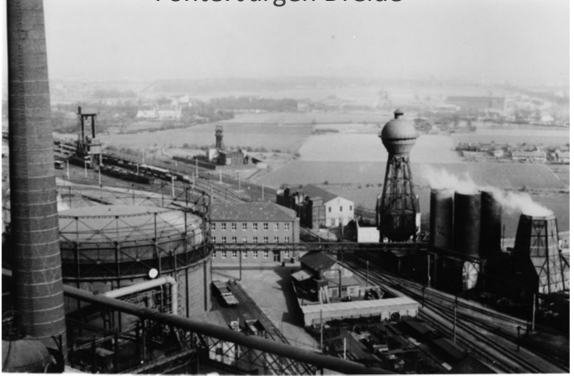

No complexo foram instaladas uma série de atividades que tiram proveito das antigas estruturas industriais. Estas atividades funcionam individualmente, mas acabam se conectando em um percurso de programas e caminhos especiais.

Esses caminhos foram criados por entre os edifícios, levando o pedestre a descobertas pelo percurso. Jardins artificiais foram instalados, podendo ser vistos através de vários níveis. O alto forno principal foi transformado em observatório, o antigo gasômetro em tanque de mergulho e as estruturas principais em paredes de escalada. Fazem parte do programa do projeto também quadras esportivas e mesas para tênis de mesa, instalações para arborismo indoor, playground infantil, pistas de corrida, piscinas, campo de futebol, tanque de areia, escorregadores por entre as paredes estruturais, pista de skate, café e centro de visitantes. Espaços foram pensados para a interação do público, como a Piazza Metálica (local originalmente utilizado na fundição dos metais), a arquibancada e o gramado, sempre utilizado em shows.

Outra característica do programa elaborado é que este foi pensado para o clima alemão. Criaram-se espaços externos de interação e pistas de corrida e caminhada para que a população pudesse aproveitar os dias de calor, mas também foram concebidas atividades que pudessem ser feitas no inverno, evitando assim que o parque fique em desuso nas épocas mais frias do ano.

Optou-se por deixar o maquinário e as estruturas restantes no local original, para que dessa forma percebam os registros materiais da história e continuem seu processo de deterioração no ambiente. Assim, são evidências do passado que também incorporam a história presente, se tornando também testemunho da época atual, com outros usos.

Tabela 5– Matriz síntese do Landschaftspark Duisburg Nord

ANTIGO	NOVO
IMPLANTAÇÃO	
 <p data-bbox="293 770 724 801">Fonte: ThyssenKrupp Konzernarchiv</p>	 <p data-bbox="995 770 1299 801">Fonte: Google Earth, 2015</p>
USOS	
 <p data-bbox="379 1599 628 1630">Fonte: Jürgen Dreide</p>	 <p data-bbox="954 1218 1331 1249">Fonte: power-ruhrgebiet GmbH</p>  <p data-bbox="900 1621 1378 1653">Fonte: TauchGasometer GmbH & Co.KG</p>
	 <p data-bbox="979 1989 1267 2020">Fonte: Worst Neuendorf</p>

INTERVENÇÃO ANTIGO/ NOVO

Fonte: Thomas Berns



Fonte: Horst Zielske

DISTINGUIBILIDADE

Fonte: Büro für Industriearchäologie



Fonte: planinghaus architekten

REVERSIBILIDADE

Fonte: Thomas Berns

TRATAMENTO DAS SUPERFÍCIES	O antigo maquinário e as superfícies metálicas foram deixadas ao natural, ao ar livre, para que pudessem continuar passando a ideia do tempo
PROGRAMA	<p>Jardins artificiais</p> <p>Play-point</p> <p>Paredes de escalada</p> <p>Escorregador</p> <p>Playground infantil</p> <p>Quadra esportiva</p> <p>Tanque para mergulho</p> <p>Arborismo indoor</p> <p>Pista de corrida</p> <p>Piscina</p> <p>Campo de futebol</p> <p>Área com areia</p> <p>Pista de skate</p> <p>Mesas para tênis de mesa</p> <p>Centro de visitantes</p> <p>Café</p> <p>Gramado para shows,</p> <p>Arquibancada com palco</p>
VALOR HISTÓRICO/ ARTÍSTICO	<p>O parque é constituído em meio a um complexo industrial, produtor de ferro-gusa, desde 1901.</p> <p>Ideia de um novo tipo de paisagem natural e, simultaneamente, produzida pelo homem.</p>

Elaboração: Autora, Julho 2015.

7. DIRETRIZES LEGAIS

Diretrizes legais

Ao tecido urbano de Rio das Pedras, incide sobre a área leis que determinam as diretrizes para o uso, ocupação e preservação do solo.

Assim, figuram como principais leis municipais a Lei Nº 2.345 de 13 de outubro de 2006, sobre a implantação do Plano Diretor; a Lei Nº 2.750, de 09 de janeiro de 2013, que regula sobre o Zoneamento e Parcelamento do Solo, e por fim, a lei Nº 2.751 de 09 de janeiro de 2013, sobre o Parcelamento para Fins Urbanos.

Partindo do estudo da Lei Nº 2.345, o Plano Diretor do Município de Rio das Pedras, elaborado sobre as premissas da Lei Federal 10257/01 – O Estatuto da Cidade - enfatiza a função social da propriedade e da cidade como objetivos principais a serem respeitados. Em seu Artigo 1º, dá diretrizes para a implementação de um plano de preservação do Patrimônio Histórico, Natural e Cultural, levando em conta os valores e interesses da comunidade. Diz ainda sobre a preservação das áreas verdes e de lazer, abrindo a possibilidade da criação de novas unidades dessas.

Proíbe o empreendimento de loteamentos onde vigorem leis de proteção ambiental ou dos patrimônios paisagístico, ecológico, histórico e cultural, o que pode, quando aplicada à área de estudo, protegê-la da ação especulativa do mercado imobiliário.

Em seu Artigo 30, parágrafo III, determina a utilização da área (reconhecida neste documento como Usina Desativada da Cosan), como um local de Uso Institucional. Edificações próximas, como a Indústria Painco localizada às margens da represa de captação de água e a Rodovia Nelson Caproni, no sentido Rio das Pedras/ Mombuca; foram especificadas como áreas de Uso Institucional Futuro, e os lagos contíguos à área recebem diretrizes para a implantação de um parque reconhecendo-se como Área de Preservação Permanente. Outros edifícios do entorno imediato da área, oriundos também da implantação da Usina, foram usados em outras épocas como suporte para a produção desta e em conjunto com o sítio, caracterizam a atividade industrial da cidade, não devendo portanto, ser desvinculadas uma das outras. Dessa maneira, mesmo não presente em lei, cria-se

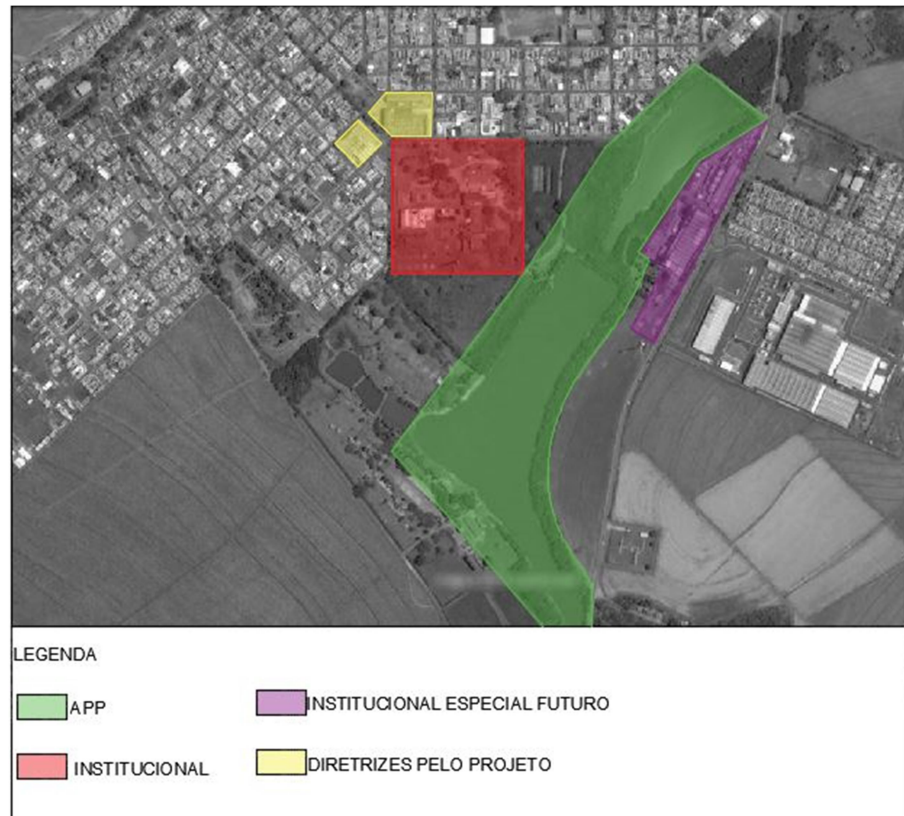
como diretriz deste projeto a implantação de meios de proteção para essas duas quadras industriais (mostradas nas figuras 58 e 59), para que se preservem também as características do entorno, fundamentais para a integração do projeto com o urbano. Podemos caracterizar, portanto, no recorte da figura 60, um conjunto de zonas de interesses preservacionistas do patrimônio histórico, cultural e natural, com diretrizes de uso asseguradas por lei.

Figura 58 e 59 – Entorno industrial da área.



Fonte: Autora (2015).

Figura 60 – Diretrizes de uso para a área da Usina e suas adjacências.



Fonte: Google Earth, com alterações da autora (2015).

São definidas no Plano Diretor as categorias de Uso Institucional como: E1, para Uso Especial Diversificado, o qual compreende as “ instituições destinadas à saúde, educação, cultura, lazer ou administração pública, visando o atendimento da população de um bairro ou pequeno conjunto de bairros, não implicando em uma grande concentração de pessoas e de veículos ou em níveis de poluição, nos mais diversos meios, acima dos parâmetros ambientais estabelecidos”; e as E2, para Uso Institucional Especial, que compreende os mesmos usos das E1, porém visando o atendimento da população da cidade e de outros municípios, “cujas características de concentração de pessoas e veículos, níveis de ruído ou qualquer tipo de impacto de vizinhança, impliquem em cuidados ou medidas especiais pelo poder público”.

Para aplicação neste Trabalho Final de Graduação, será utilizada a definição de Uso Institucional Especial (E2), onde o projeto englobará toda a cidade. Seu uso e implantação deverão atentar para critérios de preservação do patrimônio histórico e cultural, intervindo também muito próximo às áreas de preservação ambiental e APP. Para o cumprimento em respeito a tais especificidades, como determina a lei, o intercâmbio de informações entre projetista e poder público são essenciais.

O artigo 26 da Lei de Zoneamento e Parcelamento do Solo também legisla sobre as Zonas de Interesse Institucional (ZII), determinando-as como áreas onde há concentração de usos institucionais e administrativos especiais já implantados ou a serem adquiridos pelo poder público em curto prazo. São estabelecidas as seguintes diretrizes: os investimentos públicos em infraestrutura e equipamentos devem ser promovidos garantindo a conservação do patrimônio cultural e ambiental do local; além do dever em se promover a aplicação dos instrumentos do Estatuto da Cidade, Lei Federal 10.257/01 e do Plano Diretor do Município podendo -se aplicar, o Direito de Preempção e a Transferência do Direito de Construir. Em seu artigo 27, define a Zona Institucional Especial Futuro (ZIEF) como às áreas a serem reservadas futuramente aos usos institucionais e administrativos especiais, devido à sua localização ou ao valor cultural, histórico, paisagístico ou de preservação ambiental.

Assim, tanto na Lei de Zoneamento e Parcelamento do Solo, quanto no Artigo 35 do Plano Diretor, apresenta uma diretriz muito importante, que permitiria a implantação do projeto no futuro: o direito de preempção. Neste, o Poder Público tem preferência na compra dos imóveis vazios ou subutilizados (caso da Usina), localizados dentro da Zona Urbana Consolidada, podendo estes ser utilizados para realizações urbanísticas de fins sociais. Apresenta algumas diretrizes de uso, nas quais podemos enquadrar o projeto em: implantação de equipamentos urbanos e comunitários, criação de espaços públicos de lazer e áreas verdes, criação de unidades de conservação e proteção de interesse ambiental, e na proteção de áreas de interesse histórico, cultural e paisagístico.

Em relação aos lagos, determina pelo o Artigo 42 do Plano Diretor a criação e preservação da Área de Preservação Permanente de Interesse Especial do Parque dos Lagos. No Artigo 29 da Lei de Zoneamento e Parcelamento do Solo são

estabelecidos também os objetivos de se trabalhar na preservação dos recursos hídricos, da paisagem, da estabilidade geológica, da biodiversidade e do fluxo gênico de fauna e flora; além de também assegurar o bem estar das populações humanas; através do desenvolvimento de programas de acompanhamento ambiental para recuperação e preservação das nascentes, do levantamento das áreas degradadas de mata ciliar, matas nativas e nascentes, visando assim programas de incentivo ao replantio dessas. Determina também o estabelecimento de programas de requalificação e urbanização; o incentivo à arborização e manutenção das áreas vegetais, além do estímulo a participação da população através de programas culturais e de lazer, através da qualificação dos espaços por intermédio da instalação de equipamentos urbanos.

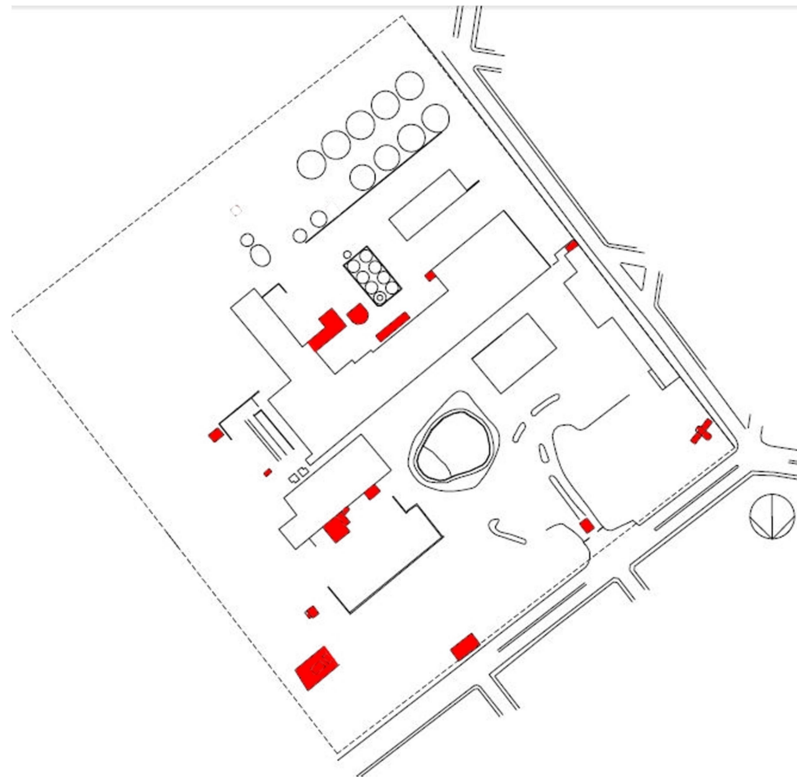
Na elaboração deste trabalho, portanto, o cumprimento das diretrizes legais torna-se um dos meios de legitimar a atuação na área, buscando interligá-la também ao seu entorno, incluindo as premissas da educação ambiental em conjunto com a preservação dos patrimônios histórico, cultural e natural, sempre visando o bem-estar da população e do ecossistema presente, garantindo a sua preservação.

8. O PROJETO

8.1 O Parque

A proposta da criação de um novo parque figura como o ponto de partida deste projeto. Assim, a partir das análises anteriores, foi possível determinar quais das estruturas presentes no local receberiam novos usos e quais dessas apresentavam inviabilidade de recuperação. Com base nessa avaliação, alguns edifícios tiveram de ser removidos, cabendo aqui a ressalta de que toda e qualquer ação foi proposta apenas quando esta não modificasse o contexto geral do patrimônio, e quando as vantagens dos novos usos fossem superiores as perdas.

Figura 61- Modelo esquemático da implantação original da Usina, com os edifícios removidos em destaque.



Fonte: A autora (2016).

Resolvida a nova configuração do parque, parte-se para a definição dos novos usos a serem ali instalados, sendo estes determinantes para o sucesso e conservação do bem. Estabelece-se, dessa maneira, que o novo espaço passaria a oferecer diversas atividades, em diferentes escalas de utilização.

Assim, atividade da empresa de soldagens presente no local é mantida, pois não foi observada a necessidade de sua remoção, além do que, a sua atividade diária e controlada, garante a utilização e preservação constantes de ao menos uma parte do parque. A certeza dessa constância diária e do sistema de controle garante ao usuário a sensação de segurança. Ainda no sentido de oferecer uma modalidade de uso contínuo ao local, é determinada a instalação de um Centro de Formação Técnica. Este busca sanar as necessidades apontadas nas pesquisas. Para o uso recreativo o parque passa a oferecer ao visitante novos caminhos, diversas áreas de vivência, observatórios, áreas para a prática de atividades esportivas e culturais, assim como a instalação de um cine teatro. Para o conforto destes usuários, são determinadas áreas de apoio banheiros e bebedouros.

Figura 62- Projeto geral e diretrizes para o parque.



Fonte: A autora (2016).

Estabelecidas assim as novas atividades, as ações projetuais recaem na determinação dos novos acessos ao parque. Ao procurar integrar a área com a malha urbana, o projeto apresenta o alargamento das calçadas e a criação de novos percursos para os pedestres. Dois novos eixos de circulação são propostos, a partir de dois acessos (números 1 da figura 62), que serão explicados a seguir.

O primeiro (número 2) é dado através de uma entrada central exclusiva para pedestres. Este cria um novo eixo de circulação que corta o parque e dá acesso às diversas áreas propostas. No decorrer deste percurso encontramos caminhos secundários que levam a outros pontos do parque. Assim, ao se entrar e seguir por este, passamos por uma área de permanências (número 17), em meio ao gramado, onde foram locados bancos e mesas. Mais adiante, permanece a grande árvore que dá boas vindas ao visitante deste a fundação da Usina.

Logo após a árvore, o antigo tanque de resfriamento desativado recebe o projeto para transformar-se em lago (número 11). Em suas bordas estão dispostos decks de madeira onde o público pode se sentar e, por estes se localizarem bem em frente às ruínas principais, contemplá-las. Pontes foram dispostas sobre este e ao atravessá-las entramos no eixo que liga as ruínas principais com as áreas pedagógica e administrativa e aos edifícios de apoio ao parque.

Assim, os edifícios que antes correspondiam à parte da produção do açúcar (número 12) serão conservados como ruína, recebendo instalações que permitem ao observador novas perspectivas do parque, e da cidade. A área pedagógica, situada nos edifícios correspondentes aos antigos armazéns de açúcar (número 15), receberá a instalação de uma escola técnica. Neste trabalho, a área das ruínas e a área educacional receberam especial enfoque nas ações projetuais, as quais serão melhores detalhadas nas seções posteriores.

Já para antiga diretoria da indústria (número 16), loca-se a área administrativa, a qual deve abranger as atividades gerenciais do parque, assim como o funcionamento de um pequeno museu técnico. Este deverá abordar a história da usina, assim, como da atividade sucroalcooleira na região, utilizando da grande quantidade de material disponível que hoje está abandonado nos armários e na sala técnica da Usina.

Ao edifício das antigas oficinas mecânicas e elétricas (número 18) é dada a função de apoio e suporte do parque, sendo este o local onde se instalam os banheiros e bebedouros, além de e um espaço de vivência com tela para projeção de pequenos filmes. Neste espaço, onde uma de suas faces faz divisa com a Rua Bernardino de Campos, voltada ao bairro residencial, é proposta a abertura e instalação de um cobogó metálico, que permita a interligação visual entre a vivência e o externo, ampliando assim a interação entre interior e exterior. Neste prédio funcionam também os almoxarifados e os depósitos das ferramentas usadas na manutenção do parque.

Para a outra entrada (número 3), a lateral, fica determinado que por esta é dado o acesso de veículos; sejam esses automóveis dos visitantes, ou veículos utilitários a serviço da empresa locada na área. Assim, seguindo-se por esta temos acesso ao estacionamento de visitantes (número 5), o qual apresenta 45 vagas sombreadas. A seguir, neste mesmo percurso, fica a nova guarita (número 6) para controle do acesso à empresa de soldagens, a qual continuará instalada nos mesmos edifícios que hoje se encontram (número 8) e englobará também o antigo pátio de cana (número 7), que servirá para o recebimento e logística de peças e veículos da empresa. Pequenos anexos ligados à esses edifícios foram demolidos pois mostravam-se insalubres e prejudicavam a circulação do local. Assim, as atividades que funcionavam nestes anexos foram transferidas para o menor dos edifícios do então grupo 8, configurando-o então como um novo edifício administrativo e as atividades de produção continuam locadas no maior edifício deste grupo, de maneira similar ao funcionamento atual. É importante ressaltar que a área da empresa, por apresentar um funcionamento diverso e atividades específicas, embora simples e restritas a um espaço, podem oferecer riscos aos desavisados. Assim, através do projeto paisagístico, foram criados elementos que barrassem de alguma forma os pedestres. Mudanças de piso, caminhos passando sempre externamente à essa área e barreiras vegetais foram impostas para garantir tal segurança.

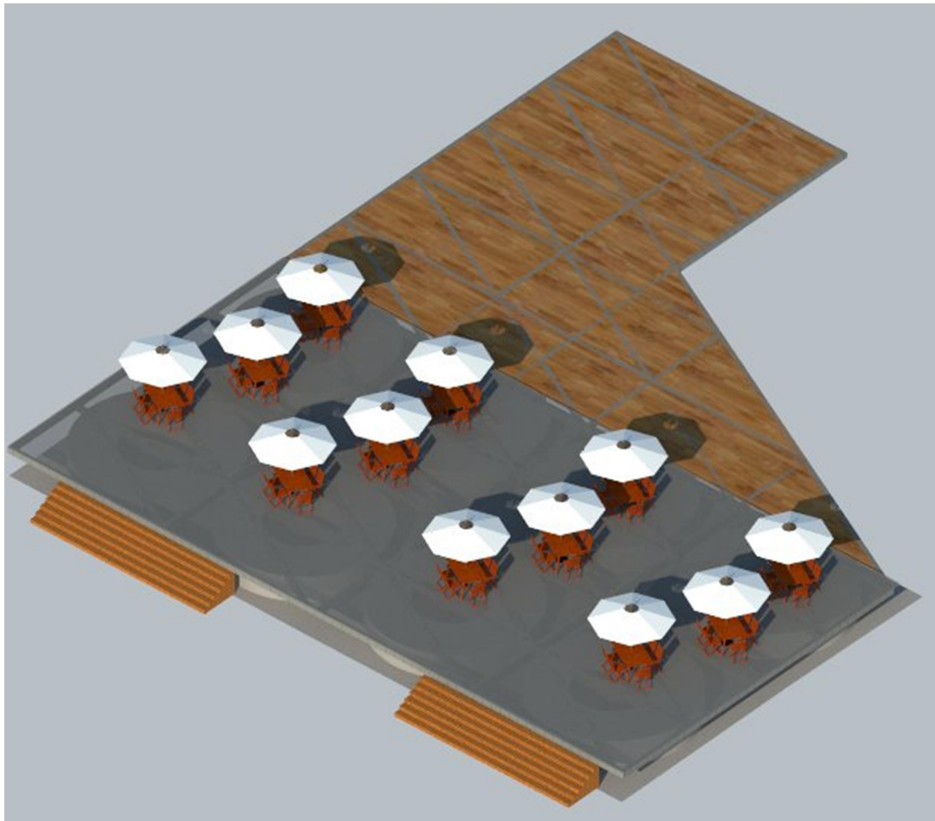
Ainda sobre essa entrada, é através dela que se acessa uma área lateral (número 4), locada no limiar no parque, designada à caminhadas e atividades dinâmicas. Enquanto o eixo central funciona como um caminho de contemplação, onde o observador tem visão dos diversos pontos do parque; a área de atividades lateral apresenta trilhas e pistas de caminhada por entre a vegetação. Pela grande quantidade de árvores, esta área poderá oferecer atividades que tomem esta característica como partido, como por exemplo, esportes de arborismo, tirolesa, ou slackline. Vale ressaltar que para determinação das massas vegetais, estudou-se a arborização original, mantendo as árvores ali presentes e adicionando novos exemplares.

Ao final desses percursos, na área lateral às antigas esteiras (representadas pelo número 20), apresenta-se um espaço de permanência com bancos e mesas por entre as árvores. Neste ponto, é possível a ligação com a parte posterior do parque; onde ficam propostas a criação de novas áreas esportivas em alguns espaços hoje em ruínas (número 9); e com as pistas de caminhada que deverão se estender até a área dos grandes lagos.

Na parte posterior da área, chega-se ao fim do caminho lateral e então temos um novo grupo de edifícios. Destes, como antes citado, o grupo de edifícios de número 9 receberá funções esportivas, e ao seu lado, o edifício 10 assumirá a função de vestiários, em um novo conjunto de sanitários, além da instalação de uma praça de alimentação. Para conformar essa praça, as bases de concreto identificadas pelo número 18, receberão uma estrutura translúcida em aço e vidro,

formando assim um deck equipado com de mesas e cadeiras. Essa nova intervenção possibilita que o público observe as bases enquanto permanece sobre elas, além de protegê-las das intempéries climáticas, trabalhando dessa forma na sua preservação.

Figura 63- Detalhe das estruturas das bases interligadas ao edifício 14



Fonte: A autora (2016).

Ao lado dessa praça, está localizado o edifício de número 14 que, para atender ao desejo da população, apresenta como diretriz a instalação de um pequeno cine- teatro. Neste, o palco será reversível, podendo desta forma, acontecerem as apresentações voltadas também à praça das bases.

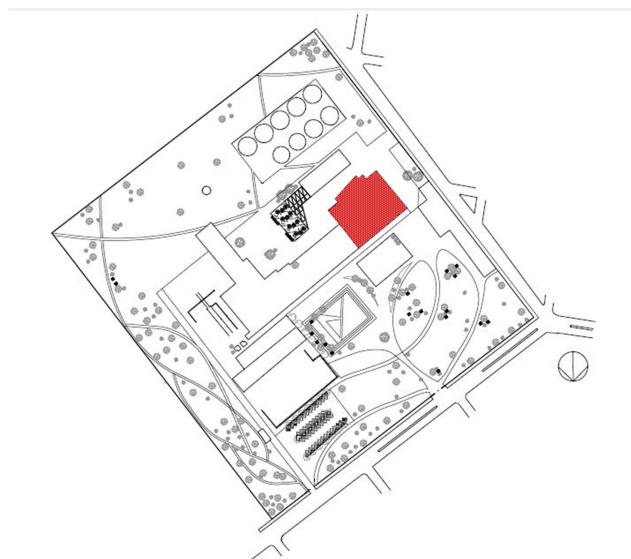
Por fim, como elemento de viabilização de todas as atividades anteriormente propostas, é deixado como diretriz um novo projeto de iluminação, para que a área ofereça segurança e conforto aos seus usuários. O projeto de iluminação deverá, da mesma forma que as outras intervenções, dar destaque às características históricas do conjunto, evidenciando as novas relações das estruturas criadas para com o monumento presente.

8.2 O Centro de Formação Técnica

Durante o processo das entrevistas ficou evidenciado pela população a demanda por um centro de ensino técnico, pois um grande número de pessoas costuma deslocar-se de Rio das Pedras para as cidades vizinhas à procura de tal formação. Assim, implanta-se nesse projeto um Centro de Formação Técnica, o qual oferece cursos voltados à formação industrial. Ainda, após contatos com as principais indústrias rio-pedrenses, averiguou-se as reais necessidades de formação de seus funcionários, e com isso foi possível desenvolver um programa voltado ao desenvolvimento dos cursos de Soldagem, Usinagem, Línguas e Informática.

Dessa maneira, foram escolhidos os antigos armazéns de açúcar para receber tais atividades. A escolha é justificada ao associarmos os seus 2285 m² de área livre 12 metros de pé direito, que possibilitam grande flexibilidade na implantação das diversas formas de uso.

Figura 64- Implantação do Centro de Formação Técnica



Fonte: A autora (2016).

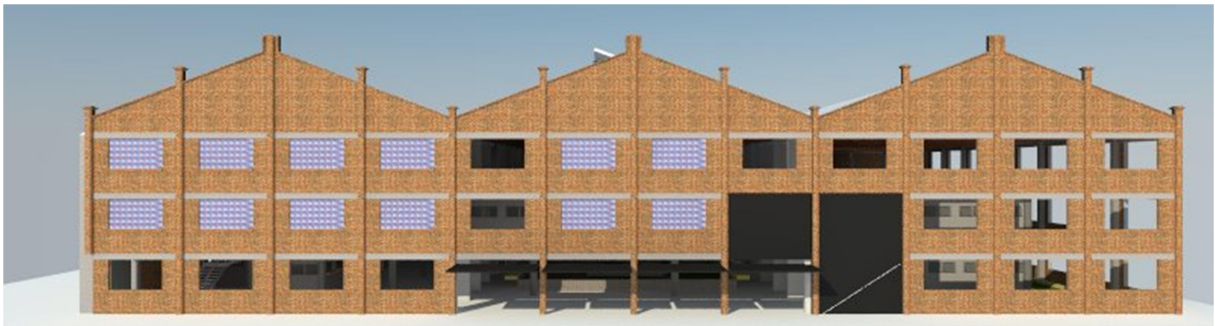
O tratamento das superfícies, assim como no SESC Pompéia, se mostrou imprescindível. Por consequência os revestimentos internos das paredes foram removidos, deixando exposta a materialidade original.

Neste mesmo sentido, as caixilharias e tesouras remanescentes no edifício receberam também ações de recuperação. Estas se mostram como elemento

amplamente replicado por todo o complexo industrial e devem, neste projeto, ficar em evidência em meio às novas estruturas.

A fim de tornar viável o novo uso, as vedações que separavam os barracões internamente foram retiradas, ampliando a área e deixando a modulação das vigas e dos pilares de concreto expostas, permitindo assim, a união entre os barracões e o uso total da área. Um novo eixo de acesso é criado, onde quatro novas portas basculantes que se abrem na superfície do barracão central. Estas se dimensionam através da modulação original da parede, configurando-se em aberturas de 4,10m x 2,65m. As aberturas das antigas portas ainda ficam evidentes, porém vedadas com o mesmo material das novas portas (aço na cor preta).

Figura 65- Entrada principal



Fonte: A autora (2016).

Como em todo projeto de readequação, a compatibilização dos novos ambientes à espaços anteriormente concebidos para funções totalmente distintas das aqui propostas, apresenta problemáticas. Neste caso particularmente, a dificuldade encontrada consistia em ventilar e iluminar principalmente o espaço central do volume.

Posto isto, em busca da ventilação e insolação necessárias ao desenvolvimento de atividades educacionais, o projeto se desenvolve no perímetro do edifício, onde é proposta a reabertura dos vãos, que outrora se encontravam janelas, e em algum momento de sua ocupação, foram fechados por alvenaria. O prédio passou então a se configurar como uma casca, com múltiplas aberturas nas paredes laterais e na parede frontal.

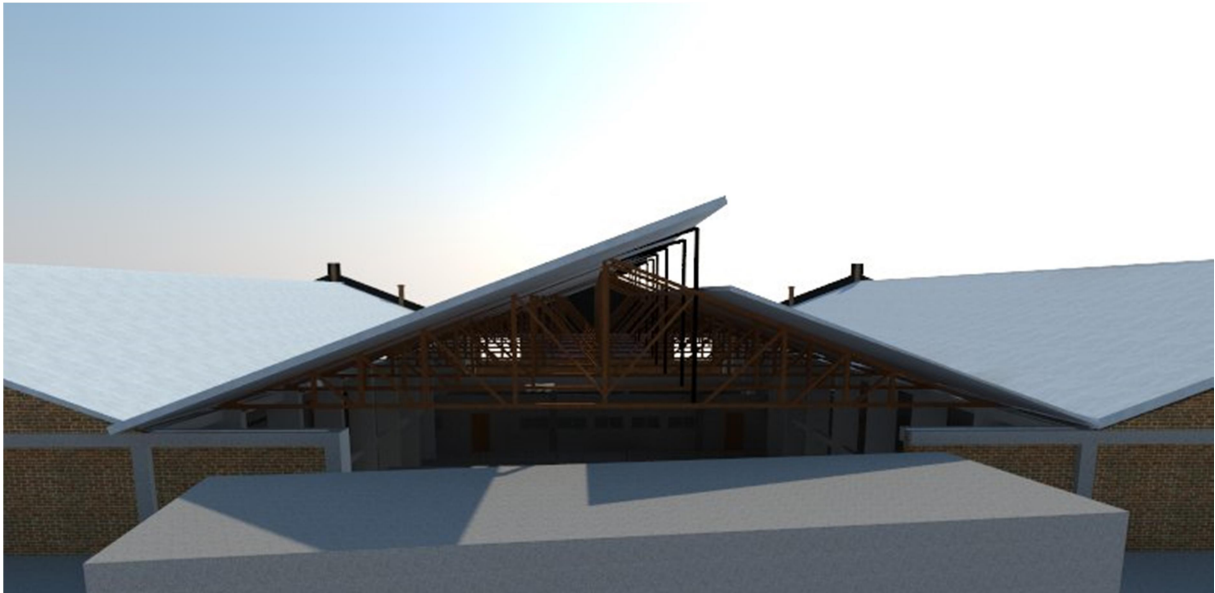
Figura 66- Detalhe da lateral do edifício, com os vãos reabertos.



Fonte: A autora (2016).

Ainda neste contexto, as tesouras da porção central do espaço receberam a adição de uma estrutura metálica, configurando assim um *shaft* para iluminação e ventilação do espaço. Sobre tais tesouras, uma nova cobertura em telhas termo-acústicas é proposta, reforçando assim as condições de conforto do local.

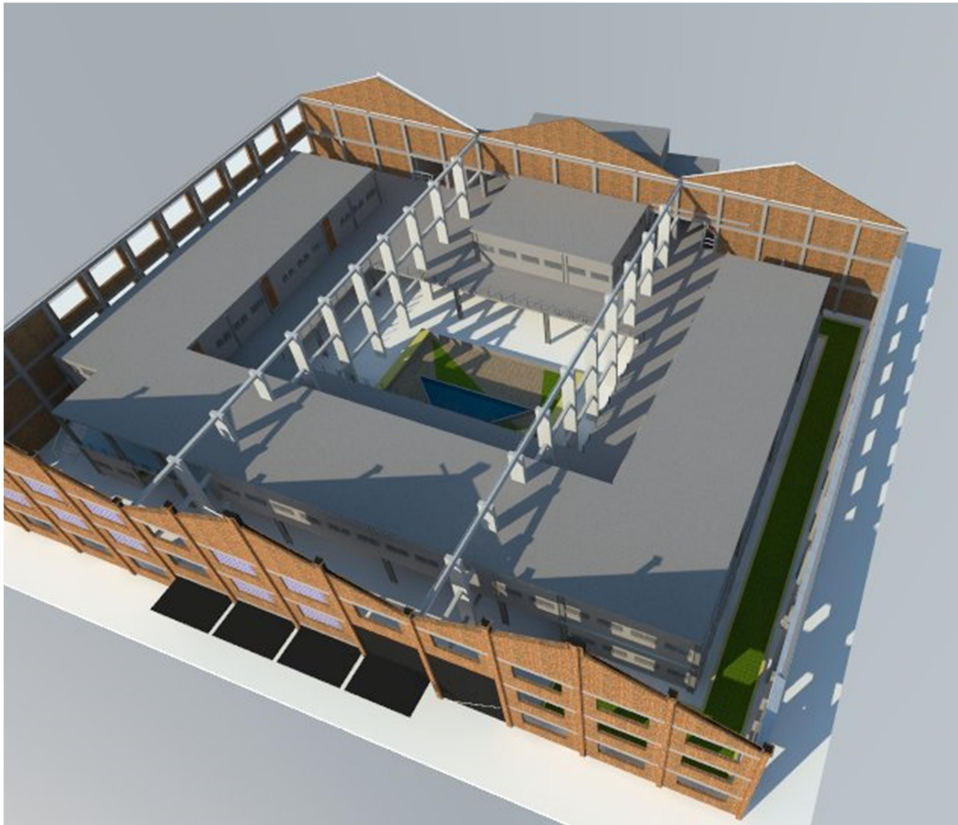
Figura 67- Detalhe dos *shafts* de iluminação e ventilação das tesouras



Fonte: A autora (2016).

O projeto constitui-se perimetralmente ao volume, no entanto suas intervenções não são encostadas nas paredes do edifício original. Buscando a contemplação desta estrutura, decidiu-se que essas deveriam dar-se afastadas das originais, trabalhando assim como dois elementos volumétricos e estruturais independentes entre si.

Figura 68- Vista superior dos blocos, evidenciando o afastamento das estruturas originais.



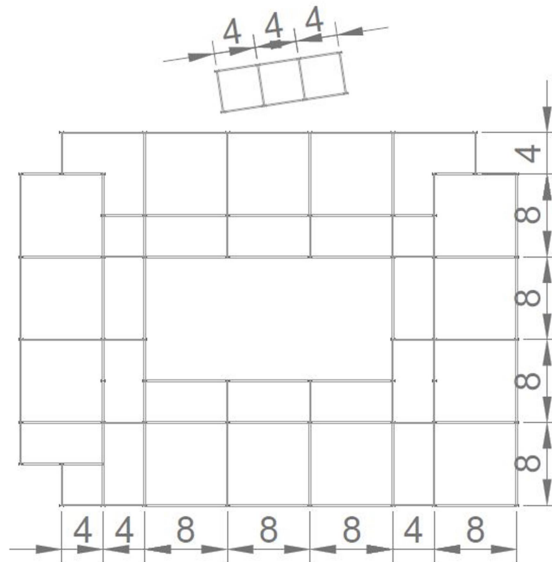
Fonte: A autora (2016).

Portanto, o novo volume para comportar o programa educacional começou a configurar-se. Este apresenta materialidade diferente da original, conferindo distinguibilidade à intervenção. Apesar de distinguível, a escolha do seu sistema estrutural e de vedação foi concebida a partir dos conceitos de modulação e racionalidade, sendo estes bastante característicos na construção industrial.

Assim, é proposto que a estrutura dos novos volumes seja metálica. Esta é modulada, composta por pilares de 3 metros de altura que foram dispostos de maneira a vencer, juntamente com as vigas, vãos de 4m e 8m. Os perfis soldados seriam dimensionados da seguinte forma: para os pilares, perfis em “I” de 20cm x 40

cm; para as vigas que vencem os vãos de 4m , perfis “I” de 12cm x 25 cm; e para as vigas que vencem os vãos de 8m, perfis de 16x35 cm.

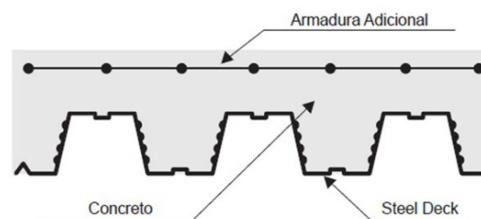
Figura 69- Modulação estrutural.



Fonte: A autora (2016).

As lajes, seguindo os mesmos princípios, se conformariam no sistema de *steel deck*. Neste uma capa de concreto reveste uma telha galvanizada, que atua como fôrma para o concreto e fôrma positiva para as cargas. Como vantagens, apresenta a perfeita interação entre esta e as outras estruturas metálicas, garantindo estanqueidade e isolamento térmico, além de resistência prolongada em casos de incêndio. Por ela passam-se facilmente os canos, forros e fios elétricos, garantindo um melhor acabamento.

Figura 70- Esquema de funcionamento da laje *Steel Deck*.



Fonte: < <http://www.vaolive.com.br/produtos.html> >. Acesso em 4 jan. 2016.

Para a vedação e conformação dos ambientes optou-se pelo uso de placas cimentícias. Estas oferecerem montagem rápida e simples, além de alta resistência às agressões externas (sol e umidade), adequando-se às necessidades deste projeto, visto que as aberturas da estrutura original permanecerão sem nenhum fechamento. Tem a vantagem de oferecer isolamento acústico, térmico e proteção ao fogo. Por elas passam facilmente as instalações elétricas e hidráulicas, que correm por entre os trilhos da estrutura. Desta forma, estas placas foram aplicadas através de módulos que respeitassem a sua dimensão padrão (1,20 m x 2 m). Nestas foram propostas uma série de aberturas, para que assim os ambientes pudessem ser iluminados e ventilados. Assim ao utilizarmos este tipo de modulação apresentamos ambientes flexíveis que podem ser alterados durante a vida útil do centro de formação, não engessando o programa e permitindo os mais diversos layouts. Quanto à materialidade, estas não receberiam revestimentos, apresentando assim, seu material original (concreto).

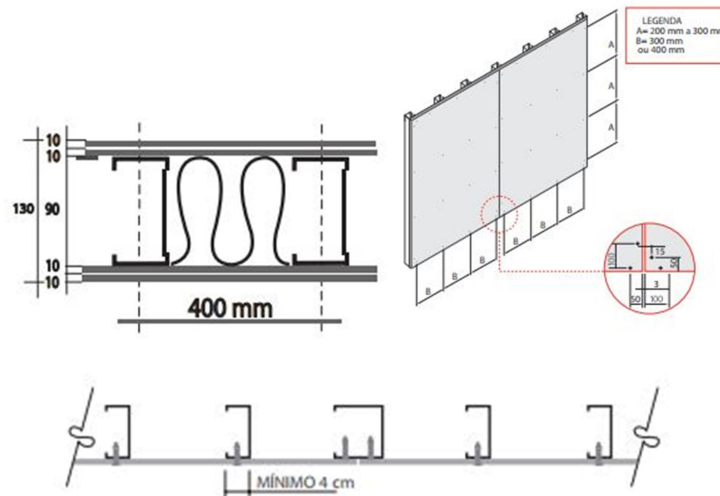
Conclui-se assim que a escolha por métodos pré-montados e racionalizados tem o intuito de desenvolver uma construção mais rápida e limpa, além de apresentar total reversibilidade da intervenção.

Figura 71- Detalhe das placas cimentícias.



Fonte: A autora (2016).

Figura 72- Especificações técnicas das placas cimentícias.



Fonte: Eterplac. Disponível em:
<<http://www.eternit.com.br/downloads/catalogos/eterplac.pdf>> Acesso em 05 jan. de 2016

Dessa maneira, utilizando-se desses sistemas é desenvolvido o programa interno dos ambientes para Centro de Formação Técnica, divididos conforme a Tabela 6.

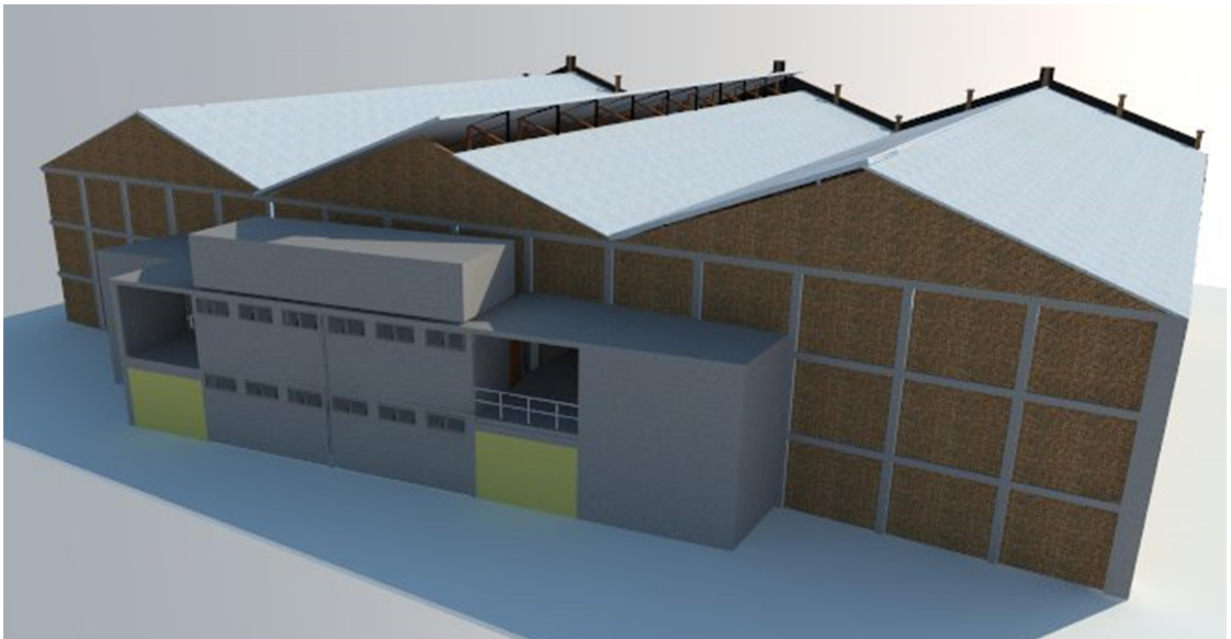
Tabela 6- Tabela descritiva dos ambientes

Pavimento	Ambiente	Quantidade	M ²
Primeiro/ Segundo	Laboratório Prático	06	64
Primeiro/ Segundo	Sala de Aula	04	64
Primeiro/Segundo	Sala de Conferência	02	32
Primeiro/ Segundo	Laboratório de Informática	02	64
Primeiro/ Segundo	Almoxarifado Informática	02	32
Primeiro/Segundo	Depósito	03	04
Primeiro	Cozinha	01	32
Primeiro	Cantina	01	16
Primeiro	Área de Lavagem	01	12
Primeiro	Secretaria	01	48
Segundo	Dep. Mat. Pedagógico	01	16
Segundo	Almoxarifado	01	16
Segundo	Sala de leitura	01	96
Segundo	Coord. Pedagógica	01	16
Segundo	Vice- Diretoria	01	16
Segundo	Diretoria	01	48
Segundo	Recepção Diretoria	01	32
Segundo	Sala dos professores	01	48
Segundo	Copa	01	16
Segundo	Sanitários Professores	01	32
Segundo	Sanitários Diretoria	01	16

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

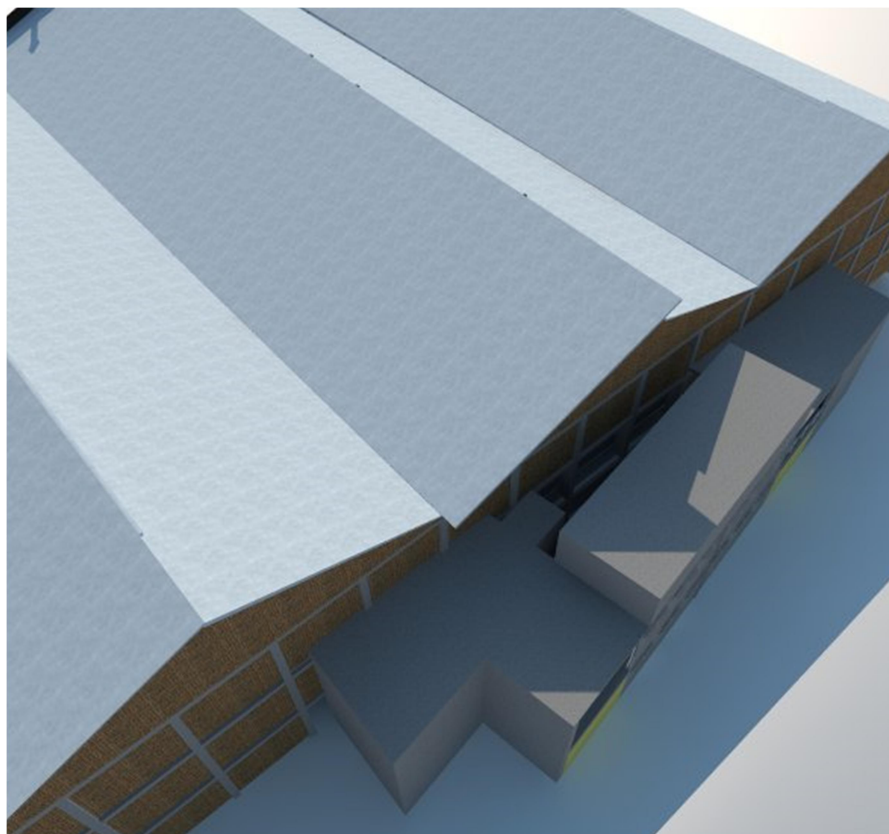
É possível avaliar por essa tabela, que não constam no interior da estrutura histórica o bloco dos sanitários que atende os alunos. Isso porque essas áreas, denominadas molhadas, necessitam ser ventiladas e iluminadas em maior quantidade. Assim, este bloco foi deslocado para um novo volume externo, estando este locado na face oposta à entrada principal do edifício. Nesta parede portanto foram locadas todas as áreas molhadas da estrutura interna, e espelhada a elas, no exterior do edifício, constituiu-se o bloco dos sanitários. Por essa face também abrem-se acessos para o lado externo, que passam pelo bloco sanitário chegando ao outro lado do parque. Através da rotação do bloco sanitário externo forma-se entre este e a área molhada interna, novamente um *shaft* com a função de ventilar tais ambientes. Neste bloco é encontrada também a circulação vertical dos pavimentos, apresentando duas escadas e dois elevadores acessíveis, além de dois depósitos.

Figura 73. Blocos sanitários externos



Fonte: A autora (2016)

Figura 74. Detalhe da abertura para ventilação das áreas molhadas



Fonte: A autora (2016).

Portanto, forma-se um pátio neste eixo que vai das portas de entrada principais até as saídas da face oposta. Este recebeu o projeto de um jardim, que conta com um espelho d'água formado por dois elementos triangulares, de níveis diferentes, onde portanto, se dá uma pequena queda d'água. Os jardins estão presentes também entre as salas e as paredes da estrutura original, formando uma pequena barreira entre o exterior e o interior. Para esse jardim central abre-se também o mezanino do pavimento superior. Este, volta-se para o interior do edifício e também para o lado externo, através de duas varandas abertas para o lado oposto do parque.

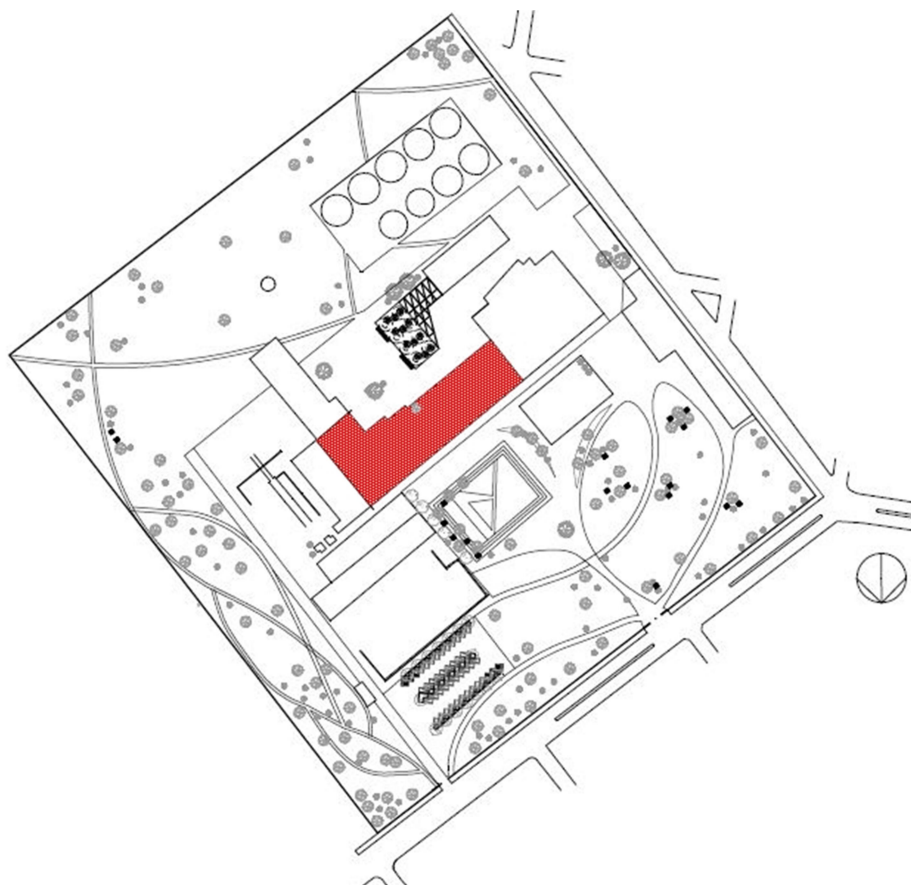
Em suma, conclui-se que o novo projeto apresenta um amplo programa dividido em dois pavimentos, sendo estes interligados pelo pátio coberto e pelo mezanino, e que parte dessas novas intervenções acabam se exteoriando em um novo volume, este se apresentando, como marco visual da intervenção proposta.

8.3 As ruínas

Quando a área foi inventariada, pôde-se observar que boa parte dos edifícios que antes abrigavam as estruturas de produção do açúcar, ou seja, a parte da fábrica em si, estava em situação bastante deteriorada. Todo o seu telhamento havia caído, assim como as tesouras que o sustentavam. Os caixilhos mostravam-se enferrujados e a maioria dos vidros estavam quebrados.

Apesar do abandono e da deterioração, o espaço modificado pelo homem e pelo tempo nunca se mostrou ofensivo ao observador, muito ao contrário. Este oferece uma ambiência diferente e muito interessante. O pé direito alto e aberturas constantes e ritmadas, as estruturas vazadas, a não cobertura, e a apropriação dos elementos naturais fazem deste um espaço intermediário entre o exterior e o interior.

Figura 74- Implantação das ruínas



Fonte: A autora (2016).

Figuras 75, 76, 77e 78- Área das ruínas.



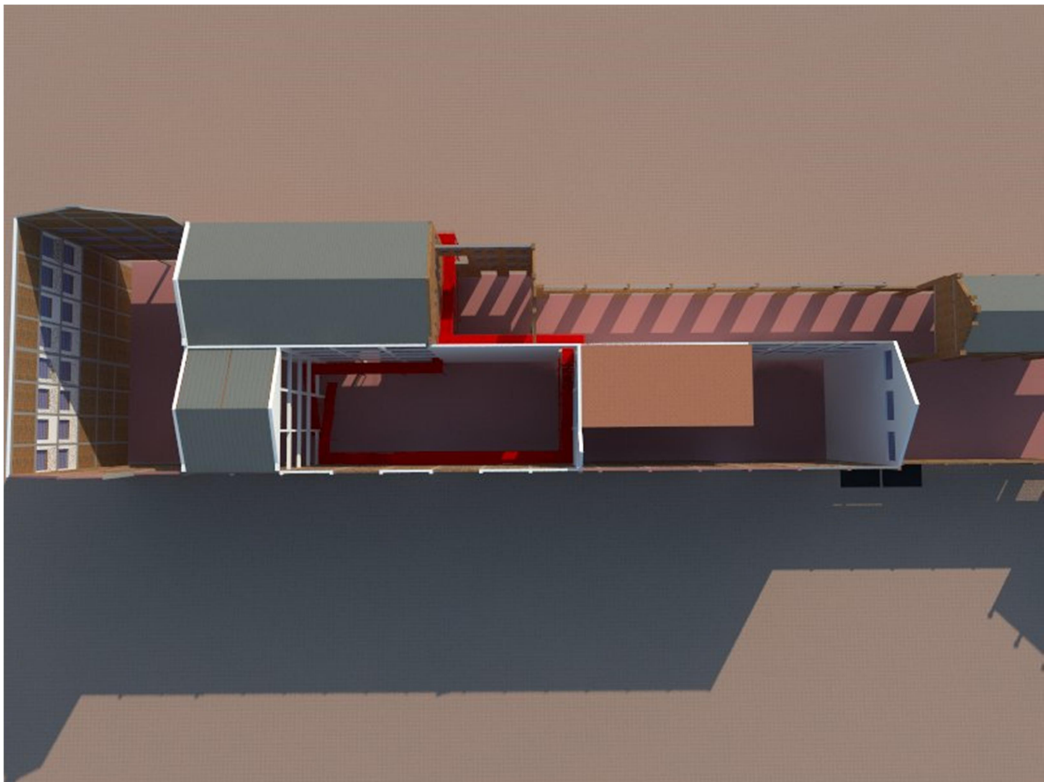
Fonte: A autora (2015).

Com isso, para este projeto foi decidida a apropriação destes edifícios da maneira como se encontram, conservando a pátina e não buscando reconstituir o que o tempo transformou. Havia no entanto a preocupação de que essas estruturas pudessem ruir, colocando em risco a segurança dos visitantes. Dessa maneira, o caso foi levado para a análise de engenheiros estruturais, na qual ficou constatada que a utilização desta era segura. A análise observou que no momento histórico em que as estruturas foram concebidas, os componentes dos edifícios- telhados, paredes, lajes - eram estruturalmente dimensionados de maneira a se auto- portar, ou seja, um sistema não necessitava da colaboração de outros para manter-se estável. Assim, neste caso, a falta da cobertura não compromete a estabilidade do conjunto, e este não apresenta risco de queda. Assegurada dessa maneira a estabilidade e segurança do conjunto, traçam-se para este novas diretrizes de intervenção .

Dessa maneira, uma primeira limpeza deveria ser realizada, retirando todo o entulho e as ervas daninhas. A vegetação mais consolidada seria mantida, assim como os canos, equipamentos e máquinas que ainda encontram-se no local. Dessa forma a própria limpeza teria a função de evidenciar a pátina e as ações do tempo nas estruturas.

O espaço se conforma então, como lugar de contemplação e para que esta possa ser dada também em outros níveis, implantam-se passarelas e pontos de observação por entre as ruínas. Estas são materializadas em estrutura metálica, que atingem até dez metros de altura em percursos e permanências voltados para as duas faces do parque. A partir dessas portanto, o visitante consegue observar a paisagem de ambos os lados, tanto da cidade, quanto dos grandes lagos, além da visão completa de todo o parque.

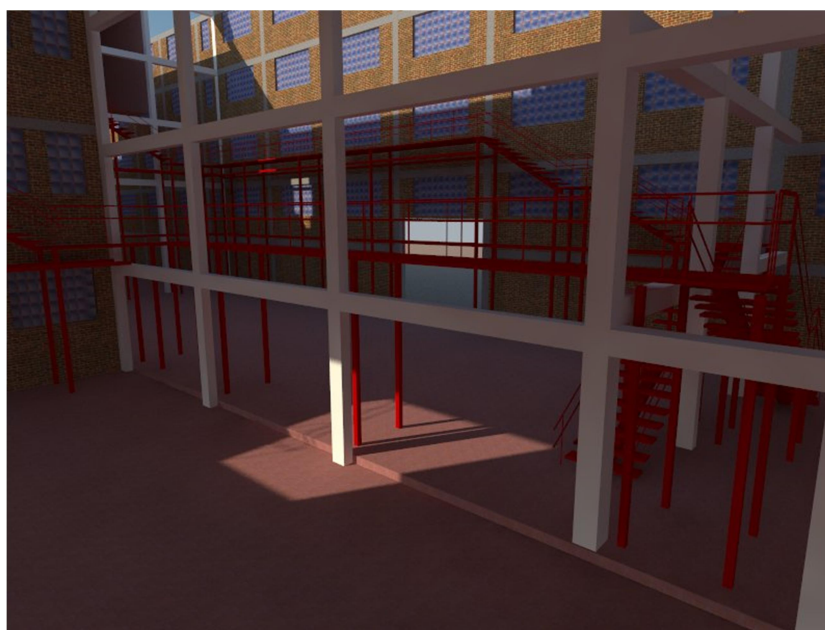
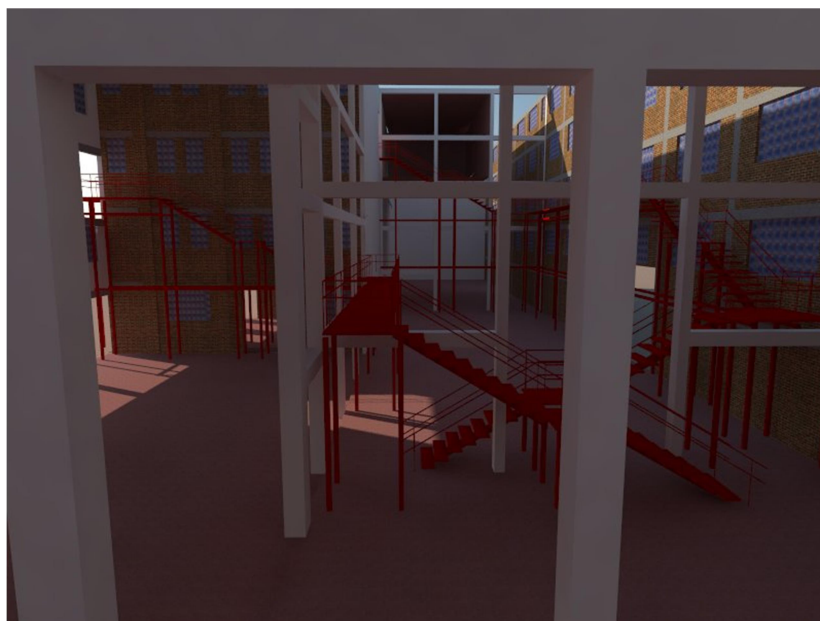
Figura 79- Vista superior da implantação das passarelas



Fonte: A autora (2016).

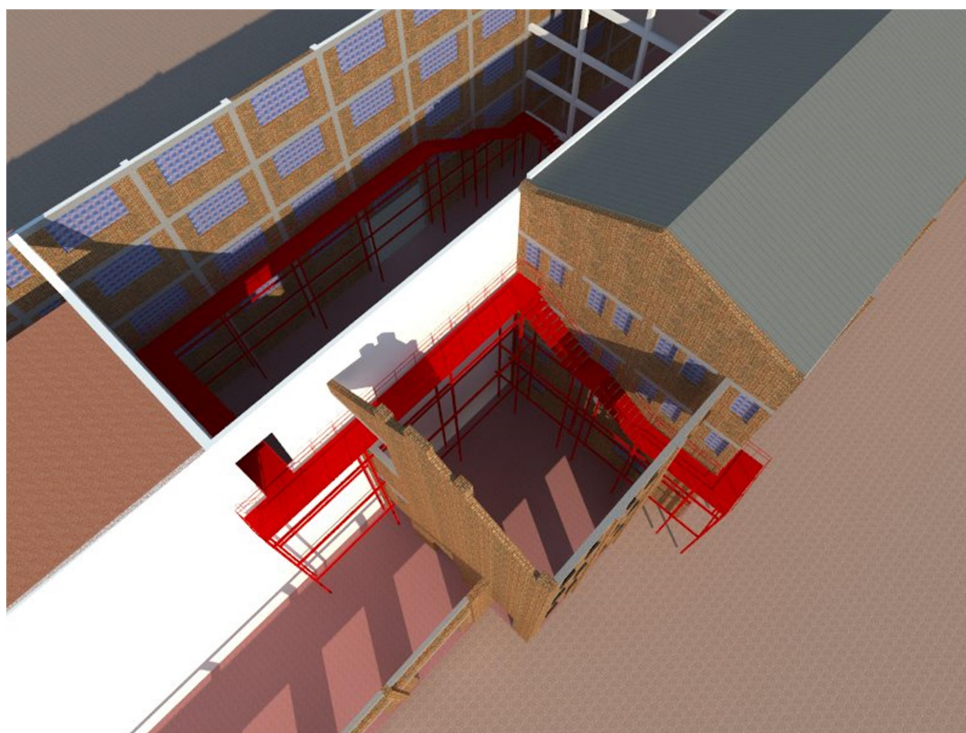
Quanto a sua materialidade, diferenciam-se do contexto original por sua cor forte, pelo material metálico utilizado, e pelo desenho de seus percursos. Oferece assim ao conjunto novos ritmos, que acabam por valorizar os ambos momentos históricos presentes no espaço.

Figuras 80 e 81 – Perspectivas internas da intervenção



Fonte: A autora (2016).

Figuras 82 e 83 – Perspectivas externas do conjunto



Fonte: A autora (2016).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar dos suportes materiais da história e da memória de uma população, uma série de cuidados deve ser tomada para que estas sejam preservadas.

De tal forma, ao abordar neste trabalho o edifício como testemunho material da história, um aprofundado estudo das condicionantes, somado à análise cuidadosa das teorias da restauração, compreensão e levantamento das questões do patrimônio industrial e da conformação sócio espacial da área fizeram-se necessários, para que a partir destes um novo projeto fosse elaborado. Neste, foram propostas, portanto, estruturas com objetivo de requalificação e valorização do ambiente.

Assim, o projeto de requalificação da área da Usina Bom Jesus envolveu muito mais que a mera compreensão das estruturas físicas deste espaço. A compreensão da história embutida à elas, ao seu entorno e principalmente, dos anseios da população figuraram como principal determinante das ações no projeto, conformando ao final, um projeto voltado ao dia- a- dia da população rio-pedrense.

REFERÊNCIAS

BARRICHELLO, L. A. **Depoimento escrito em 23 de outubro de 1983, por Luiz A. Barrichello, sobre a fundação da Usina Bom Jesus que traz registrada parte da história da família Barrichello em Rio das Pedras.** Disponível em: <<http://www.luiz.barrichello.nom.br/familiabarrichello/registros/ubj.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

BRANDI.C. **Teoria del Restauro**, Torino, Einaudi, 1977.

Conjunto KKKK e Parque Beira Rio. Disponível em: <<http://brasilarquitectura.com/projetos/conjunto-kkkk-e-parque-beira-rio>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

FERRAZ, M. **Numa velha fábrica de tambores. SESC-Pompéia comemora 25 anos. Minha Cidade**, São Paulo, ano 08, n. 093.01, Vitruvius, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

FRACALOSSI, I. **Clássicos da Arquitetura: SESC Pompéia / Lina Bo Bardi.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. Veneza: 1964.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rio das Pedras.** Disponível em: <<http://www.ibge.com.br/cidadesat/painel/economia.php?lang=&codmun=354400&search=sao-paulo|rio-das-pedras|infograficos:-despesas-e-receitas-orcamentarias-e-pib>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

KÜHL,B.M. **Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação.** São Paulo: Ateliê Editorial: Fapesp: Secretaria da Cultura, 1998.

KÜHL,B.M. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos do Restauro.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

LANDSCHAFSTPARK DUISBURG- NORD. Disponível em: <<http://en.landschaftspark.de/>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

MONTEIRO,M.N. **Retalhos da história de Rio das Pedras.**

NAHAS, P.V. **Conjunto KKKK: Registro SP.** 1996. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br/tde_arquivos/2/TDE-2009-09-04T195105Z-712/Retido/Patricia%20Viceconti%20Nahas6%20v1.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DAS PEDRAS

RIO DAS PEDRAS. Lei Complementar n.2.345, de 13 de outubro de 2006. **Plano Diretor do Município de Rio das Pedras.** Rio das Pedras, 2006.

RIO DAS PEDRAS. Lei Complementar n.2.750, de 09 de janeiro de 2013. **Zoneamento, Uso e Ocupação do Município de Rio das Pedras, e outras providências.** Rio das Pedras, 2013

RIO DAS PEDRAS. Lei Complementar n.2.751, de 09 de janeiro de 2013. **Parcelamento do solo para fins urbanos e outras providências.** Rio das Pedras, 2013.

SHIAVINATO. A.L.C. **Espaço Estação. Intervenção na Esplanada Ferroviária na NOB , Bauru/SP.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso- Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista,2015.

SUBSECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO METROPOLITANO. **Aglomeración Urbana de Piracicaba.** Disponível em: <<http://www.sdmropolitano.sp.gov.br/portalsdm/piracicaba.jsp>>. Acesso em 17 mar. 2015

TICCIH. **Carta Nizny Tagil.** 2003. Disponível em:
<<http://www.patrimonioidustrial.org.br/modules.php?name=News&file=article&sid=29> > . Acesso em:
11 de ago. 2015.

UFSCAR. **Plano Diretor Participativo de Rio das Pedras.** São Carlos, 2006.

ETERNIT. **Eterplac.** Disponível em:
<<http://www.etsnit.com.br/downloads/catalogos/eterplac.pdf>> . Acesso em: 05 de jan. 2016

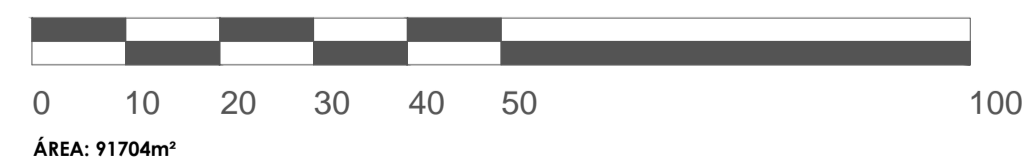
EMOFER. **LajeSteel Deck.** Disponível em:< <http://www.emofer.com.br/laje-steel-deck>> .
Acesso em: 05 de jan. 2016

LEGENDA

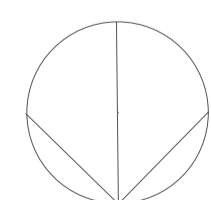
1. ACESSOS
2. CAMINHO CENTRAL
3. CAMINHO LATERAL
4. ÁREA LATERAL- CAMINHADAS
5. ESTACIONAMENTO
6. GUARITA
7. PÁTIO- EMPRESA
8. EMPRESA
9. ÁREA ESPORTIVA
10. ÁREA RECREATIVA
11. LAGO E ÁREA DE PERMANÊNCIA
12. RUÍNAS PRINCIPAIS
13. ÁREA DAS BASES
14. CINE TEATRO
15. CENTRO DE FORMAÇÃO TÉCNICA
16. ÁREA ADMINISTRATIVA
17. GRAMADO/ PERMANENCIAS
18. ÁREA DE APOIO
19. CHAMINÉ
20. ESTEIRA



Planta Baixa

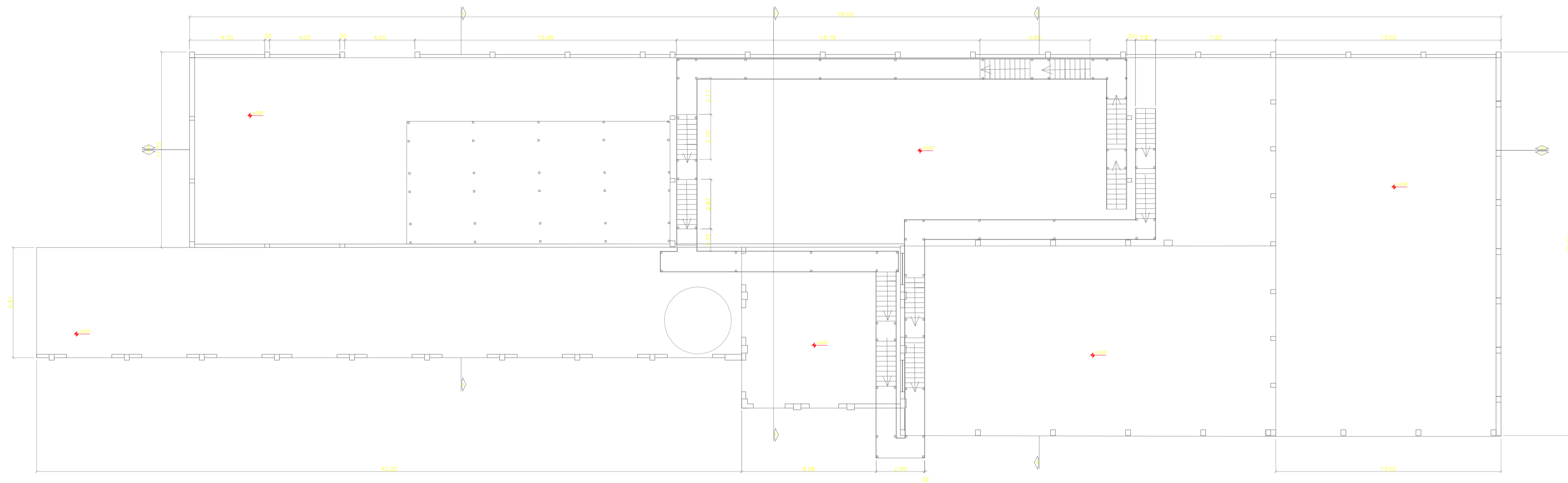


ÁREA: 91704m²

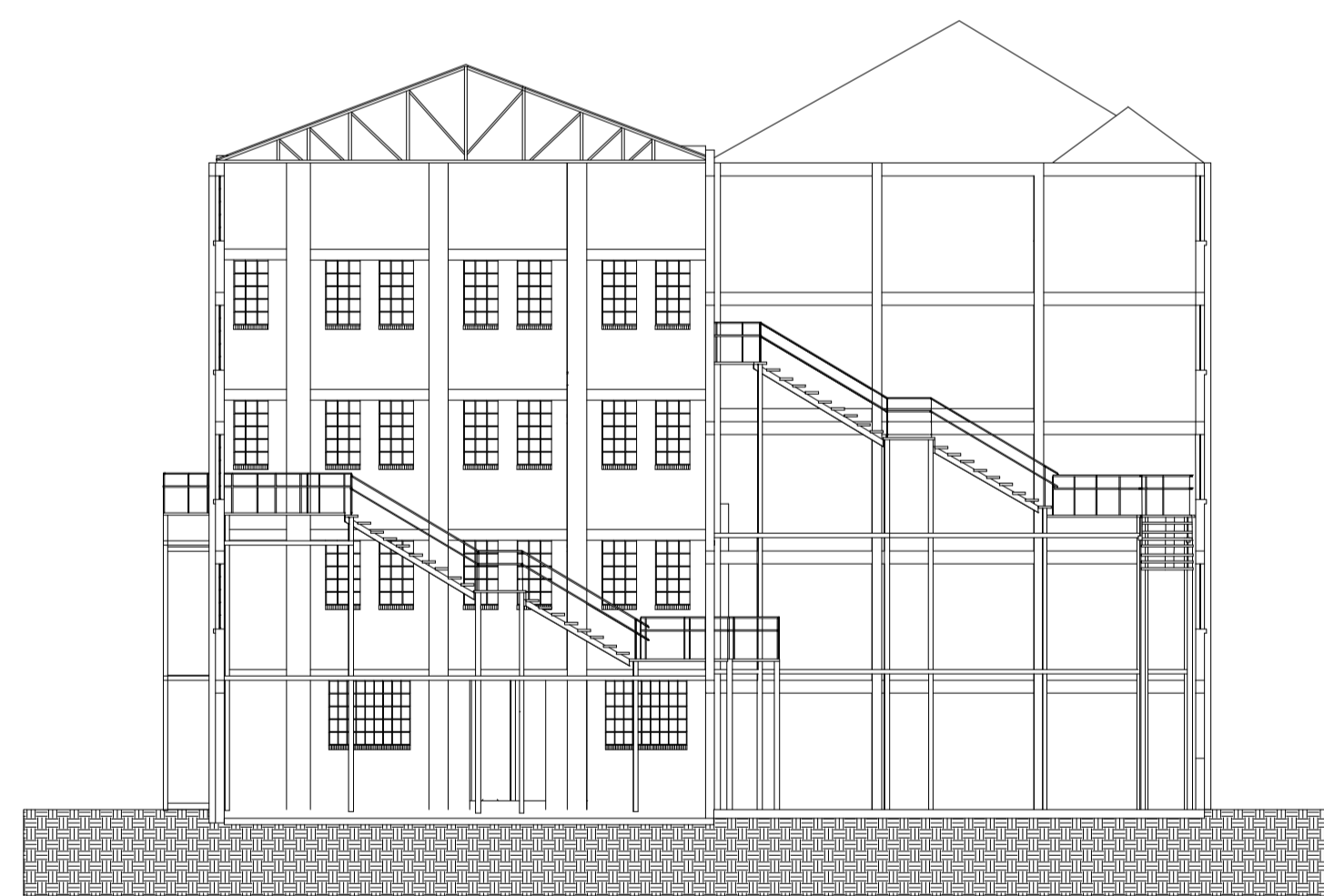


UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
" JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

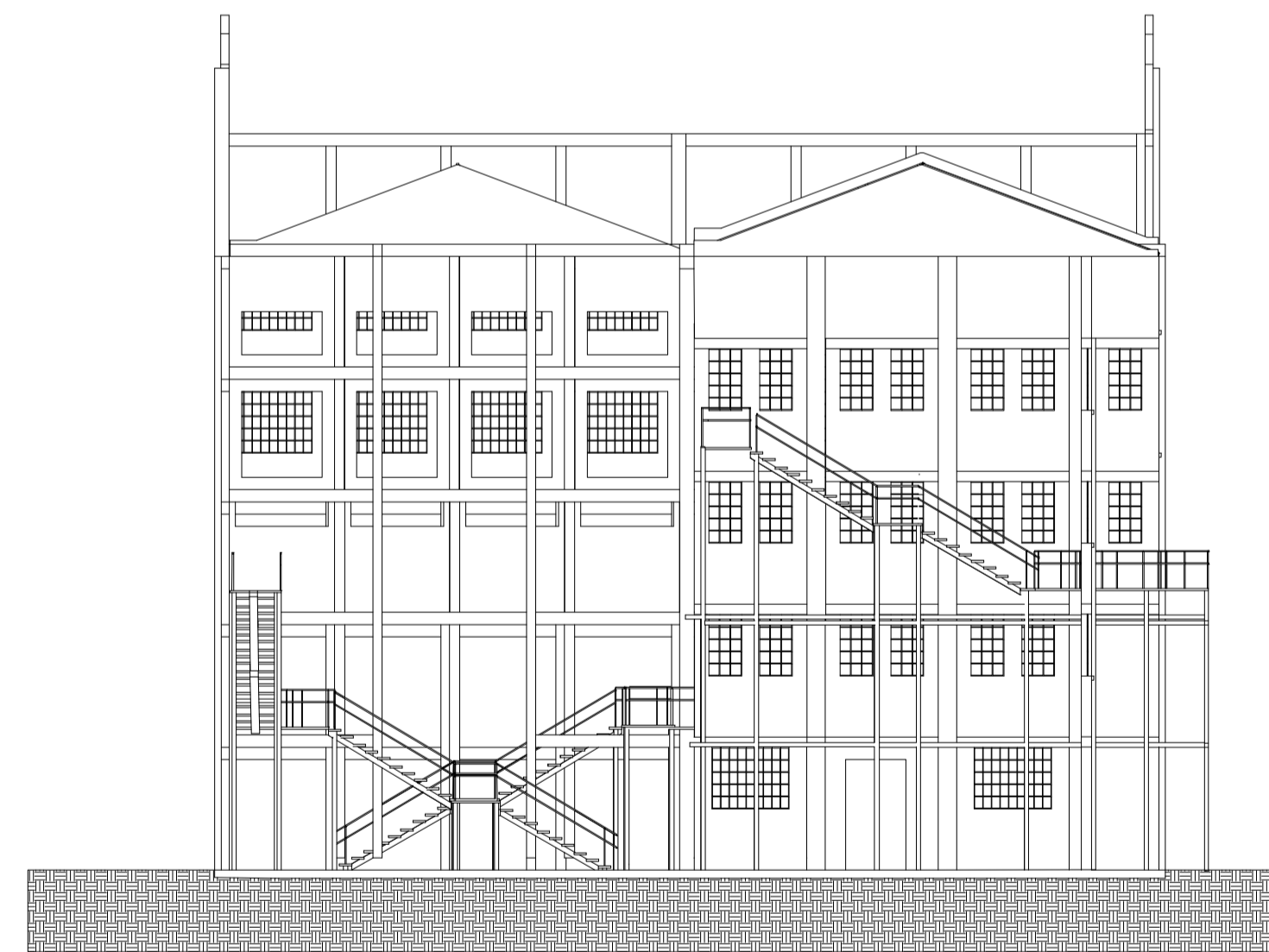
CURSO:	ARQUITETURA E URBANISMO		
DISCIPLINA:	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2		
DOCENTES:	PROF. ORIENTADOR HÉLIO HIRAO PROF. COORIENTADORA ALINE ANHESIM		
DISCENTE:	ALESSANDRA MERLOTTO	RA:	1305697
PLANTA GERAL DO PARQUE	ESCALA:	S/E	DESENHO: 1/6



Planta Baixa 



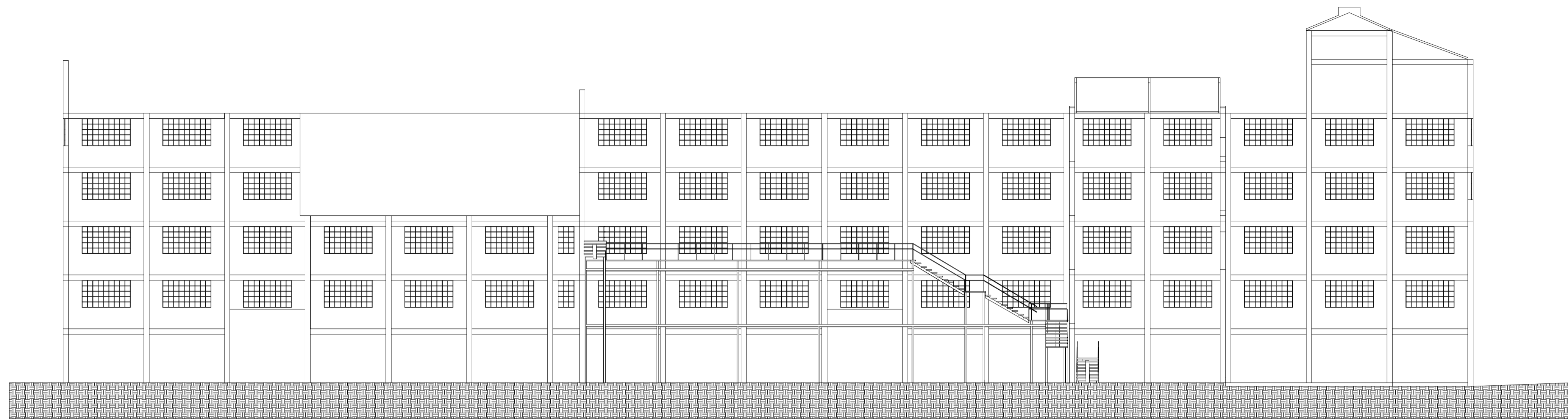
Corte DD



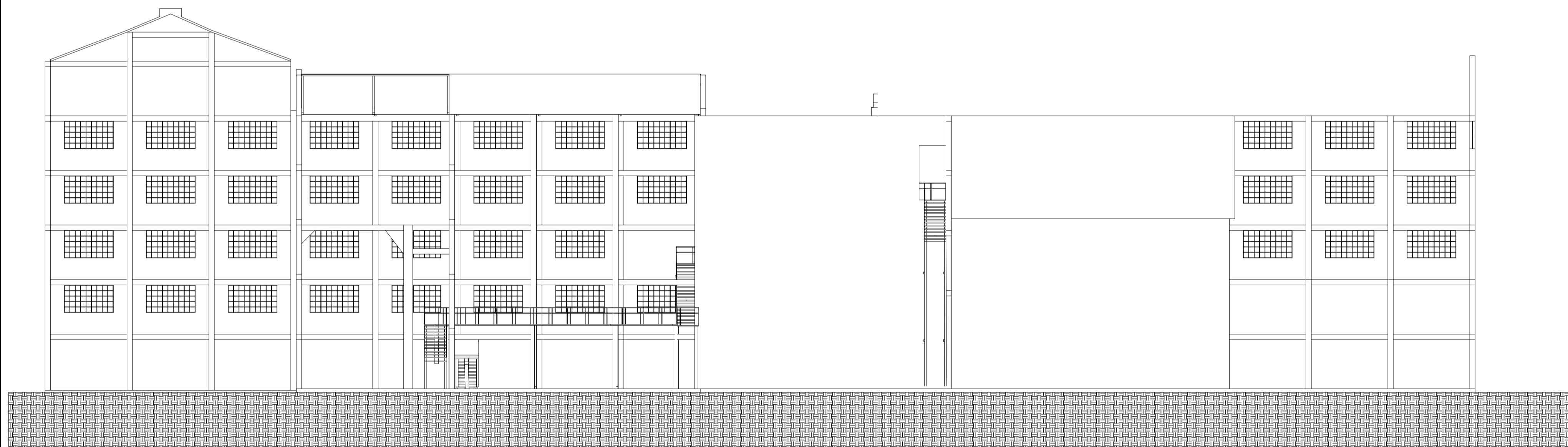
Corte EE

UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
" JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

CURSO:	ARQUITETURA E URBANISMO	RA:	1305697
DISCIPLINA:	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2	ESCALA:	1/150
DOCENTES:	PROF. ORIENTADOR HÉLIO HIRAO PROF. COORIENTADORA ALINE ANHESIM	DESENHO:	2/6
DISCENTE:	ALESSANDRA MERLOTTO	PLANTA BAIXA RUÍNAS/CORTE RUÍNAS	



Corte CC



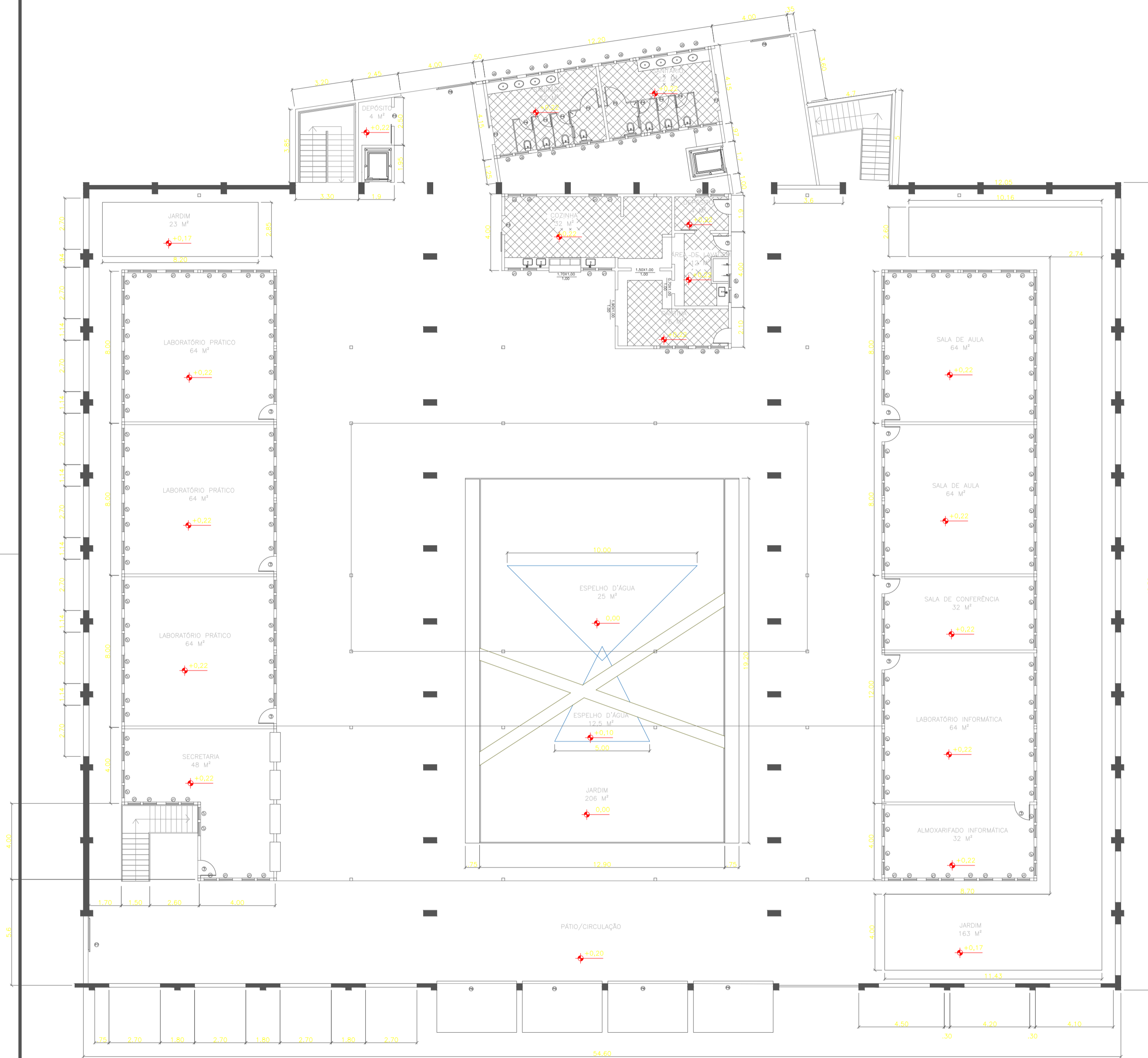
Corte BB



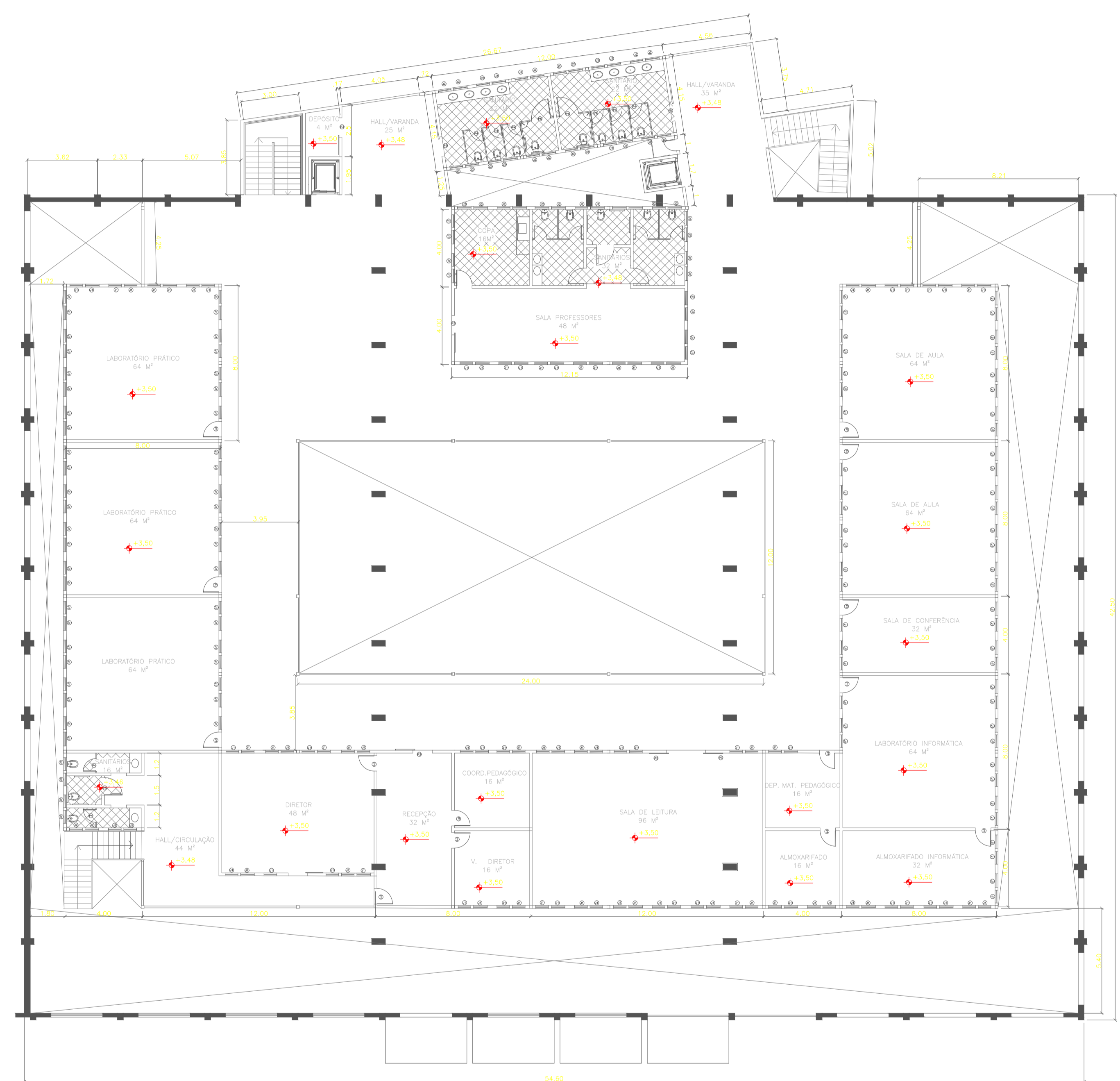
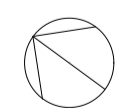
Corte AA

UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
" JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

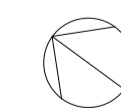
CURSO:	ARQUITETURA E URBANISMO	RA:	1305697
DISCIPLINA:	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2	ESCALA:	1/150
DOCENTES:	PROF. ORIENTADOR HÉLIO HIRAO PROF. COORIENTADORA ALINE ANHESIM	DESENHO:	3/6
DISCENTE:	ALESSANDRA MERLOTTO	CORTE RUÍNAS	



Planta Baixa Pav. Térreo

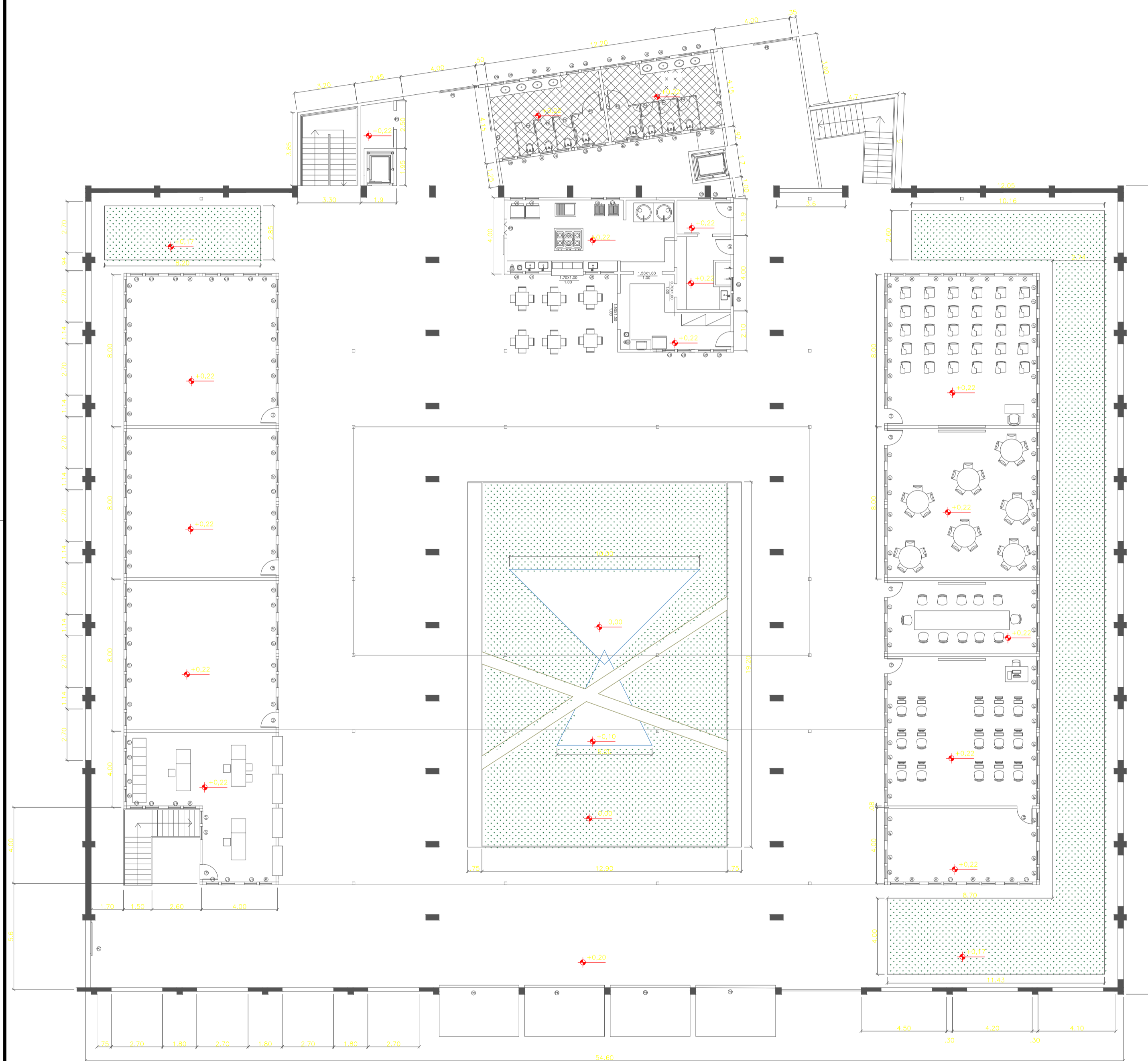


Planta Baixa Primeiro Pav.

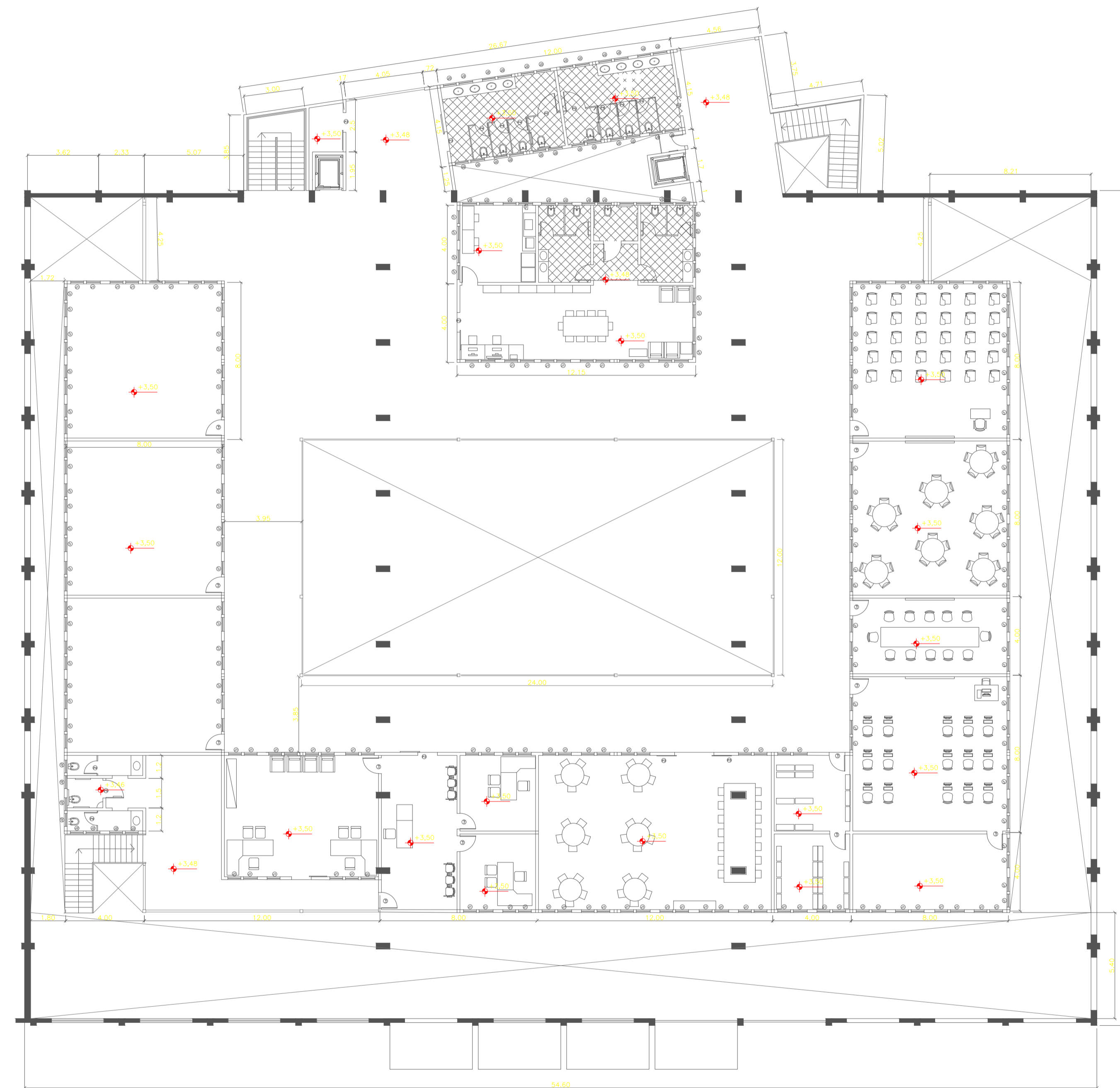


UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
" JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

CURSO:	ARQUITETURA E URBANISMO	R/A:	1305697
DISCIPLINA:	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2	ESCALA:	1/150
DOCENTES:	PROF. ORIENTADOR HÉLIO HIRAO PROF. COORIENTADORA ALINE ANHESIM	DESENHO:	4/6
DISCENTE:	ALESSANDRA MERLOTTO		
PLANTA BAIXA PAV. TÉRREO E PRIMEIRO DO CENTRO DE FORMAÇÃO TÉCNICO			



Planta Baixa Pav. Térreo



Planta Baixa Primeiro Pav.

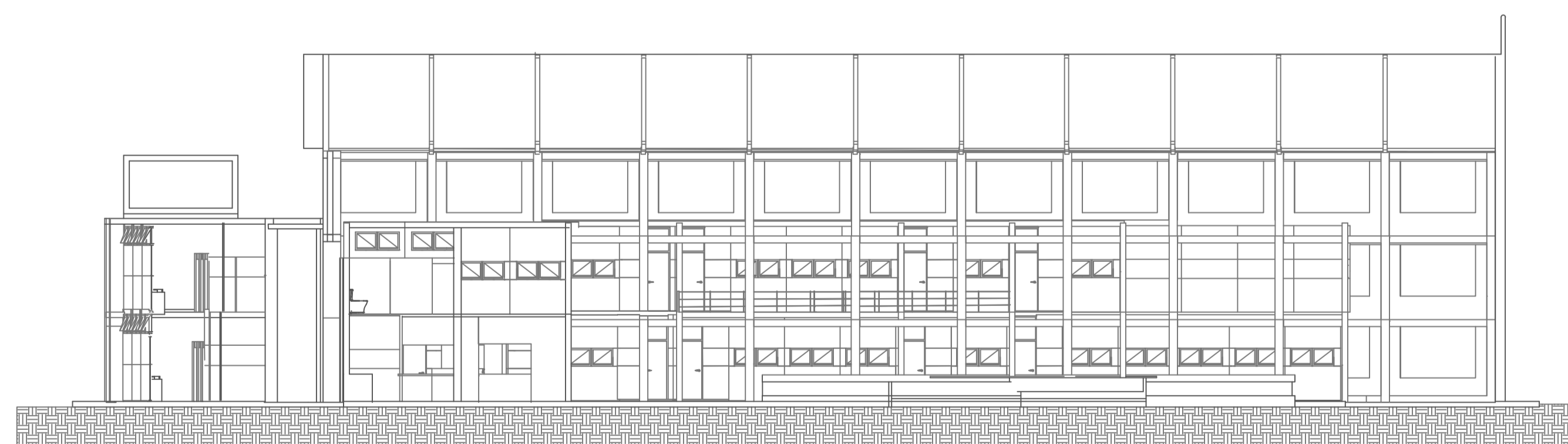


UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
" JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

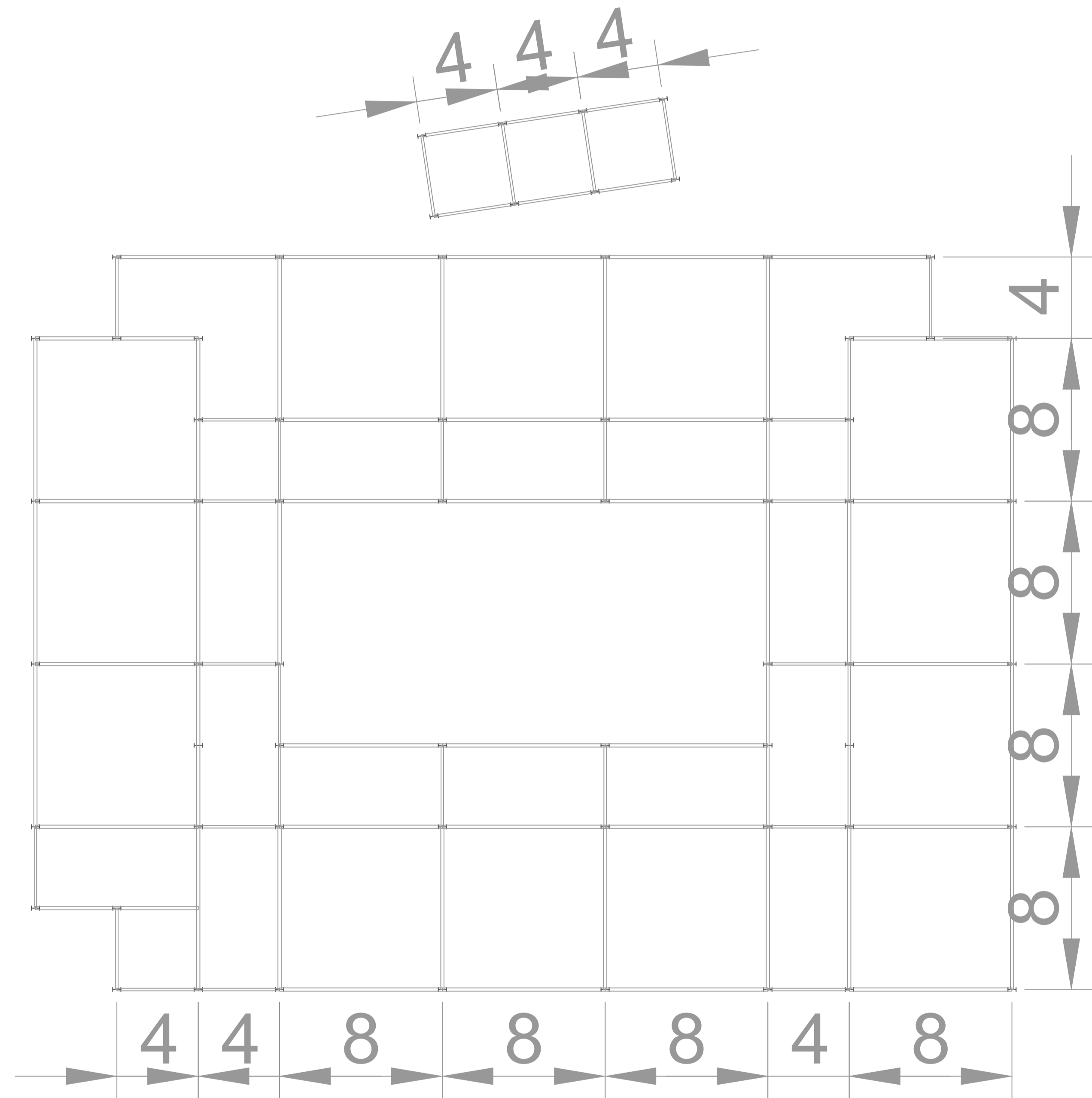
CURSO:	ARQUITETURA E URBANISMO	RA:	1305697
DISCIPLINA:	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2	ESCALA:	1/150
DOCENTES:	PROF. ORIENTADOR HÉLIO HIRAO PROF. COORIENTADORA ALINE ANHESIM	DESENHO:	5/6
DISCENTE:	ALESSANDRA MERLOTTO	PLANTA DE LAYOUT DO CENTRO DE FORMAÇÃO TÉCNICO	



Corte AA



Corte BB



Modulação Estrutural



UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
" JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

CURSO:	ARQUITETURA E URBANISMO	RA:	1305697
DISCIPLINA:	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2	ESCALA:	1/150
DOCENTES:	PROF. ORIENTADOR HÉLIO HIRAO PROF. COORIENTADORA ALINE ANHESIM	DESENHO:	6/6
DISCENTE:	ALESSANDRA MERLOTTO	PLANTA ESTRUTURAL E CORTES DO CENTRO TÉCNICO	